

**MARIA CAROLINA AKEMI SAMESHIMA**

**OS PRIMEIROS CONTORNOS DO NOVO MUNDO:  
OS RELATOS SOBRE A FRANÇA ANTÁRTICA E SOBRE A FLÓRIDA**

**FRANCA  
2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**MARIA CAROLINA AKEMI SAMESHIMA**

**OS PRIMEIROS CONTORNOS DO NOVO MUNDO:  
OS RELATOS SOBRE A FRANÇA ANTÁRTICA E SOBRE A FLÓRIDA**

Dissertação apresentada, para a obtenção do Título de Mestre em História, à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Área de Concentração: História e Cultura Social.

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França (UNESP/Franca)

1º Examinador: \_\_\_\_\_

2º Examinador: \_\_\_\_\_

Franca, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França pela generosidade, dedicação e paciência fundamentais para tornar o resultado final desse trabalho o melhor possível. (A retórica do agradecimento é insuficiente para expressar minha gratidão, por isso os méritos conseguidos por esse trabalho serão sempre dedicados à ele).

Agradeço à Profa. Dra. Denise Aparecida Soares de Moura e ao Prof. Dr. Lélío Luiz de Oliveira pelos apontamentos, sugestões e elogios feitos no exame de qualificação, que auxiliaram no encaminhamento dessa dissertação.

À Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França, pela simpatia e pelas aulas inspiradoras.

Aos meus pais e à minha família.

Aos funcionários da faculdade, pela paciência e atenção, principalmente: Laura Odette Dorta Jardim (Biblioteca) e Maísa Helena de Araújo (Seção de pós-graduação).

Não posso deixar de mencionar os amigos e os colegas da faculdade e agradecê-los por fazer das minhas viagens à Franca bem mais interessantes, principalmente: à Luciana Fontes Parzewski, à Elisa Maria Verona e ao César Agenor Fernandes da Silva, que são únicos e originais por si mesmos.

Ainda, ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) pelo investimento nesse trabalho.

— Péssimo! Sempre a velha história! Ao terminar a construção da casa, notamos que sem nos dar conta aprendemos, ao construí-la, algo que simplesmente *tínhamos* de saber, antes de começar a construir. O eterno aborrecido “Tarde demais!”. — A melancolia de tudo *terminado!*...

(NIETZSCHE, 2007, p. 171)

## RESUMO

Apesar da parca documentação, é notável, no século XVI, o afluxo de franceses em terras americanas os quais partindo, principalmente, das regiões da Normandia e da Bretanha chegaram ao litoral norte ou navegavam rumo às terras do sul, onde poderiam carregar as suas embarcações com peles, pau-brasil, papagaios, macacos e outros animais exóticos bastante apreciados na França, bem como na Europa. Um prova da assiduidade desses navegadores é a festa brasileira em Rouen, organizada em 1550 para homenagear o novo monarca francês, Henrique II, e a sua esposa, Catarina de Médici. Rouen destacou-se entre as outras cidades que receberam o casal real, oferecendo um espetáculo que até então não havia sido assistido na Europa: o cotidiano dos nativos do Novo Mundo. Cinco anos após esse episódio curioso em Rouen, uma expedição deixa o porto de Le Havre com o claro objetivo de construir um estabelecimento francês no Brasil e comandado por Nicolas Durand de Villegagnon. Na Baía de Guanabara, os franceses, huguenotes e católicos, entraram em contato com indígenas tupinambás de quem conseguiram grande parte dos alimentos para sobreviverem na França Antártica. Mas, o estabelecimento não durou muito tempo, pois Portugal decide tomar conta de seu território expulsando os franceses em 1560, além dos conflitos políticos-religiosos que perturbavam a própria França. Não demorou muito e em 1562, Jean Ribaut navega para a Flórida, numa viagem de reconhecimento, para instalação de uma futura colônia na região. Mais uma vez a sorte não estava do lado dos franceses. Na falta de víveres e de comunicação com a metrópole, os conflitos internos começam a aparecer até que, em 1565, Filipe II, da Espanha, ordenou uma expedição, comandada por Pedro Menéndez de Avilés, para acabar com a ousadia francesa. Apesar do fracasso nas tentativas de colonização, alguns documentos históricos, incluindo narrativas de viagem, cartas e gravuras, foram deixados pelos seus participantes, que – tendo em vista a produção e a publicação de relatos sobre o Novo Mundo no século XVI – pertencem ao grupo documental mais definido e seguro para apontarmos a construção da imagem das novas terras recém-descobertas e as quais começavam a ser exploradas. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a presença francesa na América, durante o século XVI, mais precisamente as duas tentativas fracassadas de colonização, bem como os relatos produzidos a partir dessas experiências, demonstrando dessa maneira a sua importância para a construção de lugares-comuns sobre o Novo Mundo.

**Palavras-chave:** América – viagens e descrições; Viajantes Franceses – Século XVI; França Antártica (1555-1560); Flórida (1562-1565).

## RÉSUMÉ

Malgré la faible documentation, est remarquable au XVI<sup>ème</sup> siècle, l'afflux des français dans les terres américaines qui, partant surtout, des régions de Normandie et de Bretagne sont arrivés au littoral nord ou ont navigué vers les terres du sud, où ils pourraient charger leurs embarcations avec des peaux, "pau-brasil", perroquets, singes et d'autres animaux exotiques aussi bien appréciés en France qu'en Europe. Une preuve de l'assiduité de ces navigateurs est la fête brésilienne à Rouen, organisée en 1550 en commémoration au nouveau monarque français, Henri II et à son épouse Catherine de Médici. Pour se distinguer parmi les autres villes qui ont reçu le couple royal, Rouen a offert un spectacle qui, jusqu'alors n'avait pas été assisté en Europe: le quotidien des natifs du Nouveau Monde. Cinq ans après cet épisode curieux à Rouen, une expédition laisse le port du Havre avec le clair objectif de construire un établissement français au Brésil commandé par Nicolas Durand de Villegagnon. Dans la Baie de Guanabara, les français huguenots et catholiques sont entrés en contact avec des indigènes tupinambás de qui ils ont obtenu une grande partie des aliments pour survivre en France Antarctique. Mais l'établissement n'a pas duré longtemps parce que Portugal a décidé de prendre en charge son territoire, en expulsant les français en 1560, sans compter les conflits politiques-religieuse qui perturbaient la propre France. Peu de temps après, en 1562, Jean Ribaut voyage en Floride dans un voyage de reconnaissance pour l'installation d'une future colonie dans la région. Mais, encore une fois le sort n'était pas du côté des français, le manque de vivres et de communication avec la métropole, les conflits internes commencent à apparaître jusqu'à ce que, en 1565, Philippe II d'Espagne, a ordonné une expédition, commandée par Pedro Menéndez de Avilés, pour mettre fin à l'audace française. Malgré l'échec des tentatives de colonisation, quelques documents historiques comprenant des récits de voyage, des lettres et des gravures ont été laissés par leurs participants, qui sont – en ce qui concerne la production et la publication de récits sur le Nouveau Monde au XVI<sup>ème</sup> siècle – le groupe documentaire plus défini et sûr pour ébaucher la construction des nouvelles terres à peine découvertes et qui commençaient à être explorées. Ainsi, ce travail a comme objectif analyser la présence française en Amérique, pendant le XVI<sup>ème</sup> siècle, plus précisément les deux tentatives échouées de colonisation, aussi bien que les récits produits à partir de ces expériences, en démontrant de cette manière, son importance pour la construction de lieux-communs sur le Nouveau Monde.

**Mots-clés:** Amérique – voyages et descriptions; Voyageurs français – XVI<sup>ème</sup> siècle; France Antarctique (1555-1560); Floride (1562-1565).

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Página de rosto da edição de 1558 da <i>Les singularitez de la France Antarctique</i> , escrita por André Thevet.....	57
<b>Figura 2:</b> Página de rosto da primeira edição de <i>L'histoire notable de la Floride</i> , de René de Laudonnière (1586).....	58
<b>Figura 3:</b> Página de rosto da primeira edição de <i>Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil</i> , (1578).....	59
<b>Figura 4:</b> Página de rosto de <i>Brevis narratio eorum quae in Florida americanae provincia gallis</i> , 1591.....	65
<b>Figura 5:</b> Índice das gravuras da <i>Brevis narratio eorum quae in Florida americanae provincia gallis</i> , 1591.....	66
<b>Figura 6:</b> Exuberância da Flórida Francesa.....	93
<b>Figura 7:</b> Forma de combate dos nativos da Flórida.....	99
<b>Figura 8:</b> Bicho-Preguiça.....	101
<b>Figura 9:</b> Família Tupinambá.....	102
<b>Figuras 10:</b> <i>L'arbre Choine</i> .....	103
<b>Figura 11:</b> Moquém.....	104
<b>Figura 12:</b> Escalpo dos inimigos.....	105
<b>Figura 13:</b> Morte do prisioneiro.....	106
<b>Figura 14:</b> Execução.....	106



<b>Figura 15:</b> Recepção dos franceses na Flórida.....	109
<b>Figura 16:</b> Aliança entre franceses e nativos.....	111
<b>Figura 17:</b> A fartura de alimentos e das caças na Flórida.....	116

## TABELA

<b>Tabela 1:</b> Edições dos relatos de viagem publicados na França sobre a França Antártica e a Flórida francesa, durante a segunda metade do século XVI.....	54
--	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 O INTERESSE FRANCÊS PELA AMÉRICA.....	20
CAPÍTULO 2 OS RELATOS SOBRE A FRANÇA ANTÁRTICA E SOBRE A FLÓRIDA .....	49
2.1 Viajar e Relatar.....	50
2.2 Apresentação dos Relatos.....	60
2.3 A confiabilidade do Relato.....	67
CAPÍTULO 3 O NOVO MUNDO NOS RELATOS DA FRANÇA ANTÁRTICA E DA FLÓRIDA.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	125

## INTRODUÇÃO

Durante o século XVI, os relatos dos viajantes que estiveram na América foram a principal fonte, se não a única, em que se baseavam os conhecimentos europeus sobre o continente. A produção desses relatos, e mesmo a sua publicação, não era cultivada de maneira uniforme entre os exploradores do *Novo Mundo*. Os portugueses, por exemplo, pouco se dedicaram a descrever as terras que descobriam e exploravam – a fim de saciar o “apetite do público europeu por novidades sobre tão cobiçadas terras” –, nem tão pouco criaram condições favoráveis para que os estrangeiros o fizessem<sup>1</sup>. Diferentemente da postura portuguesa, os franceses foram os responsáveis pelas principais narrativas sobre o Brasil e também sobre a Flórida, durante esse primeiro momento da expansão ultramarina europeia, não obstante o fracasso das suas tentativas de colonização.

Se a França Antártica, como ficou conhecida a tentativa de colonização no Brasil, e a Flórida Francesa aconteceram num espaço de dez anos, entre 1555 e 1565, seus relatos tiveram uma periodização diferente e mais ampla, que vai de 1557, com a publicação das cartas de Nicolas Barré sobre sua chegada à baía de Guanabara, a 1591, data da publicação das gravuras de Jacques Le Moyne de Morgues, por Théodore de Bry. Não estamos defendendo que esses relatos tiveram ampla circulação na Europa, mas diante do número de edições, inclusive das traduções, e a prolongação da discussão dessas experiências, pelo século XVI, podemos pensar num público de europeus mediantemente cultos que se interessavam por esse tipo de literatura.

Fazem parte desse grupo de documentos cinco cartas, seis narrativas, um panfleto e algumas ilustrações, grande parte publicado, durante o século XVI, entre os anos de 1557 e 1591. Vejamos:

---

<sup>1</sup> “Em virtude dessa postura xenófoba e lacônica de Portugal, a narrativa de viagem transformou-se num dos poucos instrumentos de que dispunha o europeu mediantemente culto para conhecer um pouco mais sobre o exótico Brasil. Destarte, acabou por ser das notas quase sempre apressadas tomadas por aventureiros durante curtas arribadas em portos brasileiros que, por mais de três séculos, os habitantes da velha Europa tiraram os subsídios para compor a sua imagem do mundo que o português estava construindo nos trópicos”. FRANÇA, *Imagens do Brasil nas relações de viagens dos séculos XVII e XVIII*. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 15, p. 8, set./dez. 2000b.

**a) As cartas de Nicolas Durand de Villegagnon:**

Da França Antártica, o chefe da expedição francesa, Nicolas Durand de Villegagnon, mandou algumas cartas para seus amigos, na França, entre elas uma agradecendo ao chefe da Igreja reformada francesa, Ítalo Calvino, por ter enviado alguns missionários franceses, e outra ao Duque de Guise, contando os progressos da colonização, ambas de 1557. A carta destinada ao Duque de Guise é datada de trinta de novembro de 1557 e foi descoberta somente em 1929, por Chermont de Brito, numa pesquisa ao arquivo do ex-governador do Canadá, Michel Begon. Atualmente, a carta está no Espaço Cultural da marinha no Rio de Janeiro. A versão que utilizamos foi publicada no livro de Mariz: *Villegagnon e a França Antártica*, publicada pela Bibliex, em 2000. A segunda carta de Villegagnon, destinada a Calvino, foi publicada no século XIX, nas obras completas de Calvino, mais precisamente na parte sobre as correspondências destinadas ao reformador. O original da carta de Villegagnon está na Biblioteca de Genebra. Existe uma edição dessa carta em latim e em português publicada pela *Revista de História*, da USP, de 1964; outra versão, de 1840, encontra-se na *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*; e uma versão traduzida do francês para o português no mesmo livro em que Vasco Mariz publicou a carta ao Duque de Guise.

**b) As cartas de Nicolas Barré:**

Sobre sua origem e sua vida pouco sabemos, mas da França Antártica o piloto Nicolas Barré enviou duas cartas endereçadas a amigos em Paris. Publicada pela primeira vez em 1557, a primeira, utilizada por esse trabalho, refere-se ao período de doze de julho de 1555, data da saída do porto de Le Havre, em primeiro de fevereiro de 1556, dois meses após a chegada à Baía de Guanabara. Barré também participaria da tentativa de colonização da Flórida, mas não deixou nada escrito sobre essa experiência. As suas cartas sobre a França Antártica foram publicadas, ainda no século XVI, com o título: *Copie de quelques lettres sur la navigation du chevalier de Villegagnon*, em Paris, e têm uma versão de meados do

século XIX, preparada por Henry Ternaux-Compas, similar à primeira edição. A utilizada por nossa pesquisa foi traduzida, a partir da versão do século XIX, por Jean Marcel Carvalho França, e publicada em *Visões do Rio de Janeiro colonial* (Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999).

### **c) As Singularidades da França Antártica, de André Thevet:**

O primeiro relato publicado sobre a França Antártica, na França, foi escrito pelo frade franciscano André Thevet. Apesar de ter publicado *Cosmographie de levant*, em 1554, sua carreira, como cosmógrafo oficial dos Valois, inicia-se com a viagem à França Antártica, onde permanece por algumas semanas, entre o final de novembro de 1555 e janeiro de 1556. Segundo Léry, durante essas semanas Thevet ficou de cama, por isso tudo o que escreveu em seu relato, publicado entre o final de 1557 e início de 1558, pode ser questionado. Para Lestringant, essa obra de Thevet foi composta a partir de informações de intérpretes franceses e não de observações do próprio autor<sup>2</sup>.

Mesmo sendo motivo de discussão e polêmica, *Les singularitez de la France Antarctique* teve larga difusão na corte e conseguiu ser publicada em francês, em duas edições seguidas, em 1557 e em 1558; em 1561 sai a edição italiana e, em 1568, a edição inglesa. As edições que utilizamos são as seguintes: André Thevet. *Singularidades da França Antártica*. Tradução de Eugenio Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia, Ed. Usp, 1978. E um exemplar digitalizado, pela Biblioteca Nacional da França, da *Singularitez de la France Antartique, autrement nommée Amérique: et plusieurs terres et isles decouvert de nostre temps*, edição de 1558, publicado, em Paris, por Chez les heritiers de Maurice de la Porte.

### **d) Os relatos de Jean de Léry:**

Entre os protestantes mandados por Calvino à França Antártica estava Jean de Léry que, como ele mesmo gosta de lembrar, diferentemente de Thevet, não

<sup>2</sup> LESTRINGANT, Frank. **Mapping the renaissance world**. California: University of California Press, 1994. p. 9.

passou algumas semanas, mas quase um ano em terras brasileiras: de março de 1557 a janeiro de 1558. De volta à França, Léry não pensava em publicar um livro com suas memórias sobre o Novo Mundo e continuou seus estudos de teologia. Em 1563, prepara o primeiro manuscrito de *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil*, que acaba se perdendo, só sendo reencontrado em 1576. Por esse motivo a primeira publicação só aconteceu em 1578, vinte anos após a publicação de *Les singularitez de la France Antarctique*, de Thevet, e dezoito anos após sua viagem ao Brasil. A sua obra foi editada em latim e em algumas línguas nacionais, fazendo com que o livro atingisse eruditos e indivíduos mediamente cultos. As edições da obra de Léry utilizadas pelo nosso trabalho foram as seguintes: a tradução de Sergio Milliet<sup>3</sup> e a edição publicada por Frank Lestringant<sup>4</sup>, ambas preparadas a partir da edição de 1580, edição ampliada e revisada pelo próprio Léry a partir da primeira edição de 1578.

Além desse texto, Léry também publicou *Histoire des choses memorables advenues en la Terre du Brésil, partie de l'Amérique australe, sous le gouvernement de N. de Villegaignon depuis l'an 1555 jusques a l'an 1558*. Esse texto foi, originalmente, publicado em Genebra, em 1561, e em 1619 foi publicado por Jean Crespin, na *Histoire de martyrs*, o que levou alguns historiadores a acreditarem que o texto fosse de sua autoria. A obra teve também outra edição parcial em 1854, no *Nouvelles Annales des Voyages* [...]. E, numa versão em português, de Domingos Ferreira, relançada neste ano de 2006 pela CPAD, sob o título “A tragédia da Guanabara ou história dos protomártires do cristianismo no Brasil”<sup>5</sup>. É interessante notarmos, nesse texto, que o anonimato de Léry explicar-se-ia, segundo Frank Lestringant<sup>6</sup>, pelo fato de ser uma obra coletiva, ou melhor, *Histoire des choses...* é um texto que expressa a opinião dos reformados de Genebra e não uma obra pessoal como o relato de 1578. Outro detalhe importante de mencionar com relação à descrição dos três franceses executados, é que Léry não presenciou as execuções, pois estava no navio que voltava para a França, o que reforça a característica de *Histoire des choses* [...] ser uma obra coletiva.

<sup>3</sup> LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980.

<sup>4</sup> Id. **Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil, 1557**. Montpellier: Presses du Languedoc/Max Chaleil Editeur, 1992.

<sup>5</sup> FERREIRA, Domingos. **A tragédia da Guanabara ou história dos protomártires do cristianismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Tipografia Pimenta e Mello & C., 1917.

<sup>6</sup> LESTRINGANT, Frank. **l'expérience huguenote au nouveau monde (XVI<sup>e</sup> siècle)**. Genève: Droz, 1996. p. 80.

### e) A denúncia de Pierre Richer:

Também foi enviado, à França Antártica, o ministro protestante Pierre Richer (ou Richier). Durante sua estada na França Antártica, acaba entrando em conflito com Villegagnon, que não aceitava muito bem a forma como os protestantes interpretavam o Evangelho ou como procediam no ritual Eucarístico. Em 1561, publicou um panfleto contra as mentiras que o almirante insistia em sustentar sobre os protestante na época da França Antártica: *La réfutation des folles resveries, exécrables, blasphèmes, erreus et mensonges de Nicolas Durand, qui se nomme Villegagnon, divisée en deux livres*. Além do texto original, localizado na Biblioteca Nacional da França, em latim e em francês, pode-se encontrar a parte que concerne aos eventos da França Antártica reproduzido num livro de Lestringant, *L'expérience huguenote au Nouveau Monde (XVI<sup>e</sup> siècle)*. Genebra: Droz, 1996.

### f) O relato de Jean Ribaut:

Após o fracasso da França Antártica, Jean Ribaut (ou Ribault), protestante francês nascido em Dieppe, é mandado à Flórida por Coligny, em 1562. Após fundar *Charlesfort*, Ribaut retorna à Dieppe, em 1563, para reforçar a cidade de Dieppe contra um ataque inglês. Nessa ocasião, é capturado e seu relato publicado na Inglaterra, o que incentiva uma expedição inglesa à Flórida, colocando os espanhóis em alerta. A primeira edição de seu relato em francês, em 1563, recebe o título de *Histoire de l'expédition française a Floride*. Logo em seguida recebe uma tradução em inglês sob o título: *The whole and true discovery of Terra Florida*<sup>7</sup>. A edição que tivemos acesso é a disponível no site da Biblioteca do Congresso Americano, retirado da HISTORICAL Collections of Louisiana and Florida, de 1875, p. 159-190: *Narrative of the first voyage of Jean de Ribault, made in the reign of Charles IX, king of France, under the orders and instructions of Gaspard de Coligny, grand admiral of France, to make discoveries and found a colony of french protestants (huguenots)*.

<sup>7</sup> GAFFAREL, Paul. **Histoire de la Floride française**. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1875. p. 337.



**g) A história da Flórida por René Goulaime de Laudonnière:**

Sobre o relato de René Goulaime de Laudonnière, chefe da segunda expedição francesa à Flórida, sabemos que foi publicado em 1586, em Paris, por Guillaume Auvray e editado por Martin Basanier. Nossa edição é de 1853, também publicada em Paris por P. Jannet Librairie sob o seguinte título: *L'histoire notable de la Floride située ès Indes Occidentales: contenant les trois voyages faits en icelle par certains capitaines et pilotes français / décrits par le capitaine Laudonnière...* Na verdade não é puramente um relato, mas a história das três viagens à Flórida, a primeira e a terceira capitaneadas por Ribault e a segunda pelo próprio Laudonnière. Pouco sabemos sobre a vida do autor além dos episódios ocorridos na Flórida.

**h) Carta anônima sobre os franceses na Flórida:**

*Coppie d'une lettre venant de la Floride, enuoyée à Rouen, et depuis au seigneur d'Eueron; ensemble le plan et portraict du fort que les François y ont faict,* de 1564, é anônima e foi publicada em 1565, em Paris, por Vincent Nonnent e Jeanne Bruneau. Desta carta há uma segunda edição preparada por Ternaux-Copans. A edição que utilizamos é também da *Historical collections of Louisiana and Florida*, de 1851, p. 197-202. A importância desse documento está em ser o primeiro a fixar, precisamente, a data e o lugar do estabelecimento dos primeiros franceses na América do Norte, após quarenta anos da viagem de Verrazzano.

**i) O relato de Nicolas Le Challeux:**

Um dos sobreviventes ao massacre provocado pelos espanhóis, na Flórida, foi Nicolas Le Challeux. Sabemos que entre os habitantes do forte francês, na época do ataque, estava o próprio Le Challeux e Laudonnière, ambos adoentados. Sobre o ataque e também sobre a chegada da terceira expedição francesa à Flórida, comandada novamente por Ribaut, temos esse relato de Nicolas Le Challeux,

*Histoire mémorable du dernier voyage aux Indes, lieu appelé la Floride, (Nouvelle France,) fait par le capitaine Jean Ribaut, et entrepris par le commandement du roy, en l'an M.D.LXV,* que foi publicado em 1566, recebendo várias edições nesse mesmo ano, e posteriormente utilizada pelo protestante Urbain Chauveton como base para um outro discurso publicado na edição francesa da história geral de Benzoni, em 1579.

#### **j) As gravuras de Jacques Le Moyne de Morgues:**

Sobre Jacques Le Moyne (ou Lemoyne) de Morgues, sabemos que viajou para a Flórida junto com Laudonnière, na segunda expedição à região. Era pintor, mas suas aquarelas foram produzidas posteriormente à sua experiência na América e publicadas por Theodore de Bry, em 1591. A edição que conseguimos está em latim, *Brevis narratio eorum quae in Florida, Americae provincia, gallis acciderunt, secunda in illam navigatione, duce Renato de Laudonnière classis praefecto, anno 1564* [Texte imprimé] ; *quae est secunda pars Americae... / auctore Jacobo Le Moyne; nunc primum gallico sermone a Theodoro de Bry, ... in lucem edita ; latio vero donata a C. C.A. [Carolo Clusio Atrebatensi].*

Depois de tecer essas considerações sobre a documentação, resta falarmos sobre nosso trabalho, que buscou analisar e comparar os escritos dos viajantes franceses que estiveram na França Antártica com os relatos daqueles que estiveram na região da Flórida, relatos que, ao contrário das fracassadas tentativas francesas de colonização, alcançaram um relativo sucesso entre os leitores franceses e mesmo europeus, contribuindo para a construção de uma imagem para as novas terras recém descobertas. As questões que nortearam nossa pesquisa foram: Qual a importância que essas narrativas ganham no próprio século XVI, apesar das tentativas de colonização francesa fracassarem nesse primeiro período da expansão européia? Esses escritos estabelecem algum tipo de padrão discursivo, idéias naturalizadas como verdades, sobre o Novo Mundo, uma vez que foi através desses escritos que os leitores europeus conheceram as novas terras descobertas?

Para responder a essas questões, dividimos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro, trataremos da falta de uma política colonial francesa para as novas terras descobertas durante o século XVI. Essa primeira fase da colonização francesa será marcada por uma descontinuidade nos empreendimentos americanos por uma simples razão: os interesses, ainda, estavam voltados para o Oriente. Por isso, alguns viajantes, como Binot Paulmier de Gonneville, os irmãos Verrazzano, os marinheiros patrocinados por Anjo e Jacques Cartier, atingem o litoral americano na tentativa de dobrar o continente africano, na procura por uma passagem ou, então, de uma qualquer outra ligação que as novas terras pudessem ter com o Oriente. Mesmo assim, o fluxo de navios franceses era intenso no litoral americano, sobretudo nas terras mais ao sul, onde praticavam o comércio de pau-brasil e de animais com os nativos. Um exemplo da intensidade desse comércio foi a festa em Rouen, em 1550, em que a cidade reproduziu um pedaço do litoral brasileiro em plena França. Depois desse episódio pitoresco, a relação entre a América e a França parecia tomar um novo rumo, mas as duas tentativas de colonização, tanto do Brasil como da Flórida, tiveram curta existência, a primeira de 1555 a 1560, enquanto a segunda durou apenas três anos, de 1562 a 1565. Embora essas duas tentativas tenham fracassado no âmbito da política colonial francesa, os relatos que seus participantes deixaram foram fundamentais para a construção do novo continente descoberto.

Optamos, então, por tratar, no segundo capítulo, dos relatos de viagens produzidos a partir dessas experiências sem, necessariamente, partir para biografias ou estudos tipológicos. Discutiremos um pouco o estatuto da literatura de viagem no século XVI, através dos próprios relatos, das introduções e notas de editores da época. Uma vez que seus leitores não poderiam fazer a mesma viagem para comprovar que aquilo que estava sendo relatado era a verdade, quais os mecanismos que esses viajantes-escritores adotaram para passar para os leitores tudo aquilo que viram e ouviram no Novo Mundo, é o que pretendemos analisar no capítulo. Esse questionamento se faz importante, uma vez que estamos trabalhando com a construção de imagens do que seria o Novo Mundo. Já que queremos tentar traçar a maneira como foi construída essa imagem, devemos nos perguntar qual a importância desses relatos, ou melhor, que relevância tinham esses relatos, e seus autores, que muitas vezes não eram escritores profissionais.

Por fim, no terceiro capítulo, continuaremos a análise das fontes sobre a

França Antártica e a Flórida com a finalidade de buscar os mencionados padrões descritivos da natureza e da população do Novo Mundo, ou seja, de avaliar como as narrativas constroem o Novo Mundo, uma vez que estas têm a responsabilidade de divulgar as novidades, na Europa, de forma verossímil. Achamos necessário incluir a iconografia contida nos relatos, uma vez que elas foram produzidas a partir das descrições contidas nesses mesmos relatos.

## **CAPÍTULO 1 O INTERESSE FRANCÊS PELA AMÉRICA**

Les français ont fréquenté l'Amérique dès le début du XVI<sup>e</sup> siècle, mais ne l'ont certainement pas découverte. [Os franceses freqüentaram a América desde o início do século XVI, mas, certamente, não a descobriram]<sup>8</sup>.

Apesar dos esforços de Charles Desmarquets<sup>9</sup>, no final do século XVIII, e de outros escritores, como J. W. Gambier<sup>10</sup>, no século XIX, em construir um passado navegador para a França, estruturado na figura do lendário Jean Cousin, os franceses, como escreveu Julien, certamente não descobriram a América, mas, ainda que o objetivo de suas viagens fosse o comércio oriental, estiveram por aqui desde o início do século XVI.

O “primeiro navio francês em terras americanas de que se tem notícia”<sup>11</sup>, porém, não foi do tal Jean Cousin, mas o de Binot Paulmier de Gonneville, Andrieu de la Maré e Antoine Thiéry<sup>12</sup>. Segundo o depoimento<sup>13</sup> que fizeram ao escrivão real, em 1505, Gonneville e seus sócios resolveram armar um navio e partir para o oriente, após “veües les belles richesses d'épiceries et autres raretéz” [verem as belas riquezas das especiarias e outras raridades]<sup>14</sup> vindas de Calicute, quando faziam comércio no porto de Lisboa, em Portugal. Nessa época, em 1502, a relação era intensa entre os portos da Normandia e de Lisboa, principalmente na

<sup>8</sup> JULIEN, Charles-André. **Les français en Amérique pendant la 1<sup>ère</sup> moitié du XVI<sup>e</sup>**. Paris: PUF, 1946a. p. 1. (tradução nossa).

<sup>9</sup> No final do século XVIII, mais exatamente em 1785, eram publicadas por esse autor as *Mémoires chronologiques pour servir à l'histoire de Dieppe...* Segundo Desmarquets, a razão para a publicação dessa obra, dividida em dois tomos, está na tentativa de preservar a memória dessa cidade tão importante para a própria história francesa. Daí seu subtítulo:... *et a celle de la navigation Française*. A sua obra tem o objetivo de reconstruir o passado da cidade de Dieppe a partir da pouca documentação que sobreviveu ao bombardeio de 1694. Os documentos utilizados foram alguns manuscritos do século XVI e XVII e o depoimento de um padre local, M. Guibert. DESMARQUETS, C. **Mémoires chronologiques pour servir à l'histoire de Dieppe**. Paris: Chez Desauges Librairie, 1785. p. 11.

<sup>10</sup> “Jean Cousin, discípulo do padre Descelliers, segundo tem-se investigado, era muito habilidoso na construção de cartas marítimas e nos mapas terrestres e celestes. Durante a guerra de seu país com a Inglaterra em 1487, mandou um navio corsário com tanto sucesso que se fez agradecido aos comerciantes de Dieppe, escolhendo-o para comandar outro navio armado com o qual pretendiam tentar o caminho dos descobrimentos marítimos iniciados pelos portugueses e pelos espanhóis, ampliando os limites de suas transações comerciais”. GAMBIER apud DURO, Cesáreo Fernández. Juan Cousin, verdadero descubridor de América, según el capitán inglés Gambier R. N. **Boletín de la Real Academia de la Historia**, Madrid, v. 24, p. 150, 1894. (tradução nossa).

<sup>11</sup> ARARIPE, Tristão de Alencar. Primeiro navio francês no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 49, p. 315, 1889.

<sup>12</sup> PERRONE-MOÍSES, Leyla. **Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505**. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 77.

<sup>13</sup> Relation authentique les gens tenants l'admirauté de France au siège général de la table de marbre du pallais a Rouen sçavoir faisons que des registres du greffe dudit siège année mil cinq cens cinq, a esté extrait et collationné a la minutte originale ce qui ensuit. In: JULIEN, 1946a, op. cit.).

<sup>14</sup> GONNEVILLE, Binot Paulmier de. Relation authentique les gens tenant l'admirauté de France au siège général de la table de marbre du pallais a Rouen sçavoir faisons que des registres du greffe dudit siège année mil cinq cens cinq. In: JULIEN, 1946a, op. cit., p. 26.

comercialização de trigo e tecidos, do lado francês, e de especiarias e outras raridades, como relatou Gonneville, as quais os portugueses traziam de além-mar<sup>15</sup>.

Depois de munir-se de informações obtidas junto àqueles que já haviam feito a rota para Calicute<sup>16</sup>, e de contratar dois pilotos portugueses – Sebastião de Moura e Diogo Coutinho<sup>17</sup> –, Gonneville e seus sócios, armam apenas um navio, o *L'Espoir*, carregando-o da maneira que os pilotos os aconselharam, com pentes, espelinhos, miçangas, canivetes, facas, quinquilharias, veludo e moedas de prata, que no Oriente valiam mais que as de ouro<sup>18</sup> e “[...] le tout, de mesme qu’ont acoustumé s’en charger les Portugallois, pour estre par delá et sur la route ces choses de meilleure traficque” [...tudo igual ao que costumam carregar os portugueses, por serem essas coisas, do lado de lá e no caminho, as de melhor tráfico]<sup>19</sup>. Não só o carregamento, mas também o trajeto estabelecido estava de acordo com a rota que os portugueses haviam estabelecido para chegar às Índias Orientais, saindo da Europa no mês de julho e contornando o continente africano.

No entanto, após fazer algumas escalas nas Canárias e em Cabo Verde, o *L'Espoir* enfrentou tempestades fortes o bastante para alterarem o seu percurso. Depois de alguns meses navegando pelo mar Atlântico, o capitão conseguiu alcançar a foz de um rio desconhecido, que, atualmente, sabemos ser no litoral do atual estado de Santa Catarina, provavelmente na foz do rio São Francisco do Sul. Durante os seis meses em que permaneceram no litoral americano, Gonneville e seus sócios estavam mais preocupados com o estado de sua embarcação, do que em registrar os costumes nativos ou a natureza exótica do lugar, por isso, o relato<sup>20</sup> que deixaram é na verdade um inventário das mercadorias levadas para fazer escambo no Oriente e do carregamento trazido do Brasil que foram perdidas num

<sup>15</sup> PERRONE-MOISÉS, 1992, op. cit., p. 38.

<sup>16</sup> GONNEVILLE, 1946a, op. cit., p. 26.

<sup>17</sup> Ibid., p. 26. No original, Bastiam Moura e Diègue Cohinto.

<sup>18</sup> Ibid., p. 29.

<sup>19</sup> Ibid., p. 30.

<sup>20</sup> De autoria coletiva, a relação da viagem do capitão de Gonneville é uma espécie de inventário das mercadorias perdidas em decorrência do naufrágio sofrido pelo *L'Espoir* ao retornar à França, em maio de 1505. É uma obra coletiva porque é o depoimento de Gonneville, juntamente com seus sócios, Andrieu de la Maré e Antoine Thiéry, à um escrivão oficial, com vistas a receberem uma indenização, já que também foram vítimas de pirataria. Por ser um depoimento escrito por uma outra pessoa, ou seja, Gonneville, De la Maré e Thiéry falam e uma quarta pessoa escreve, todo o texto está na terceira pessoa do plural, com os parágrafos iniciados em: “dizem que”, “ditos”, e outras expressões. Essa declaração vem a substituir a perda do diário de bordo, no naufrágio. Para Leyla Perrone-Moisés, o documento pode ser considerado um relato porque foi feito “por indivíduos que viveram pessoalmente os acontecimentos, e no qual os eventos presidem à estrutura da narrativa”. A primeira vez que a Relação do Capitão Gonneville é publicada, integralmente, foi em 1869, por Armand D’Avezac. Cf. PERRONE-MOISÉS, L. 1992, op. cit., p. 77.

naufrágio após o ataque de piratas ingleses no Canal da Mancha, em 1505, quando retornavam à França. Entre as mercadorias perdidas estava um carregamento de pau-brasil, plumas, animais e outras “raridades”.

Como, podemos notar, a primeira passagem de um navio francês por terras americanas ocorreu de forma acidental, ou seja, o plano de Gonneville e seus sócios era ir atrás das especiarias e outras riquezas do comércio oriental, fazendo a mesma rota que Vasco da Gama fizera alguns anos antes, contornando a África. Mas, para que a viagem não se tornasse um grande prejuízo, após os reparos necessários para voltar à França, os franceses carregam o navio com pau-brasil e tudo mais que poderiam vender na Europa. Além de mostrar que o interesse dos mercadores, inclusive dos mercadores franceses, ainda residia no comércio oriental, a viagem de Gonneville é um exemplo das iniciativas particulares das cidades portuárias francesas no comércio marítimo, que permaneceria assim durante a primeira metade do século XVI, como veremos ao longo desse capítulo.

Diferente, porém, de Gonneville, que junto de seus sócios armou um navio para ir atrás das riquezas orientais, os capitães de Jean Ango, o principal armador da cidade de Dieppe, igualmente interessados no comércio de especiarias e outras riquezas, preferiam saquear os navios espanhóis e portugueses que chegavam da Nova Espanha ou da Índia abarrotados dessas riquezas, e para isso eram assiduamente vistos nas ilhas atlânticas que serviam de lugar para essas embarcações:

- Jean Fleury, o mais famoso, que quase arruinou Carlos V, roubando, em 1522, o tesouro de Cortez. [...]
- Jean Fain, do qual não se pôde contar com exatidão as numerosas lutas contra portugueses na América do Sul.
- Jean e Raul Parmentier, ambos poetas que recitavam versos as suas tripulações, os primeiros franceses pilotando na terra da América chamada Brasil, com o piloto Jean Grignon, outro erudito que transcreveu em 1526 a sua experiência brasileira em palavras severas em relação aos portugueses. [...]
- Jacques de Saint Maurice e seu astrônomo Maucler.<sup>21</sup>

Os alvos de Ango eram os navios portugueses e espanhóis carregados de metais preciosos e especiarias. O prejuízo era tanto que o próprio rei português chegou a reclamar uma indenização a Francisco I, em 1533. Mas este recomendou a D. João III que procurasse o próprio Jean Ango<sup>22</sup>.

As empresas de Jean Ango, no Atlântico, não eram, contudo, bancadas

<sup>21</sup> PROVENÇAL, Lucien. Os navegantes franceses na costa brasileira. In: MARIZ, Vasco. **Brasil-França: relações históricas no período colonial**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2006. p. 26.

<sup>22</sup> Ibid., loc. cit.



somente por negociantes e banqueiros franceses. Havia entre seus sócios, famílias de banqueiros e comerciantes italianos ou descendentes de italianos, estabelecidos na cidade de Lyon, ou que possuíam negócios na região e que investiam em seus capitães. Entre elas podemos citar a família Médici, a Capponi, a Nasi, os Pazzi, a Manelli, a Salviati, a Strozzi, a Gondi e a Guadagni. Foi através desses italianos que Jean Ango conheceu os irmãos Giovanni e Girolamo Verrazzano<sup>23</sup> que, armados por ele, empreenderiam três viagens à América<sup>24</sup>. Mas a intenção desses florentinos era chegar ao Catai<sup>25</sup> descobrindo alguma passagem pela América do Norte. Para isso, em 1523, *La Dauphine*, o nome dado ao navio dos irmãos, parte em direção ao Cabo Fear, percorrendo o litoral norte americano entre os atuais estados da Carolina do Norte, Virgínia, Delaware e Nova Jersey. Os Verrazzano foram, também, os primeiro a penetrarem na baía de Nova Iorque, batizando a região descoberta de Francesca, em homenagem a Francisco I que, apesar de não participar de forma ativa dos empreendimentos marítimos, os apoiava.

Além de prestar homenagem ao rei francês, Giovanni da Verrazzano escreveu-lhe uma carta, datada de oito de julho de 1524, descrevendo a região descoberta. Nesta carta<sup>26</sup>, ele afirma ter chegado a uma terra que ninguém ainda tinha visto, localizada a trinta e quatro graus de latitude norte e que o impressionara profundamente, como podemos notar em suas palavras:

<sup>23</sup> JULIEN, Charles André. **Les voyages de decouverte et les premiers établissements**. (XV-XVI siècles). Paris: Gérard Monfort Éditeur, 2003. p. 76.

<sup>24</sup> Cf. MOLLAT, Michel. As primeiras relações entre a França e o Brasil: dos Verrazzani a Villegaignon. **Revista de História**, São Paulo, n. 70, v. 34, p. 345, 1967. Para Michel Mollat, a viagem de Girolamo e Giovanni da Verrazzano ao Brasil é um início seguro das relações franco-brasileiras, mais do que a viagem de Gonville. No entanto, os nomes dos irmãos são mais reconhecidos na comunidade ítalo-americana pela viagem que fizeram à América do Norte, na qual fundaram a Francesca, entre os anos de 1523 e 1524, atual baía de Nova Iorque.

<sup>25</sup> Veremos que encontrar a passagem para o Catai também era um dos objetivos de Jacques Cartier. O Catai, segundo Marco Polo, era uma das províncias do Grã-Cã. Não apenas o Catai, mas todas as províncias do Grã-Cã, são caracterizadas por Marco Polo como lugares com cidades e palácios magníficos, onde se encontram uma profusão de mercadores e artistas, de belos vinhedos e, detalhe, de pessoas civilizadas. Esses mercadores vão a procura das sedas, jóias e de outras artes. POLO, Marco. **As viagens de Marco Polo**. Tradução Heitor Cony e Lenira Alcure. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

<sup>26</sup> Publicada com o título de *Relation du voyage de la Dauphine a François I<sup>er</sup>, roi de France*, (Cf. JULIEN, 1946a, op. cit., p. 53-75).

Subindo mais adiante, encontram-se riachos e braços do mar que, penetrando por certos caminhos, atravessam o rio, seguindo os seus declives. Ao longe mostra-se uma terra espaçosa e sensivelmente mais elevada do que as dunas do rio. Os belos campos e as planícies cobertas de imensas florestas são admiráveis, algumas pouco densas, outras muito frondosas. As árvores são de aparências tão diversas e essas florestas são tão belas e tão agradáveis de ver que é difícil de explicar. [...] elas são formadas e ornadas de palmeiras, de louros, de ciprestes e também de outras essências desconhecidas dos europeus. Essas árvores exalam, a uma grande distância, odores muito suaves [...].<sup>27</sup>

Verrazzano não esquece de mencionar as riquezas que possivelmente o rei francês poderia conseguir com a posse daquela terra, que na sua opinião já fazia parte da região oriental, então, potencialmente rica, como podemos notar na seguinte passagem de sua carta: “Nous pensons que, se trouvant dans la région orientale, ce pays produit aussi des drogues, des liqueurs aromatiques et d’autres richesses: l’or, notamment, car la terre en a la couleur” [Nós pensamos que, localizando-se na região oriental, esse país produz além de drogas, de licores aromáticos e outras riquezas: ouro, notadamente, pois a terra tem o potencial]<sup>28</sup>. Apesar de impressionados com a nova terra, os irmãos não perderiam de vista seu objetivo primeiro, o de descobrir uma passagem para a Índia, e prosseguem costeando a região até as proximidades do Cabo Bretão, a quarenta e oito graus de latitude norte, quando resolvem retornar a França por falta de víveres e outros recursos necessários para continuar a viagem. No final da carta destinada ao rei francês, Giovanni da Verrazzano, chega à seguinte conclusão sobre a busca por uma passagem para o Oriente: “Cette terre ou Nouvelle-Monde dont nous avons parlé ci-dessus forme un tout. Elle n’est rattachée ni à l’Asie, ni à l’Afrique [...]” [Esta terra ou Novo Mundo sobre o qual nós falávamos forma um todo. Ela não está ligada nem à Ásia, nem à África [...]]<sup>29</sup>.

Ao regressarem, em julho de 1524, Girolamo e Giovanni da Verrazzano não encontram uma situação tão favorável a sua empresa como quando partiram para a América. A França tinha acabado de entrar em conflito com a Espanha, o que retardou a exploração da região descoberta pelos irmãos Verrazzano e levou a priorização da exploração de lugares mais conhecidos, como a América do Sul e o extremo Oriente<sup>30</sup>. Por isso, as três viagens posteriores dos florentinos tiveram tais

<sup>27</sup> VERRAZZANO, Giovanni da. Relation du voyage de la Dauphine a François I, roi de France, 1524. In: JULIEN, 1946a, op. cit., p. 56. (tradução nossa).

<sup>28</sup> Ibid., p. 57. (tradução nossa).

<sup>29</sup> Ibid., p. 76.

<sup>30</sup> BONNICHON, Philippe. **Los Navegantes franceses y el descubrimiento de América, siglos XVI, XVII, XVIII**. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992. p. 56.

lugares como destino. Em 1526, os irmãos Verrazzano, novamente sob o patrocínio de Jean Ango, partiram em busca das especiarias das Índias Orientais, todavia, depois de enfrentarem fortes tempestades, na região do Cabo da Boa Esperança, e perderem uma embarcação, resolveram mudar de trajeto. Para amenizar o prejuízo, os irmãos fazem uma parada na costa do Brasil, com o objetivo de carregar o navio que lhes restou de pau-brasil<sup>31</sup>. Assim que chegam à França, em 1527, os dois já se preparariam para uma nova viagem, que dessa vez tinha o Brasil como destino, mas com o objetivo apenas de fazer escambo com os nativos do litoral – foi durante essa viagem que Giovanni morreu nas mãos dos temíveis canibais brasileiros<sup>32</sup>.

Depois das viagens dos irmãos Verrazzano, a coroa francesa resolveu participar mais ativamente das expedições marítimas promovidas pelos seus súditos. O alvo passa a ser a região da Terra Nova, um território que poderia ser explorado sem entrar em conflito com a Espanha, nem com Portugal. Para Francisco I, o Tratado de Tordesilhas, assinado entre os países ibéricos logo após a viagem de Cristóvão Colombo, referia-se apenas aos territórios por eles descobertos, o que abria espaço para atuação francesa nas regiões descobertas pelos próprios franceses ou já conhecida dos europeus<sup>33</sup>. Dessa forma, a própria Terra Nova e os possíveis territórios descobertos pelos franceses não faziam parte do tratado. Mas, a idéia de explorar essa região era, ainda, alimentada pela esperança de se chegar ao Oriente por uma passagem situada nas terras mais ao norte do Novo Mundo, como tentaram os irmãos Verrazzano, sem sucesso, e como faria Jacques Cartier, entre os anos de 1534 e 1542.

Tentar encontrar uma passagem para o Oriente, a fim de tornar mais acessível aos mercadores franceses o comércio asiático e descobrir novos territórios, na América, para a França era a missão de Jacques Cartier<sup>34</sup>, que, para cumpri-la, parte em direção à Terra Nova, no ano de 1534. Como essa primeira viagem tinha uma finalidade exploratória, somente duas embarcações, ambas de sessenta toneladas e com uma tripulação de sessenta e um homens, partiram do porto de Dieppe, no dia 20 de abril de 1534. Em apenas vinte dias fizeram a travessia do Atlântico, mas, em decorrência do mau tempo, os franceses demoraram

---

<sup>31</sup> Segundo Bonnichon, o carregamento de pau-brasil diminuiria os prejuízos da viagem e abasteceria as companhias têxteis de Rouen. BONNICHON, Philippe. A França Antártica. In: HISTÓRIA Naval Brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975. p. 407.

<sup>32</sup> MOLLAT, 1967, op. cit., p. 348.

<sup>33</sup> JULIEN, 1946a, op. cit., p. 11.

quase dois meses para explorar o litoral, alcançando a entrada do rio São Lourenço somente no início do mês de agosto. Cartier e seus homens, porém, não puderam seguir por esse rio, pois o abastecimento das embarcações estava escasseando.

Já nessa primeira viagem, o capitão<sup>35</sup> procurou firmar uma espécie de aliança com os nativos. Como símbolo dessa aliança, plantaram, com o consentimento dos habitantes da terra, como ressalta o próprio Cartier em seu relato, uma cruz de madeira em seu território:

Em seguida lhes mostramos através de sinal, que a dita cruz tinha sido plantada para fazer aliança e fronteira, para dentro do porto; e que nós aí retornaríamos, em breve, e lhes traríamos ferramentas e outras coisas, e que nós queríamos levar dois de seus filhos conosco, e depois os traríamos ao dito porto<sup>36</sup>.

A segunda viagem de Cartier aconteceu no ano seguinte, em maio de 1535. Dessa vez o capitão de Saint-Malo leva três naus, equipadas para uma viagem bem mais longa do que a primeira, e dois nativos como guias, Domagaya e Taignoany – os dois jovens hurons que foram levados à França na ocasião da sua primeira viagem. O interesse dessa segunda expedição à Terra Nova estava na exploração do rio São Lourenço e na procura da cidade de Saguenay, uma espécie de Catai dos nativos, ficando de lado, por hora, a descoberta de uma passagem para o Oriente.

<sup>34</sup> Cf. BONNICHON, 1992, op. cit.; JULIEN, 2003, op. cit., p. 23-25. Segundo o historiador francês Philippe Bonnichon, entre os tripulantes da primeira viagem liderada por Giovanni e Girolamo da Verrazzano, em 1523, estava um jovem chamado Jacques Cartier. Na verdade, a hipótese é de Lanctot, em *Cartier's first Voyage to Canadá in 1524*. Mas, Cartier não foi o primeiro europeu a chegar a Terra Nova. Alguns historiadores afirmam que essa região já era freqüentada pelos portugueses e nórdicos mesmo antes de 1492. Em 1452, o português Diogo Teive já freqüentava a região em busca de bacalhau, seguido de outros pescadores. Mas, a primeira viagem comprovada à região é de 1497, com Giovanni Caboto, a mando do governo inglês. Esse italiano tinha como objetivo repetir o feito de Cristóvão Colombo, mas a uma latitude mais elevada. Como o genovês, Caboto também pensa ter chegado ao Oriente. Depois de Caboto, entre os anos de 1500 e 1502, foi a vez dos irmãos portugueses Corte Real navegarem pela costa da Terra Nova e descobrirem a península do Labrador. Os franceses também tiveram participação nesse processo. Em 1506, Jean Denys exploraria a região entre o cabo da Bonavista e da Ilha Bela, e, dois anos mais tarde, Thomas Aubert, financiado pelo pai de Jean Ango, a bordo do *Pensée*, explora a região e traz pela primeira vez sete nativos para a França. A pesca de bacalhau na região era tão abundante que, a partir de 1504, eram freqüentes as petições de pescadores para navegar nessa região. Segundo Charles-André Julien, esses documentos datam do início do século XVI, mostrando que o comércio de peixe da Terra Nova já era antigo. Apesar da freqüência de pescadores e outros navegadores, a região da Terra Nova não ganhou muita atenção. Os armadores, marinheiros e corsários franceses estavam mais interessados, como já afirmamos, no comércio oriental. E esse era um dos motivos da viagem de Jacques Cartier.

<sup>35</sup> Todas as narrativas de Jacques Cartier foram publicadas por Charles-André Julien, mas existe também uma cópia digitalizada, na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional da França (Gallica.bnf.fr), com a seguinte referência: *VOYAGES de Découverte au Canadá, entre les années 1534 et 1542 par Jacques Cartier, le sieur de Roberval, Jean Alphonse de Xanctoiges, etc...Suivis de la description de Québec et ses environs en 1608...* Québec: W. Cowans et fils, 1843.

<sup>36</sup> CARTIER, Jacques. *Voyages de Jacques Cartier au Canada*. In: JULIEN, 1946a, op. cit., p. 107. (tradução nossa).

Jacques Cartier não achou Saguenay, mas encontrou Hochelaga, onde foi bem recebido pelos nativos:

E chegamos a Hochelaga, caminharam diante de nós mais de mil pessoas, tanto homens, mulheres como crianças, os quais nos receberam tão bem como um pai faz à criança, com uma alegria maravilhosa; pois os homens em um bando dançavam, e as mulheres em seu grupo, e as crianças em outro<sup>37</sup>.

Depois da descoberta de Hochelaga – uma cidade com campos férteis bem laborados pelos indígenas, nos quais o trigo da terra cresce em abundância e tão grandes como o milho do Brasil<sup>38</sup> –, as expectativas quanto à Terra Nova apenas aumentaram depois dessa segunda viagem. De volta à França, Cartier planeja uma terceira viagem, mas dessa vez o projeto era de se estabelecer na região. Para governar e administrar a futura colônia foi convocado Jean François de La Roque, senhor de Roberval, um especialista na construção de fortificações. Enquanto Cartier partia mais uma vez em busca de Saguenay, no final de 1541, o senhor de Roberval preparava seus barcos com mais duzentas pessoas, tanto homens como mulheres, para fundar a primeira colônia francesa na América <sup>39</sup>.

Quando chega à Terra Nova, em 1542, Roberval encontra-se com Cartier, que o informa ter encontrado Saguenay e, também, uma boa quantidade de ouro e pedras que pareciam ser diamantes. É ordenado, então, ao capitão de Saint-Malo que regresse imediatamente à França, para dar as boas novas ao rei. Enquanto isso, o próprio Roberval continua a exploração de Saguenay, na esperança de encontrar a tão desejada passagem para a verdadeira Catai: “Ces Terres sont situées vis-à-vis la Tartarie, et je ne doute pas qu'elles s'étendent vers l'Asie d'après la circonférence du Monde” [Essas terras estão situadas face à face da Tartária e eu não duvido que elas se estendem para a Ásia em vista da circunferência do Mundo]<sup>40</sup>. Porém, o dinheiro recebido de Francisco I tinha se esgotado, as relações com os indígenas, se deteriorado<sup>41</sup>, e a Nova França acabou por fracassar.

Vimos até o momento que o interesse dos navegadores franceses estava no

<sup>37</sup> CARTIER, 1946a, op. cit., p. 144. (tradução nossa).

<sup>38</sup> Numa passagem do relato da segunda viagem, Cartier faz uma comparação entre o trigo da terra canadense e o milho plantado pelos indígenas no Brasil. É bem interessante tal passagem, pois data de 1535, o que demonstra que informações sobre o Brasil chegavam, muito provavelmente, através dos inúmeros marinheiros que faziam comércio com os indígenas. Cf. JULIEN, 1946a, op. cit., p. 146.

<sup>39</sup> BONNICHON, 1992, op. cit., p. 64.

<sup>40</sup> ALPHONSE, Jean. La Routier de Jean Alphonse, de Xantoigne, premier pilote du sieur de Roberval (1542) In: VOYAGES, 1843, op. cit., p. 80.

<sup>41</sup> BONNICHON, 1992, op. cit., p. 65.

Oriente, assim demonstra a chegada acidental de Gonneville ao litoral de Santa Catarina, a tentativa dos Verrazzano e, posteriormente, as de Cartier em encontrar uma passagem em algum lugar da América do Norte que os levassem ao tão desejado Catai. Mas, não podemos descartar a existência de incursões de navios franceses no litoral americano no período anterior às tentativas de colonização do Brasil e da Flórida. Depois da primeira viagem à América do Norte, os irmãos Verrazzano encontraram na América do Sul, mais precisamente no Brasil, uma alternativa ao comércio oriental, o que provavelmente era repetido por outros navegantes. Não temos em mão nenhum documento que aponte exatamente a frequência desses navios no nosso litoral, mas no relato da segunda viagem de Cartier ao Canadá, existe uma comparação entre uma espécie de trigo canadense e o milho plantado pelos nativos do Brasil<sup>42</sup>. Outro documento, no entanto, que possibilita afirmarmos com mais segurança a existência da presença francesa nessas plagas diz respeito a um episódio bastante pitoresco acontecido na cidade de Rouen, em 1550<sup>43</sup>, apontado por alguns historiadores<sup>44</sup> como o episódio que representa o interesse dos franceses pelas terras americanas.

Em 1550, a cidade de Rouen preparou uma grande festa para receber o rei da França, Henrique II, e sua esposa, Catarina de Médici. Além das festividades religiosas, dos bailados, dos arcos de triunfo, dos discursos e apoteoses oficiais, os organizadores prepararam um espetáculo um tanto pitoresco: a encenação do cotidiano dos habitantes indígenas do Novo Mundo<sup>45</sup>. A encenação aconteceu às margens do rio Sena, onde navios e pequenos botes faziam as vezes das embarcações franceses comercializando com os indígenas no litoral americano. Um pouco mais afastado dali, numa espécie de campina, as árvores locais foram todas

<sup>42</sup> CARTIER, 1946a, op. cit., p. 146.

<sup>43</sup> Cf. FRANCO, Afonso Arino Melo. **O índio brasileiro e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976. p. 48. Sobre a Festa Brasileira em Rouen existe *Une fête bresilienne à Rouen de Ferdinand Denis*, um relato pormenorizado do que foi a festa. A narrativa da entrada de Henrique II e de Catarina de Médici foi originalmente escrita por um poeta francês pouco conhecido, Maurice Sève (ou Sceve, ou ainda, Soeve) e publicada em 1551, na França (DENIS, Ferdinand. **Une fête brésilienne célébrée a Rouen, em 1550 suivie d'un fragment du XVI<sup>e</sup> siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies em langue tupique de Cristovam Valente par Ferdinand Denis**. Paris: J. Techener Librairie, 1850. p. 20). Essa narrativa, nos conta Ferdinand Denis, é dividida em duas partes, a primeira narra a entrada do rei, enquanto a segunda narra a entrada da rainha. (Ibid., p. 9). Entre as personalidades francesas que assistiram ao espetáculo, estavam a rainha da escócia, Maria Stuart, a famosa duquesa de Poitiers e amante de Henrique II, os embaixadores da Espanha, da Alemanha, da Inglaterra, de Portugal entre outras nações, arcebispos, bispos e prelados da França, e a princesa Margarida, filha de Francisco I.

<sup>44</sup> BONNICHON, 1992, op. cit.; JULIEN, 2003, op. cit.; MARIZ, 2000, op. cit.; MOLLAT, 1967, op. cit.; FRANCO, 1976, op. cit.

<sup>45</sup> FRANCO, 1976, op. cit., p. 47.

decoradas com arbustos, folhagens e frutos vindos diretamente da costa brasileira. Macacos, papagaios e outros pássaros foram trazidos com o objetivo de reproduzir todo o esplendor da fauna e flora do Novo Mundo. Também foi construída uma autêntica aldeia indígena, com ocas e redes penduradas nas árvores<sup>46</sup>. Nesse cenário, os cinquenta índios trazidos do Brasil misturaram-se aos quase duzentos franceses, todos nus e bronzeados. Enquanto alguns atiravam com seus arcos e flechas, outros ficavam deitados nas redes. Na margem do rio Sena, atores caracterizados carregavam toras de pau-brasil para dentro do barco francês, em troca de machados e foices. O ápice da encenação ocorreu quando a aldeia dos indígenas que comercializavam com os franceses foi atacada por uma tribo inimiga, que incendeia as suas ocas e inicia um combate bem aos olhos dos europeus<sup>47</sup>.

“Por trás desse espetáculo pitoresco ” promovido pela cidade normanda, está um fato que devemos considerar, pois tal festa não seria possível sem os “intercâmbios anteriores entre Brasil e França”<sup>48</sup>. Certamente, reunir cinquenta indígenas e duzentos franceses, todos nus e bronzeados à moda dos nativos americanos, além das plantas e dos animais, e, ainda, simular uma pequena aldeia em plena Europa do século XVI, só poderia acontecer com um “acúmulo prévio de relações” com os indígenas e para uma platéia ávida pelas novidades do Novo Mundo<sup>49</sup>. Mais do que ser um episódio importante para a mudança da relação entre a França e a América, a festa em Rouen é significativa para demonstrar o quanto os

<sup>46</sup> FRANCO, 1976, op. cit., p. 50.

<sup>47</sup> DENIS, 1850, op. cit., passim.

<sup>48</sup> BONNICHON, 1992, op. cit., p. 38.

<sup>49</sup> Entre os finais do decênio de 1540-1550, vários navios franceses eram avistados na região de Cabo Frio. Em 1547, foram sete ou oito navios. No ano seguinte, mais sete embarcações francesas. Mesmo com a expedição portuguesa comandada por Martins Afonso de Souza, que chegou ao Brasil em 1531, os corsários franceses continuavam operando (SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **O Rio de Janeiro no século XVI**. Lisboa: Edição da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, 1965. p. 46). Em 1548, Luis de Góis escreve a D. João III contando os perigos que corria o litoral do Rio de Janeiro com a presença de navios franceses: “Eu quisera antes dizelo em pessoa a vossa Alteza que escrevello, porque tam perigosa estaa a costa, que não sey esta carta que fim averá, dous anos a esta parte vem sete oito naos cada anno ao Cabo Frio e Rio de Janeiro” (Carta de Luís de Góis escrita da vila de Santos a D. João III. 12 de maio de 1548. In: DIAS, Carlos Malheiros. **História da colonização portuguesa no Brasil**. Porto: Litografia Nacional, 1921-1924. p. 259.). Em uma carta destinada ao rei português, em julho de 1551, Tomé de Souza também faz várias referências aos corsários franceses no Rio de Janeiro “Pero de Guoees a jda daqui pêra São Vicente nom topou nao alguma de corsayros e depois [...] tornou outra vez a corer a costa ate o rio de Janeiro que he aguora amayor escala de corsayros e nom achou corsayro algum (SERRÃO, 1965, op. cit., p. 23). A ameaça dos corsários franceses manteve-se, Francisco Portocarrero, capitão-mor da Baía, em abril de 1555, também escreve uma carta ao monarca português D. João III, fazendo uma crítica à ação militar portuguesa ao declarar que “[...] proveja como for seu serviço e tão bem pareceo razão dizer a V. A. quam perdida está esta terá e quam atrazada de quam emparada e guardada estava em tempo de Tomé de Sousa [...]” (Ibid., p. 31).

franceses conheciam do Brasil e, de uma certa forma, da América. Informações conseguidas, talvez, através da frequência dos navios franceses nessas plagas. Não é de se estranhar que, justamente, o Brasil tenha sido o lugar escolhido para sediar a primeira tentativa francesa de estabelecimento na América, com intenções exclusivas de explorar o novo mundo – e não de abrir caminho para o Oriente, como aconteceu na Terra Nova.

Os preparativos para esse estabelecimento, denominado França Antártica<sup>50</sup>, são, no entanto, bem anteriores aos preparativos para a expedição comandada por Nicolas Durand de Villegagnon, em 1555. Quando Francisco I faleceu, em 1547, a navegação francesa não perdia um grande incentivador, ao contrário, ganhou um: Henrique II, seu herdeiro, estava convencido a melhorar o aparato naval francês. Além de navios de guerra, ele investiu em novas embarcações para o comércio atlântico acrescentando às quatro naus e três galeões herdados de Francisco I, cinco novas embarcações e mandando construir “uma vintena de roberges<sup>51</sup>” no final do ano de 1549<sup>52</sup>. Henrique II não só cuidou de sua frota naval, mas, também, reorganizou a disciplina, o recrutamento e o comando da marinha francesa. A iniciação da nobreza francesa<sup>53</sup> nas lides marítimas foi assegurada pela Ordenação de Blois, que garantiu a instrução de cento e vinte gentis-homens destinados a se tornarem oficiais<sup>54</sup>.

Em 1551, um ano após a festa em Rouen, o próprio Henrique II resolveu enviar para a América do Sul o piloto e cartógrafo Guillaume Le Testu para fazer uma viagem de reconhecimento, verificando e sistematizando as informações recolhidas, tendo em vista inventariar os recursos e as possibilidades para um futuro

<sup>50</sup> É importante, nesse momento, notarmos tal denominação. A palavra Antártica vem do grego *anti-arktos*, oposto à Ursa (a constelação). Trata-se, dessa forma, da construção de uma França no outro lado do mundo. Uma espécie de festa francesa nos trópicos, tal qual a festa brasileira em Rouen, no ano de 1550. Mas, opostas simetricamente em relação ao Equador, às margens do rio Sena e do Rio de Janeiro (como era conhecida a baía de Guanabara, no século XVI). AUGRAS, Monique. Imaginária França Antártica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 31, 1991.

<sup>51</sup> Os *roberges* têm esse nome inspirado nas embarcações inglesas do século XVI, *roubarges*, que gozavam de boa artilharia. BONNICHON, 1975, op. cit., p. 424.

<sup>52</sup> Ibid., p. 423.

<sup>53</sup> Antônio Magalhães Godinho, ao analisar a história das navegações portuguesas, nota um novo tipo social formado nos séculos XV e XVI. Para esse historiador os séculos em questão representam uma época de transição, entre a Idade Média e a Idade Moderna. Ainda, Godinho escreve que “os valores, as posições e as condutas mudam com o decorrer do século XV. A sucessão de leis sumptuárias mostra que os não nobres queriam passar a viver nobremente. Os mercadores, e também os funcionários públicos, pretendem foros de cavalaria, enquanto os cavaleiros se consagram cada vez mais ao corso e aos assaltos a aldeias de mouros, e à própria navegação e comércio”. GODINHO, Vitorino Magalhães. **Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar**: séculos XIII-XVIII. Lisboa: Difel, 1990. p. 96.

<sup>54</sup> BONNICHON, 1975, op. cit., p. 424.



estabelecimento<sup>55</sup>. Junto a Le Testu, viajou o frade e cosmógrafo André Thevet. O navio, segundo Bonnichon, saiu em junho do porto de Dieppe, na França, e chegou ao litoral brasileiro somente em dezembro, onde ficaram aproximadamente cerca de seis meses explorando o litoral<sup>56</sup>. Dessa vez, Henrique II poderia contar com informações mais precisas<sup>57</sup>, através das cinquenta e seis cartas náuticas<sup>58</sup> produzidas por Le Testu, dedicadas ao recém nomeado almirante Gaspard de Coligny (também chamado de Senhor de *Chastillon*, nos documentos estudados).

De volta à França, os presentes levados por Thevet às principais personalidades francesas causaram grande impressão. Porém, qualquer projeto mais ousado com relação à América ficou naquele momento em segundo plano, pois em 1552, Henrique II assinou o Tratado de Chambord com os príncipes alemães e recomeçou o conflito com Carlos V, da Espanha.<sup>59</sup> Somente em 1554, com a participação ativa de Gaspard de Coligny<sup>60</sup>, Henrique II ordena a preparação de uma expedição ao Brasil, entregando a Nicolas Durand de Villegagnon, o seu comando. Em 1553, Villegagnon apresentava um projeto de estabelecimento na América do Sul ao almirante Coligny<sup>61</sup>. O cavaleiro de Malta estava verdadeiramente interessado nesse projeto, tanto que teria viajado à região do Cabo Frio, também, para uma viagem de reconhecimento. Tal viagem revestida de um caráter apenas comercial, para que não despertasse a atenção dos portugueses foi relativamente rápida<sup>62</sup>, ainda que indispensável para conseguir informações preciosas para o futuro do

<sup>55</sup> BONNICHON, 1975, op. cit., p. 423.

<sup>56</sup> Ibid., p. 424.

<sup>57</sup> No relato da segunda viagem de Jacques Cartier (Cf. JULIEN, 1946a, p. 146), do ano de 1535, esse viajante faz menção ao tamanho das espigas dos milhos vindos do Brasil. De certa forma, tal informação chegava através dos mercadores que visitavam essa região e faziam comércio de pau-brasil, entre outras mercadorias, com os indígenas. O próprio Jean Léry, que esteve no Brasil em 1557, escreveu que Villegagnon recebeu informações sobre o litoral brasileiro de um oficial da marinha francesa. O tal comissário exaltava o clima da região e “tecia largos elogios” sobre a fertilidade do solo, a abundância dos alimentos, as incontáveis riquezas que a terra oferecia e sobre uma série de outras coisas dignas de nota (LÉRY, Jean de. *Histoire des Choses Memorables* [...]. EYRIÈS, J. B. (Dir.). **Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire ou Recueil des relations originales inédites**. Paris, Gides, v. 144, p. 194, 1854).

<sup>58</sup> Essas cartas são do tipo portulano, nos quais a costa brasileira está representado desde o Maranhão até a região do rio da Prata. BONNICHON, 1975, op. cit., p. 425.

<sup>59</sup> MARIZ, 2006, op. cit., p. 54.

<sup>60</sup> Para o historiador Charles-André Julien (Cf. JULIEN, 2003, op. cit., p. 185), a atuação de Gaspard de Coligny como almirante foi de engrandecer a França. Em 1554, o almirante da França não tinha tomado partido da causa protestante, por isso o projeto da França Antártica, como uma espécie de refúgio protestante, não estava em sua proposta inicial, como defendeu Gilbert Chinard (Cf. CHINARD, Gilbert. **L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècle**. Paris: Droz, 1934). Para Julien, a possibilidade de expansão já era o bastante para o almirante concordar, e defender, o projeto.

<sup>61</sup> BONNICHON, 1992, op. cit., p. 96.

<sup>62</sup> MARIZ, 2000, op. cit., p. 74.

empreendimento. É bom lembrar que um projeto de estabelecimento na região da América do Sul agradava ao monarca, mas, mais ainda, aos armadores franceses que, constantemente, enviavam seus navios para essas plagas em busca do pau-brasil. Tal estabelecimento poderia de vez por toda organizar e assegurar as iniciativas particulares direcionadas à região.

Com o apoio dos principais grupos políticos e religiosos da França, como os Guises e, também, o Cardeal de Lorraine, chefe da Igreja Católica na França, Villegagnon começou os preparativos para sua expedição. Segundo Jean de Léry, Villegagnon conseguiu o apoio real, e das principais autoridades francesas, ao divulgar seu projeto como uma forma de encontrar uma terra de descanso para aqueles que eram perseguidos pela Igreja Católica na França, além de oferecer honra, glória e proveito para o reino francês. Com tais promessas, logo foi colocado à sua disposição três navios, armados com artilharia e abastecidos com munições e outras coisas necessárias à viagem, e cerca de dez mil francos para as despesas com homens e artilharia para construção de um forte<sup>63</sup>.

As expectativas quanto ao estabelecimento eram muitas, principalmente da parte de Villegagnon. Antes da partida, o comandante da França Antártica era visitado por um comissário do tesouro da marinha francesa que além dos assuntos próprios do seu cargo, entreteria Villegagnon com histórias sobre a América, mais precisamente sobre o Brasil. O tal comissário exaltava o clima da região e “tecia largos elogios” sobre a fertilidade do solo, a abundância dos alimentos, as incontáveis riquezas que a terra oferecia e sobre uma série de outras coisas dignas de nota<sup>64</sup>.

A primeira dificuldade enfrentada, no entanto, foi o recrutamento de “homens crentes em Deus, pacientes e de bem, interessados em ver criada uma comunidade a serviço de Deus”. Mas, quem mais respondeu ao recrutamento, segundo Jean de Léry, foram os curiosos, aventureiros, “homens rústicos e desprovidos de instrução, de castidade e de civilidade, homens engolfados em vícios, dissolutos, vilões e impudicos”<sup>65</sup>, que tiveram grandes responsabilidades nos rumos que a França Antártica tomaria, como veremos em breve. Os três navios saíram do porto de Havre em julho de 1555, mas logo em seguida enfrentam duas tempestades fazendo com que uma parada no porto de Dieppe fosse necessária, levando muitos tripulantes a

<sup>63</sup> LÉRY, 1854, op. cit., p. 195.

<sup>64</sup> Ibid., p. 6.

<sup>65</sup> Ibid., p. 7.

desistirem da viagem e adiando a nova partida em direção à América do Sul para 14 de agosto. A travessia dura aproximadamente três meses, ou seja, em dez de novembro de 1555 a pequena frota de Villegagnon chegou à Baía Guanabara. Depois de passar por várias ilhotas e percorrer a baía, a frota decide se instalar em terra firme. Segundo Nicolas Barré, piloto da expedição, ao chegarem no local os franceses foram recebidos por cerca de quinhentos a seiscentos indígenas, todos nus e armados de arcos e flechas. Esses nativos deram as boas vindas aos recém chegados e lhes ofereceram presentes<sup>66</sup>. André Thevet conta-nos que os nativos lhes arrumaram, também, um “palácio à moda da terra” para que pudessem se instalar. Os víveres chegavam a todo instante, principalmente alimentos feitos a base de mandioca e outras raízes. Assim ficaram durante dois meses, até fazerem o reconhecimento local e acharem um lugar para a instalação do forte<sup>67</sup>.

O local escolhido foi uma ilha, chamada pelos indígenas de Serigipe e Palmeiras, pelos portugueses<sup>68</sup>. O interessante foi a opção feita por Villegagnon, que preferiu não se estabelecer na costa onde alguns franceses já conviviam com os indígenas. Do ponto de vista militar, explica Lescarbot, a ilha é uma ótima opção, pois fica muito mais fácil sua fortificação. Mas, do ponto de vista da colonização a escolha foi péssima, pois ela não garantiria a posse do território<sup>69</sup>. No entanto, o próprio Villegagnon explica seu motivo para tal escolha:

Escolhi este lugar para nossa habitação a fim de tirar dos nossos homens a possibilidade de fuga e mantê-los assim no cumprimento do dever. E porque não havia mulheres suscetíveis de chegar até nós sem os seus maridos, extirpei a ocasião de pecar.<sup>70</sup>

Thevet em uma obra posterior ao episódio da França Antártica, a *Cosmographie Universelle*, de 1575, publica alguns mapas do que seria o Forte Coligny e a cidade de Henriville construída pelos franceses. Mas, quando Jean de Léry chegou à França Antártica, em 1557, ou seja, quando Thevet já havia retornado à França, o forte ainda estava em construção e em estado precário. A tal Henriville, cidade construída no continente não passava de uma ilusão, o que existia eram apenas algumas choupanas construídas à moda nativa<sup>71</sup>.

<sup>66</sup> BARRÉ, 1999, op. cit.

<sup>67</sup> THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1978. p. 111.

<sup>68</sup> BONNICHON, 1975, op. cit., p. 429.

<sup>69</sup> LESCARBOT apud JULIEN, 2003, op. cit., p. 190.

<sup>70</sup> VILLEGAGNON, Nicolas Durand de. Carta à Calvino. In: GONÇALVES SALVADOR, J. BRUAND, Yves. Os franceses na Guanabara: correspondências da França Antártica. **Revista de História**. São Paulo: ano 15, v. 28, p. 224, 1964.

<sup>71</sup> LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980. p. 105.

A sobrevivência dos franceses na França Antártica acontecia basicamente através das trocas feitas com os indígenas e da atuação dos intérpretes – franceses que viviam entre os indígenas, muitos deles casados com as nativas. A falta de água potável no Forte Coligny era um outro problema enfrentado pelos colonos. Sobre isso, Léry afirma que a água, de péssima qualidade, consumida por eles era recolhida da chuva e armazenada numa cisterna “fétida”<sup>72</sup>. Já a comida era racionada, cada colono recebia sua cota de farinha de mandioca por dia<sup>73</sup>, assim como vinho, muitas vezes insuficiente até mesmo para as cerimônias religiosas<sup>74</sup>, resumindo, nada ia muito bem no Forte Coligny.

Além das dificuldades para reabastecer a colônia e o estranhamento do clima, outro problema começava a aparecer, a disciplina, ou melhor, na opinião de Villegagnon, que com sua rigidez militar acabava por afastar tanto os franceses quanto os nativos aliados, a falta dela. Segundo Vasco Mariz<sup>75</sup>, junto com o grupo trazido por Villegagnon, estava um índio tabajara, casado com uma francesa, que servia de intérprete aos franceses. Poucas semanas depois da sua chegada, os nativos os aprisionaram, pois suas tribos eram inimigas, e em seguida não escapou de ser assado e devorado. Esse episódio resultou num desentendimento entre Villegagnon e Cunhambebe, chefe dos tupinambás, aliados dos franceses.

Depois desse, vários outros desentendimentos entre os próprios franceses começaram a surgir no Forte Coligny. O primeiro deles diz respeito aos intérpretes, aqueles franceses que viviam entre os nativos. Villegagnon não concordava com a situação “degradante” sob a qual viviam, amancebados com as nativas e praticando até mesmo o canibalismo. A proibição de manterem relações sexuais com as nativas fora do casamento, imposta por Villegagnon, fez com que alguns franceses preferissem se casar com as nativas e viverem entre os “selvagens” a seguirem as regras da colônia:

[...] depois de [Villegagnon] ouvir o parecer do conselho, que nenhum cristão se juntasse às mulheres dos selvagens, sob pena de morte, a menos que fossem antes instruídas na religião, e batizadas. Isso não aconteceu, entretanto, pois não obstante as prédicas feitas a esse povo bárbaro, nenhum indivíduo quis abandonar sua crença e converter-se <sup>76</sup>.

Diante de tais desentendimentos e da falta de víveres mandados pela metrópole, no

<sup>72</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 86.

<sup>73</sup> Ibid., p. 100.

<sup>74</sup> Ibid., p. 101.

<sup>75</sup> MARIZ, 2000, op. cit., p. 82.

<sup>76</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 96.

início de 1556 um complô é armado contra Villegagnon. Sob a liderança de um intérprete, cerca de trinta homens queriam a morte do comandante da França Antártica:

[...] havia três opções para os revoltosos: envenenar Villegagnon, que envenenava a vida deles. Explodir o paiol de pólvora e com ele o vice-rei do Brasil e sua guarda pessoal, dormindo no cômodo de cima. Preferiram uma terceira hipótese, que seria o assassinato puro e simples de Villegagnon. Para isso necessitavam da colaboração de um dos escoceses da guarda pessoal, que andava aborrecido com o chefe<sup>77</sup>.

Os revoltosos, porém, não contavam com a traição de um soldado escocês, que preferiu avisar Nicolas Barré, secretário de Villegagnon, sobre o motim. Em sua carta a Calvino, Villegagnon conta que agiu de maneira severa com os revoltosos e apesar do líder do complô ter fugido, os outros foram julgados, dentre eles, dois condenados à forca e os demais tiveram penas menores<sup>78</sup>.

Depois desse acontecimento, Villegagnon resolveu pedir ajuda à Metrópole. Em 1557, Gaspard de Coligny, atendendo ao pedido do próprio Villegagnon, mandou para a França Antártica um grupo de religiosos protestantes. Em uma carta, Villegagnon agradece ao próprio Calvino o envio dos religiosos, enfatizando a importância que esses teriam na colônia, a saber: restabelecer a harmonia e ajudá-lo a manter a ordem e a disciplina entre os franceses<sup>79</sup>.

Junto dos quatorze protestantes mandados por Calvino, vieram na pequena frota comandada por Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon, cerca de trezentas pessoas, entre elas alguns homens de ofício, seis crianças, cinco mulheres. Com este reforço Villegagnon tentou reorganizar a colônia, mas novamente entra em atrito com alguns colonos<sup>80</sup>, dessa vez, “os alvos”, como escreveu Léry, foram os protestantes. Chamados para disciplinar os colonos e reestabelecer a moral na França Antártica, os protestantes, entre eles os pastores Pierre Richer e Guillaume Chartier, entraram em conflito com Villegagnon, dessa vez motivados pelas diferentes interpretações que davam ao ritual eucarístico. Para Richer, e para os outros protestantes, o pão e o vinho não se transformavam na carne, nem no sangue de Jesus Cristo de maneira concreta, enquanto que para Villegagnon só poderia significar que estava realmente diante do Seu corpo e do Seu sangue. Queria, segundo Léry<sup>81</sup>, comer a carne de Jesus Cristo, não só espiritualmente, mas

<sup>77</sup> PEILLARD apud MARIZ, 2000, op. cit., p. 91.

<sup>78</sup> VILLEGAGNON, 1964, op. cit., p. 228.

<sup>79</sup> Ibid., p. 225.

<sup>80</sup> BONNICHON, 1992, op. cit., p. 99.

<sup>81</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 94.

também materialmente, à maneira dos canibais. Estava, dessa maneira, instalado na França Antártica o debate entre protestantes e católicos.

Outro debate aconteceu no dia da celebração da Santa Ceia, em que Jean Cointa (ou Senhor de Bolés) exigiu o uso do pão sem fermento e de vinho misturado com água, porque assim tinha sido realizado por Justini Mártir, Irineu e Tertuliano. Os pastores Richer e Chartier não concordaram com as exigências afirmando que o certo era seguir os ensinamentos deixados por Jesus Cristo, como estava escrito na Bíblia. Villegagnon, no entanto, não tomou o partido dos protestantes, declarou que os teólogos antigos citados por Cointa eram mais autorizados para discutir tal assunto e ordenou que o ritual prosseguisse da maneira exigida pelos teólogos antigos: com o uso do pão sem fermento e de vinho misturado com água<sup>82</sup>. As discussões que seguiram esse episódio levaram Villegagnon a ordenar que Chartier voltasse a França para que pesquisasse as opiniões dos doutores em teologia sobre a discussão levantada na colônia<sup>83</sup> e de permitir a pregação de Richer somente se fossem seguidas as regras da colônia<sup>84</sup>.

Nessa situação, proibidos de se reunirem e pregarem entre os nativos, o desejo de regressar a França só crescia entre os reformados. No entanto, Villegagnon proibiu qualquer navio, que ali chegasse para carregar pau-brasil, de levar o grupo de volta à Europa. A autoridade de Villegagnon foi desrespeitada, o que o levou a expulsar o grupo do Forte Coligny. As ferramentas dos operários e os livros de Richer são confiscados, sob o motivo de que teriam sido adquiridos com o dinheiro da colônia<sup>85</sup>. Os colonos expulsos estabeleceram-se no continente, numa pequena aldeia, e passaram a se alimentar de raízes, frutas e legumes que os selvagens traziam em troca de algumas peças de roupas até o dia que partiriam num navio arranjado por Richer e o Sr. Du Pont<sup>86</sup>.

O navio que conseguiram, apesar do impedimento feito pelo almirante, era muito velho e após navegar algumas léguas começou a fazer água por todos os lados e por mais que a tripulação trabalhasse para lançá-la de volta ao mar, a água penetrou na despensa e pôs a perder todo o abastecimento de biscoito<sup>87</sup>. O capitão do navio comunicou que diante de tal situação o ideal era que alguns passageiros

<sup>82</sup> LÉRY, 1854, op. cit., p. 204.

<sup>83</sup> Id., 1980, op. cit., p. 95.

<sup>84</sup> Ibid., p. 25.

<sup>85</sup> Ibid., p. 27.

<sup>86</sup> Id., 1854, op. cit., p. 207.

<sup>87</sup> Ibid., p. 208.

voltassem à terra, visto também, que as provisões não eram suficientes para todos os tripulantes. Cinco dos passageiros aceitaram a oferta e voltaram, pensando que Villegagnon os receberia de volta, eram Pierre Bourdon, Jean de Bourdel, Mathieu Verneuil, André La Fon e Jacques Le Balleur.

De volta à colônia, os cinco foram julgados e condenados à pena de morte por não abjurarem sua fé, tornando-se os primeiros mártires protestantes no novo mundo. Sobre o julgamento, Jean Crespín escreveu que Villegagnon após ouvir os protestantes ofereceu-lhes roupas, alimento e outras regalias oferecidas aos outros franceses, mas com a condição de que não “revelassem propósitos religiosos protestantes”, caso contrário sofreriam a pena de morte<sup>88</sup>. Posteriormente, Villegagnon formulou um questionário sobre matéria de fé e o enviou aos protestantes. Jean Bourdel foi escolhido para redigir as respostas e depois de pronto foi assinado pelos cinco. Ao receber tal questionário de volta, Villegagnon o achou “herético” e “ímpio” em vários pontos, mandando, então, chamar seus autores que, mais uma vez, interrogados afirmaram sua fé reformada<sup>89</sup>.

Villegagnon, então, ordenou ao carrasco que lhes prendessem as pernas com grilhões e os colocassem em celas até que fosse decidida a maneira da execução. Segundo Crespín, Bourdel e Verneuil foram jogados ao mar e Bourdon, estrangulado e seu corpo, também, atirado ao mar. Já André La Fon foi poupado, pois, como alfaiate, poderia ser de grande utilidade na colônia<sup>90</sup>. Enquanto isso, a viagem dos outros companheiros demorou cerca de vinte semanas até chegarem na costa da Bretanha, enfrentando fortes tormentas, fome enquanto o navio fazia água por todos os lados. A situação da colônia também não era tão boa. Como os reforços mandados pela metrópole não foram suficientes, Villegagnon decide ir, pessoalmente, à corte para tratar do assunto.

Nesse momento, o governo português já armava uma expedição para acabar com o estabelecimento francês, na baía de Guanabara. Mem de Sá, nomeado Governador Geral do Brasil, em 1556, preparou o seu ataque a partir das informações conseguidas através de um colono expulso da França Antártica, Jean Cointa<sup>91</sup>. A frota portuguesa ficou na entrada da baía da Guanabara esperando o momento certo. Um galeão francês que estava nos arredores é capturado fazendo

<sup>88</sup> CRESPIÑ, Jean. **A tragédia da Guanabara. A História dos primeiros mártires do cristianismo no Brasil**. Tradução Domingos Ribeiro. Rio de Janeiro: Casa Publicadora da Assembléia de Deus, 2006. p. 52.

<sup>89</sup> Ibid., p. 63.

<sup>90</sup> Ibid., p. 65, 67, 69.

com que muitos franceses se dispersassem, mas ao invés de atacar o forte, o governador-geral português propõe a Bois-le-Comte, que estava no lugar de Villegagnon, uma rendição que foi ignorada<sup>92</sup>. Em quinze de março de 1560, com a chegada de reforços vindos da capitania de São Vicente, o ataque ao forte é iniciado e dois dias depois, os franceses viram-se obrigados a refugiarem-se entre os nativos. Mesmo com a destruição do forte, as iniciativas francesas na região continuaram. Foi somente em 1567 que os portugueses conseguiram conquistar a baía e instalar, definitivamente, a nova cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro<sup>93</sup>.

Como podemos notar, o fracasso do estabelecimento francês na baía de Guanabara consolidou a implantação portuguesa na região, mas não coloca um ponto final na atuação francesa na América, pois os reforços conseguidos pelo almirante Coligny para reerguer o estabelecimento no Brasil foram desviados a uma nova empresa: a construção de um estabelecimento no litoral norte da América<sup>94</sup>. O litoral atlântico da América do Norte não era totalmente desconhecido dos franceses, no século XVI, pois alguns navegantes, como os irmãos Verrazzano e Jacques Cartier, estiveram nessas paragens logo na primeira metade do século, fazendo do litoral uma boa alternativa para os objetivos franceses de se estabelecerem no Novo Mundo, ainda mais diante da dificuldade dos espanhóis em se fixarem naquela região<sup>95</sup>.

Assim como aconteceu com a França Antártica, a colonização da Flórida, pelo menos num primeiro momento, não tinha um aspecto exclusivamente religioso. A posse de um território no novo mundo fazia parte do desejo de tornar a França um império tal qual eram a Espanha e Portugal, mas funcionou também, não podemos negar, em razão ao número de reformados nas expedições, como uma solução parcial aos sofrimentos e perseguições sofridas por esse grupo<sup>96</sup>, que segundo Charles André Julien, a partir de 1560, dois anos antes da primeira expedição de

<sup>91</sup> Jean Cointa (ou Cointha), também chamado de Senhor de Bolés, um acadêmico da Sorbonne entre os colonos. Segundo Léry, Cointa gozava de bom relacionamento com Villegagnon, ficando do lado do comandante na discussão aberta com os ministros Richer e Chartier. Casou-se na França Antártica com uma das mulheres vindas na expedição de Bois-le-Comte, que trouxe também Léry. Com o fato de Villegagnon não cumprir todas as promessas que fazia, o próprio Cointa começou a duvidar de seu caráter. Isto o levou à sua expulsão, passando a viver entre os selvagens (LÉRY, 1854, op. cit., p. 208). Existe ainda, um processo da Inquisição portuguesa sobre João de Bolés, denominado Processo de João de Bolés e justificação requerida pelo mesmo. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (1560-1564)**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 215-308, 1903-1904.

<sup>92</sup> SERRÃO, 1965, op. cit., p. 74-75.

<sup>93</sup> FERREZ, Gilberto. A expulsão dos invasores. In: HISTÓRIA Naval Brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975. p. 467.

<sup>94</sup> BONNICHON, 1992, op. cit., p. 104.



Ribaut, aumentava inclusive entre a nobreza francesa. Até mesmo a grande parte dos “gentilshommes” que se dedicavam aos assuntos do mar eram reformados. Julien afirma, também, que justamente as províncias onde se recrutavam homens para as viagens além-mar – Normandia, Dieppe, Rouen, Caen e Saint-Malo – eram as principais localizações de reformados do século XVI, na França<sup>97</sup>.

Quem apontou o estabelecimento de um refúgio religioso no Novo Mundo como o principal aspecto motivador da colonização da Flórida pelos franceses foi Nicolas Le Challeux. Para o carpinteiro que participou dessa tentativa de colonização, os tumultos e perseguições decorrentes da guerra civil na França fez com que o rei enviasse um bom número de homens com muitos navios em direção à Flórida, após a assinatura do primeiro edito de pacificação, a Paix d’Amboise<sup>98</sup>. Enquanto para os capitães Ribaut e Laudonnière, a posse de novas terras para a coroa francesa é apontada como o motor das três expedições à Flórida, mais do que o aspecto religioso. Em seu relato ao rei Carlos IX, Ribaut é bem enfático ao escrever o motivo de sua primeira viagem de reconhecimento da Flórida, em 1562:

Que a França possa um dia, através de novas descobertas, ter o conhecimento dos países estrangeiros e, também, dali obter pelo tráfico mercadorias ricas e inestimáveis, assim como outras nações têm feito ao partirem para semelhantes viagens longínquas para a honra e competência de seus países e domínios, [...] <sup>99</sup>.

<sup>95</sup> Juan Ponce de León é considerado o descobridor da Flórida. Este espanhol fez duas viagens à região, a primeira em 1513 e outra em 1521. Em sua segunda viagem, e com o título de Adelantado de La Florida e Bimini, Ponce León tenta, sem sucesso povoar a região. Outros espanhóis passaram a se interessar pela região da Flórida após os empreendimentos de Ponce de León. Lucas Vázquez de Ayllón foi um desses homens. Em 1526 a expedição de Ayllón, parte do porto de La Plata. A sorte dos espanhóis, no entanto, não foi muito boa. Os indígenas os receberam com hostilidade. Sem alimentação suficiente e esgotados após os conflitos com os nativos, o desejo de conquistar a região foi suplantado pelo desejo de regressar. A família de Vázquez de Ayllón perdeu autorização para explorar e colonizar a região uma vez que seu herdeiro faleceu antes de receber o direito ao cargo de Adelantado. Mas, mesmo após os fracassos de Ponce de León e de Vázquez de Ayllón, o êxito das descobertas de Cortés, no México, e de Pizarro, no Peru, estimularam outros espanhóis a explorarem o interior da região da Flórida, como o fez Pánfilo de Narváez, em 1527, Hernando de Soto, em 1537, Frei Luis de Câncer, em 1549 e Tristán de Luna y Arellano, em 1559. Para mais informações sobre a presença espanhola na Flórida, ver María Antonia S. Sastre, (1991). E também, a COLECCIÓN de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y colonización de las posesiones españolas en América y Oceanía, sacados en su mayor parte, del Real Archivo de Indias, [y de otros archivos del reino], Vaduz [Liechtenstein], Kraus reprint, 1964-1966.

<sup>96</sup> JULIEN, 2003, op. cit., p. 227.

<sup>97</sup> Ibid., p. 226.

<sup>98</sup> LE CHALLEUX, Nicolas. Histoire mémorable du dernier voyage aux Indes, lieu appelé la Floride, (Nouvelle France), fait par le capitaine Jean Ribaut, et entrepris par le commandement du roy, en l’an M.D.LXV. In: GAFFAREL, Paul. **Histoire de la Floride française**. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1875. p. 458.

<sup>99</sup> RIBAUT, Jean. Narrative of the first voyage of Jean de Ribault [...], A. D. 1562. In: HISTORICAL Collections of Louisiana and Florida. New York, USA: Wiley and Putnam, 1875. p. 161. (tradução nossa).

O mesmo desejo, como afirmamos, é compartilhado por René de Goulaime Laudonnière:

O almirante de Chatillon<sup>100</sup>, senhor muito preocupado com o bem público do que com o seu próprio, consciente da vontade do rei, seu príncipe, que era a de fazer o reconhecimento das terras novas, fez zelosamente equipar os navios, próprios para esse feito, e levar pessoas dignas de tal empresa, entre as quais estava o capitão Jean Ribaut [...]<sup>101</sup>.

O descobrimento e posse de novas terras na América, em nome da coroa francesa, são notáveis nessas duas passagens e para sua realização, nas palavras de Laudonnière, era preciso contar com pessoas dignas e competentes para a realização desse empreendimento. Jean Ribaut, um reformado da cidade de Dieppe, foi nomeado capitão da primeira expedição à Flórida e junto com ele estavam cerca de cento e cinquenta homens, cuja grande parte eram soldados e muitos gentilshommes protestantes, divididos em dois roberges, um de cento e sessenta e outro de setenta toneladas<sup>102</sup>. Essa pequena frota de Ribaut parte do porto de Le Havre em dezoito de fevereiro de 1562 e em trinta de abril chega ao litoral da Flórida, ao Cabo François. A rota escolhida por Ribaut para se chegar ao litoral norte-americano foi diferente daquela feita pelos espanhóis. Devemos lembrar que o canal das Bahamas, ou canal de Bimini como era denominado na época, que liga o litoral da Flórida<sup>103</sup> às ilhas da América Central, era a principal rota marítima para a Nova Espanha, tanto dos navios que chegavam ou partiam para a Europa<sup>104</sup>.

Com essa nova rota, Ribaut conseguiria não apenas escapar dos navios espanhóis, como também diminuir o tempo da travessia do atlântico, chegando ao litoral americano em trinta de abril de 1562. Logo no dia seguinte, em primeiro de maio, os franceses descobrem um rio e o nomeiam de May (atualmente Saint-John). Conforme navegam para o norte batizam os rios que encontraram com o nome dos principais rios franceses: Seine, Somme, Loire, Charente, Garonne e Gironde<sup>105</sup>.

Durante a exploração da região, Ribaut cuidou de fazer algumas alianças com as tribos locais, trocando presentes com os principais chefes da região. Em troca de

<sup>100</sup> Gaspard de Coligny, almirante da França, nasceu em 16 de fevereiro de 1516, em Chatillon-sur-Loire.

<sup>101</sup> LAUDONNIÈRE, René G. de. **L'histoire notable de la Floride** [...]. Paris: P. Jannet, 1853. p. 15. (tradução nossa).

<sup>102</sup> JULIEN, 2003, op. cit., p. 229.

<sup>103</sup> Durante o século XVI, a região da Flórida abrangia uma território que estava além das fronteiras do atual estado norte americano. Segundo Maria Antonia Sáinz Sastre, fazia parte do território, além da própria Península da Flórida, a região que vai do Lavrador ao México. Cf. SASTRE, Maria Antonia Sáinz. **La Florida, siglo XVI**. Madrid: MAPFRE, 1991. p. 101.

<sup>104</sup> Ibid., p. 29.

<sup>105</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 183.

alguns artefatos indígenas e peles, os franceses davam aos nativos tecidos com a estampa da flor-de-lis amarela<sup>106</sup> e outras quinquilharias, como pentes, espelhos, miçangas, peças de vestuário, anzóis, facas e algumas vezes armas de fogo, como os arcabuzes levados pelos franceses para se protegerem. Além da aliança formada com os nativos, Ribaut estava interessado nas informações sobre algumas localidades da região onde pudessem encontrar metais e pedras preciosas<sup>107</sup>, por isso, freqüentemente, os interrogava sobre os principais chefes locais e a situação de seus reinos.

Interessados nas prováveis riquezas locais, os franceses não se esqueceram de tomar posse da região descoberta e, na presença dos nativos, segundo Ribaut também com sua autorização, os franceses levantaram uma coluna de pedras com as armas da coroa francesa encravadas, em cada país visitado. Também fundaram um forte, Charlesfort, onde os trintas franceses deixados por Ribaut poderiam dar início à construção de um estabelecimento, cuja liderança caberia, nesse meio-tempo até que Ribaut regressasse da França trazendo reforços, ao capitão Albert de la Pierria<sup>108</sup>.

No início de junho de 1563, Ribaut parte de volta a França para dar as notícias a Carlos IX e, também, para pedir reforços materiais e humanos. Porém a situação do país não era nada agradável, o conflito entre católicos e huguenotes<sup>109</sup> fez com que o empreendimento ficasse em segundo plano e somente após a assinatura do Édito de Amboise, em 1564, que colocava um término na guerra civil e afirma uma política de apaziguamento entre católicos e protestantes, que a coroa francesa voltaria a dar atenção aos negócios na Flórida e organizar a sua segunda expedição<sup>110</sup>.

Nesse meio tempo, entre junho de 1563 e junho de 1564, a situação em Charlesfort não estava nada bem, já que a sobrevivência dos franceses só era possível graças às trocas feitas com os nativos, mas, conforme os objetos para as trocas diminuam, também diminuam os alimentos trazidos. O descontentamento

<sup>106</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 172.

<sup>107</sup> Ibid., p. 173.

<sup>108</sup> Ibid., p. 187.

<sup>109</sup> Segundo Charles-André Julien, a causa do conflito estaria num episódio acontecido na cidade de Rouen. Essa cidade teria se recusado a aceitar uma pessoa da família Guise como lugar-tenente da província. Outras cidades protestantes aproveitaram a situação para abrir seus portos aos ingleses, gerando um conflito entre os católicos e os protestantes dessas cidades. Ribaut ao chegar em Dieppe, entra em conflito com os católicos dessa cidade e acaba refugiando-se em Londres, por isso não participa da segunda expedição à Flórida. JULIEN, 2003, op. cit., p. 231.

<sup>110</sup> Ibid., p. 234.

era tamanho que o capitão Albert foi assassinado pelos franceses que queriam voltar imediatamente para a França. Nicolas Barré toma frente da liderança do forte, porém a prioridade dos franceses passa a ser a volta para o país natal. Para isso começam a construir um barco com seus próprios recursos. No entanto, esse barco não agüentou as fortes tempestades da região e acabou perdido no mar e seus sobreviventes só conseguiram retornar a França após serem resgatados por uma embarcação inglesa<sup>111</sup>. Foi somente em vinte e cinco de junho de 1564 que a segunda expedição liderada por René de Goulaimie Laudonnière chegaria à Flórida para dar continuidade às explorações iniciadas por Ribaut e resgatar os colonos de Charlesfort<sup>112</sup>.

Em vez de reconstruir o forte, Laudonnière prefere construir outra fortificação, nomeada de Forte Caroline, dessa vez próxima à nascente do rio May. Também dando continuidade à política de alianças do capitão Ribaut, Laudonnière tratou logo de reafirmá-las com as tribos da região, através da troca de presentes. Contudo, essa mesma atitude o levaria a se meter nos conflitos nativos, pois, em troca da amizade dos franceses, um dos chefes indígenas pediu sua ajuda num dos conflitos com algumas tribos inimigas. O capitão francês tenta declinar o pedido do chefe indígena, dizendo que a política francesa era diferente, pois preferiam a amizade entre as tribos nativas e os franceses<sup>113</sup>, mas acaba cedendo alguns de seus arcabuzeiros. Nesse jogo diplomático entre as tribos, tarefa principalmente desempenhada pelo senhor d'Ottigny, os franceses conseguiam informações importantes sobre a região, como por exemplo, a localização das possíveis minas de ouro e prata.

Mas, depois de um ataque indígena ao forte, somado ao clima debilitante e à carestia de alimentos, a tranquilidade do Forte Caroline chegaria ao fim. O próprio chefe da expedição seria vítima de alguns complôs, inclusive de tentativa de envenenamento<sup>114</sup>. Os conflitos entre os franceses foram motivados, principalmente, pela falta de resultados das seguidas explorações empreendidas na região. Alguns franceses, “motivados pela ambição e pela avareza, a mãe de todos os males”, estavam dispostos a saquear os inúmeros barcos espanhóis que passavam pela região ou ir para a Nova Espanha<sup>115</sup>. A promessa de riqueza acabou por entusiasmar

<sup>111</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 53-59.

<sup>112</sup> Ibid., p. 61.

<sup>113</sup> Ibid., p. 87.

<sup>114</sup> Ibid., p. 112.

<sup>115</sup> Ibid., p. 116.

os outros colonos, e, para realizar os saques o líder do Forte Caroline foi feito prisioneiro num dos barcos, ancorados no meio do rio May<sup>116</sup>. Durante sua prisão, alguns colonos armaram os outros barcos e partiram na direção das Antilhas, mas são capturados pelos espanhóis e acabam por revelar a importância do estabelecimento francês na Flórida<sup>117</sup>.

Após voltar ao forte e mesmo com a saúde debilitada, Laudonnière continua a sua política de alianças com os nativos, já que era através dessas alianças que os franceses conseguiam os alimentos necessários para sua sobrevivência. Mas, no final de abril de 1565, os víveres e os objetos para troca começaram a se tornar escassos da mesma forma que as relações com os nativos já não era a mesma. A ajuda da França não chegava e, entre os meses de maio e junho, relata-nos Laudonnière, o forte Caroline já passava por grandes dificuldades e carestia de alimentos<sup>118</sup>. Nesse momento, alguns colonos resolvem retornar a França. O mesmo desejo, no entanto, não era compartilhado pelo capitão. Mesmo assim, os colonos conseguem uma embarcação vendida pelos ingleses<sup>119</sup> a um preço bem baixo, além de deixar alguns mantimentos assegurando a sobrevivência dos colonos que permaneceram no forte<sup>120</sup>. Enquanto não chegava nenhuma ajuda da França, os franceses continuavam fazendo algumas incursões pela região a mando de Laudonnière. No final de agosto, quando os capitães Vasseur e Verdier preparavam-se para uma dessas incursões, avistaram alguns navios estranhos na costa<sup>121</sup>. Não sabendo se eram inimigos ou amigos, quando os sete navios avistados entraram no rio May, os franceses trataram logo de se armarem, quando deram por conta que se tratava de Ribaut, sentiram-se aliviados<sup>122</sup>.

Além de soldados, dessa vez Ribaut vinha acompanhado de alguns homens de ofício, lavradores, mulheres e crianças, num total de quase seiscentas pessoas. Essa nova expedição, a terceira à Flórida, mostra a amplitude da colônia para a coroa francesa, e também, para o almirante Coligny<sup>123</sup>. Ribaut, trazia também uma

<sup>116</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 119.

<sup>117</sup> JULIEN, 2003, op. cit., p. 236.

<sup>118</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 145.

<sup>119</sup> O capitão John Hawkins estava atrás dos tesouros que tanto falavam Ribaut e Stukely. Devemos lembrar que o relato de Ribaut fora publicado na Inglaterra, em 1563, na ocasião do conflito entre protestantes e católicos em Dieppe. Ao encontrar os franceses em tal situação, Hawkins se oferece para levar os franceses de volta a Europa, mas Laudonnière recusa a oferta. JULIEN, 2003, op. cit., p. 237.

<sup>120</sup> LAUDONNIÈRE, 1843, op. cit., p. 176.

<sup>121</sup> Ibid., p. 180.

<sup>122</sup> Ibid., p. 184.

<sup>123</sup> JULIEN, 2003, op. cit., p. 237-238.

carta do almirante para Laudonnière. Nessa carta, Coligny pede a Laudonnière que deixasse as instruções das novas descobertas na região para Ribaut e voltasse, a fim de prestar contas sobre algumas atitudes suas que estavam sendo comentadas na França, como por exemplo a relação que mantinha com uma mulher sem estarem ligados pelo matrimônio<sup>124</sup>. Laudonnière ainda não tinha partido para França quando, no início de setembro, alguns navios espanhóis foram avistados perto da costa da Flórida. Estes navios foram guiados até o forte por um francês, François Jean, talvez capturado nas Antilhas, quando da sedição do Forte Caroline<sup>125</sup>. Mas, o ataque espanhol aconteceu por terra. No final desse mesmo mês, o forte Caroline, cuja população era composta, naquele momento, por mulheres, crianças e homens adoentados sem nenhum preparo para conter o ataque, é surpreendido pelos espanhóis.

Mais do que uma tomada do forte, os espanhóis, na pena dos franceses, promoveram um massacre contra os protestantes, não contra os franceses. Enquanto os espanhóis usavam os canhões do forte contra os próprios franceses, muitos destes fugiam em direção à floresta. Alguns dias depois do ataque, os sobreviventes acabaram se encontrando e decidem retornar a França, a bordo do *La Perle*, de Jacques Ribaut, filho do capitão Jean Ribaut, morto pelos espanhóis – a sua barba foi arrancada e mandada ao rei da Espanha<sup>126</sup>. Outra vez o projeto francês de um estabelecimento em terras americanas fracassou. Os conflitos internos entre católicos e protestantes que acabaram por levar ao fracasso a França Antártica, em 1560, dessa vez resultou num verdadeiro massacre na Flórida. Mais uma vez, também, a tentativa de colonização francesa levaria a consolidação da posse espanhola do território da Flórida, como aconteceu no Brasil, com os portugueses.

Apesar da existência efêmera, da França Antártica (1555 e 1560) e da Flórida Francesa (1562 a 1565) vieram os principais relatos sobre o Novo Mundo publicados no século XVI. Os documentos referentes às viagens anteriores feitas à América, diferentemente dos relatos sobre as duas tentativas de colonização, só seriam publicados tardiamente, ou tiveram apenas fragmentos publicados na época. A *Relação* do capitão Gonnevillle, por exemplo, só foi publicada integralmente em 1869, por Armand D’Avezac. A carta de Giovanni da Verrazzano foi descoberta por

<sup>124</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 184.

<sup>125</sup> Ibid., p. 198.

<sup>126</sup> LE CHALLEUX, 1875, op. cit., p. 476.

Bacchiani, nos arquivos privados do conde Macchi di Cèllere, e editada somente em 1909, em italiano e traduzido para o francês por M. R. Herval, em 1946. As edições anteriores dessa carta, publicadas no século XIX, em 1841, 1853 e 1892, são incompletas e as traduções cheias de erros grosseiros<sup>127</sup>. O primeiro relato de Cartier só foi conhecido através de sua versão em italiano feita por Ramusio, retraduzida para o francês e publicada só em 1598, em Rouen, por Petit Val. O relato da sua segunda viagem permaneceu em manuscrito, e publicado em 1843, no Québec<sup>128</sup>. Mas em 1863, escreveu Julien, foi descoberto no Museu Britânico um exemplar de 1545, publicado em Paris, mas que alguns historiadores afirmam não ser de Cartier, mas de Jehan Poulllet, o secretário oficial de sua expedição. O relato da terceira viagem de Cartier, também, foi publicado, tardiamente, no final do século XVI e em inglês por Richard Hakluyt.<sup>129</sup>

Já os documentos sobre a França Antártica, por exemplo, alguns foram publicados contemporaneamente à tentativa de colonização, como *Les Singularitez de la France Antarctique*, de André Thevet, que segundo G. Atkinson, possui um exemplar com a data de 1557, cujo privilégio real está datado de dezembro de 1556<sup>130</sup>, e que em 1558 receberia duas novas edições. Já as cartas de Nicolas Barré, são publicadas, também, em 1557, em Paris por Martin le leune. Nos anos seguintes ao fracasso da França Antártica, são publicados: *Histoire des choses memorables advenues en la terre du Bresil*, e o panfleto *La refutation des folles resveries, exécrables, blasphèmes, erreus et mensonges de [...] Villegagnon*, ambos de 1561. Enquanto o livro de Jean Léry, *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil [...]* só seria publicado em 1578, em La Rochelle, recebendo outras três edições em francês até 1600.

Os documentos sobre a Flórida também são publicados nessa mesma época. O primeiro é o relato de Jean Ribaut, que é publicado em Londres, no ano de 1563; em 1566 várias versões do discurso de Nicolas Le Challeux são publicados na França, juntamente com uma denúncia contra os espanhóis feita pelo pastor protestante Urbain Chauveton, posteriormente republicado na versão francesa da história geral de Benzoni, em 1579. Em 1565, uma carta anônima, enviada da Flórida é publicada em Paris por Vincent Norment & leanne Bruneau, enquanto os

<sup>127</sup> JULIEN, 1946a, op. cit., p. 19.

<sup>128</sup> Ibid., p. 20.

<sup>129</sup> Ibid., p. 21.

<sup>130</sup> ATKINSON, Geoffroy. **La littérature géographique française de la renaissance**. New York, USA: Burt Franklin, 1968. p. 104.

relatos de Laudonnière e as gravuras de Jacques Le Moyne De Morgues, só foram publicadas no final do século XV, em 1586 e 1591, respectivamente.

Sem mencionar as edições em latim e em outras línguas estrangeiras, as publicações sobre as fracassadas tentativas de colonização francesa foram, aliás, a grande contribuição francesa<sup>131</sup> para a história das navegações e dos descobrimentos, no século XVI, mesmo que sua atuação, como vimos nesse primeiro capítulo, não tenha sido de maneira contínua, nem alcançado bons resultados. Mas houve, notadamente, uma produção e uma certa circulação desses relatos, principalmente no período de que vai de 1557, o ano da publicação do relato de André Thevet, até o ano da publicação das gravuras de Jacques Le Moyne de Morgues sobre a Flórida, em 1591, demonstrando que havia um certo interesse francês pelas terras americanas ou, pelo menos, pelo o que se relatava sobre elas.

Portanto, esse interesse francês pelas terras americanas foi construído ao longo do século XVI. As primeiras viagens, como acabamos de demonstrar nesse capítulo, tinham o comercial oriental como o principal objetivo e, por vezes, os franceses chegavam em terras americanas acidentalmente, como aconteceu com Binot Paulmier de Gonneville, ou exploravam os novos territórios descobertos com a esperança de encontrar uma passagem que os levassem diretamente para a Ásia, sem que fosse preciso contornar o continente africano. Não poderíamos deixar de mencionar as incursões dos navios corsário, que mesmo diante da dificuldade documental, podemos notar sua freqüência através do episódio que ficou conhecido como *Festa brasileira em Rouen*. Somente as explorações, ainda que pontuais, e as trocas com os nativos do litoral permitiriam um acúmulo prévio de informações sobre o Novo Mundo, tornando possível um evento como o de 1550. Depois dessa data, as terras americanas foram alvos das duas tentativas francesas de colonização: a França Antártica e a Flórida Francesa, cujas narrativas tornariam-se populares pelo modo trágico de seus desfechos, o martírio dos quatro

---

<sup>131</sup> O historiador francês Philippe Bonnichon, ao analisar três séculos da navegação francesa na América, utiliza a palavra descobrimentos (no plural), ou seja, não inicia e nem finaliza o descobrimento do Novo Mundo em 1492. Mesmo porque nessa data Colombo não imaginava estar num continente novo. Para Bonnichon, descobrir não implica apenas em chegar primeiro, mas ter a consciência de chegar em algum lugar novo e divulgá-lo. É justamente nesse aspecto de divulgação que os franceses ganham importância, intervindo de maneira decisiva na construção do conhecimento e difusão da América na Europa. Cf. BONNICHON, 1992, op. cit., p. 11-12.



protestantes, na primeira, e o massacre executado pelos espanhóis, na segunda. E a publicação desses relatos, e a forma como seus autores e seus editores os apresentavam aos leitores franceses, e que, de certa forma, contribuiria para a construção da imagem do novo continente, será o tema do nosso próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 2 OS RELATOS SOBRE A FRANÇA ANTÁRTICA E SOBRE A FLÓRIDA**

## 2. 1 Viajar e Relatar

Sua boca era rasgada até as suas orelhas, e nela tinha sete línguas, cada uma partida em sete partes. Contudo, ele falava, jogava conversa fora, tagarelava com todas as sete de uma só vez, sobre diferentes assuntos, e em diversos idiomas. [...] À sua volta ficava um número incontável de homens e mulheres boquiabertos, escutando e ouvindo bastante atentos [...] Eu estou muito enganado se eu não vi entre eles Herodotus, Pliny, Solinus, Berosus, Philostratus, Pomponius Mela, Strabo, e Deus sabe quantos outros antigos. Em seguida, Jemmy Cartier, [...], Marco Polo o veneziano, Ludovico Romano, Pedro Aliares, e quarenta carroças de outros modernos historiadores escondidos atrás de uma peça de tapeçaria, [...] <sup>132</sup>

Assim era descrito *Ouvir-Dizer*, habitante da ilha de Satin, que mesmo não tendo pernas e não podendo enxergar, possuía uma sabedoria inacreditável sobre as terras distantes, porque mantinha à sua disposição, escondidos atrás de uma tapeçaria, um grupo de historiadores antigos e modernos, como Heródoto, Plínio, Marco Polo, Jacques Cartier, e Pedro Álvares Cabral, dos quais obtinha informações sobre as pirâmides do Egito, sobre a Babilônia, sobre os canibais ou sobre qualquer outro lugar do mundo.

Esse excerto da obra de François Rabelais, ilustra bem a forma como o Velho Mundo tomava conhecimento de terras longínquas. Durante os dois séculos que se seguiram ao período áureo da expansão ultramarina, boa parte do que foi escrito sobre a América, assim como o Oriente, baseava-se nos relatos e cartas de aventureiros e exploradores, que viram com seus próprios olhos aquelas terras que despertavam tanta curiosidade em seus coetâneos <sup>133</sup>. Os relatos franceses, especialmente os aqui abordados, encontraram lugar entre os leitores da época os quais se interessavam por esse tipo de informação. Mas antes de escrevermos sobre como os relatos sobre a França Antártica e sobre a Flórida francesa contribuíram para a construção do que seria a América, é necessário dar a conhecer alguns dados dos autores e das formas pelas quais se serviram para provar aos seus leitores que o que escreviam era verdade.

Devemos lembrar, já de saída, que existia uma grande diversidade dentro daquilo que chamamos relatos de viagens ou narrativas de viagens: alguns livros, algumas cartas, algumas gravuras e um panfleto, todos publicados entre 1557 <sup>134</sup> e

<sup>132</sup> RABELAIS, François. **Gargantua and Pantagruel**. [s. l.: s. n.], 2004. p. 63. (tradução nossa). Disponível em: <[www.gutenberg.org/files/1200/1200-h/1200-h.htm](http://www.gutenberg.org/files/1200/1200-h/1200-h.htm)> Acesso: 17 set. 2007.

<sup>133</sup> FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Imagens do Brasil nas relações de viagens dos séculos XVII e XVIII. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 9, set./dez. 2000b.

<sup>134</sup> Ano da publicação de *Les Singvlaritez de la France Antarctique*, por André Thevet.

1591<sup>135</sup>, na França, tanto em latim como em língua vernácula. Essa diversidade é própria do século XVI, época em que o gênero literatura de viagens estava em construção<sup>136</sup> e relatar a viagem começava a se firmar como parte fundamental das ambições do viajante. As coleções de relatos, mapas, cartas, vocabulários e histórias sobre a América tiveram uma importante participação nessa nova atitude dos europeus que se aventuravam no novo continente. Richard Hackluyt, editor do “épico inglês”, *Principal navigations of the english nation (1598-1600)*, não apenas era a favor da realização das viagens pelos ingleses, como também os incentivava a descrever os lugares para onde viajavam<sup>137</sup>.

O comércio aliado à navegação, segundo Mary C. Fuller, foram os grandes responsáveis pela emergência dos relatos de viagem. O ato de registrar as regras de comércio de cada localidade e também as informações náuticas sobre os lugares visitados permitiriam aos outros navegadores repetirem a mesma viagem<sup>138</sup>. Sebastian Cabot, em 1553, especificou, em uma ordenança, que “the marchants, and other skilful persons in writing, shal daily write, describe, and put in memorie the navigations of each day and night” [os mercadores, e outras pessoas habilitadas em escrever, deverão diariamente escrever, descrever, e memorizar a navegação de cada dia e de cada noite]<sup>139</sup>. Anteriormente, em 1498, Luca Pacioli, um importante comerciante, dava instruções similares aos seus navegadores, ou seja, pedia para que mantivessem:

<sup>135</sup> Ano da publicação das gravuras sobre a Flórida de Jacques Le Moyne de Morgues, por Théodore de Bry.

<sup>136</sup> Mesmo nos séculos posteriores essa diversidade será uma das características dessa literatura. Míriam L. Moreira Leite escreveu que os livros de viagens do século XIX aparecem, também, em formatos diversificados e com diferentes propósitos. Alguns são caracterizados pela sua extensão (com cinco ou mais volumes), outros em livros curtos (de cem ou duzentas páginas), em artigos de revistas e até mesmo manuscritos, guardados em diferentes museus do mundo. “Existe sob a forma de literatura para adultos e crianças, como romance de aventuras, como literatura fantástica ou romance epistolar [...] reportagens jornalísticas e guias turísticos.” LEITE, Míriam L. Moreira. **Livros de viagens**, 1803-1900. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. p. II.

<sup>137</sup> FULLER, Mary C. **Voyages in print: english travel to America, 1576-1624**. New York, USA: Cambridge University Press, 1995. p. 2.

<sup>138</sup> Um bom exemplo é a viagem de Gonville. Segundo Leyla Perrone-Moisés, os marinheiros e comerciantes da Normandia tinham uma relação comercial marítima muito freqüente com Portugal, principalmente no comércio de gêneros orientais. É justamente em Lisboa, no final de 1502 e início de 1503, que Gonville consegue informações suficientes para iniciar sua aventura rumo às Índias Orientais. De volta à França o capitão consegue apoio de outros comerciantes e prepara um navio para a viagem. PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonville ao Brasil: 1503-1505**. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 38.

<sup>139</sup> CABOT apud FULLER, 1995, op. cit., p. 3. (tradução nossa).

[...] um livro no qual registre todas as transações, grandes e pequenas, na ordem cronológica, indiferente do seu tamanho. Ele registrará em detalhes no seu livro tudo o que foi comprado ou vendido, omitindo nada e mencionando claramente quem, o que, quando e o local da transação<sup>140</sup>

O desenvolvimento do comércio marítimo, durante o século XVI, não seria o mesmo sem essa atitude de registrar e relatar a viagem<sup>141</sup>. Vários são os exemplos de comerciantes mencionados por Fuller que, além do registro de quem e de como negociaram/compraram as mercadorias, foram mais longe nos seus registros e descreveram a latitude, o clima, os ventos, os cuidados e as distâncias percorridas e navegadas<sup>142</sup>, etc.

Esse conjunto de regras sobre como descrever a viagem não ficou restrito aos mercadores, já que a viagem, como forma de conhecimento, foi ganhando importância durante o século XVI. Os livros sobre a arte apodêmica ganham espaço entre os finais do século XVI e início do século seguinte. Esses livros, como *De peregrinatione* (1574), de Heronymus Turler; *De arte apodemica* (1577), de Hilarius Pyrikmair; *Methodus opodemica* (1577), de Theodor Zwinger; *De ratione peregrinandi* (1578), de Justus Lipsius; *Methodus* (1587), de Albert Meier; *De peregrinatione* (1605), de Salomon Neuyebauer e *Methodus peregrinandi* (1608), de Henrik Rantzau<sup>143</sup>, aconselhavam sobre o que o viajante deveria observar – os monumentos fúnebres, as pinturas, os prédios públicos e privados, seculares e religiosos, as fortificações, as fontes, o sistema político, e as maneiras e costumes dos habitantes<sup>144</sup>. No entanto, como evidenciam os títulos em latim, tratavam-se de textos eruditos, por vezes, diferentes dos relatos de viagem sobre a América, que muitas vezes não possuíam intenções de serem publicados. Os autores dos relatos sobre as tentativas de colonização na França Antártica e na Flórida, por exemplo, eram pessoas pouco acostumadas com a escrita, com exceção do cosmógrafo André Thevet, do vice-almirante Nicolas Durand de Villegagnon e do padre Pierre Richer.

Richer, como um dos pastores reformados que estiveram na França Antártica estava certamente acostumado a escrever sermões, por exemplo. Já André Thevet,

<sup>140</sup> PACIOLI apud FULLER, 1995, op. cit., p. 3. (tradução nossa).

<sup>141</sup> No entanto, é um pouco diferente no caso da América portuguesa. “O lusitano, ciumento e cuidadoso, nem abriu o seu rico território nos trópicos à exploração de sábios estrangeiros [...], nem tampouco cuidou de alimentar o insaciável apetite do público europeu por novidades sobre tão cobiçadas terras”. FRANÇA, op. cit., 2000b. p. 8.

<sup>142</sup> FULLER, 1995, op. cit., p. 6.

<sup>143</sup> BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 140.

<sup>144</sup> Ibid., p. 141.

como sabemos, após sua viagem ao Brasil, foi nomeado “cosmógrafo real”, e com uma curiosidade típica de seu tempo, viajou para vários lugares na Europa e fora dela. Ao Oriente, viajou por três anos, entre 1549 e 1552. Em 1554, já tinha publicado *La Cosmographie du Levant*. Nos anos seguintes publicaria, entre outros: *Les Singularitez de la France Antartique*, em 1557, e *La cosmographie universelle*, em 1575.

Sobre Villegagnon, sabemos que além das cartas mandadas da França Antártica e dos panfletos em resposta às acusações e críticas quanto ao seu governo e caráter, escreveu um opúsculo sobre o imperador Carlos V intitulado *Carolus V imperatoris expeditio en Africam ad Argeriam*. Antes ainda da sua carreira militar, trabalhou como correio diplomático, o que o possibilitou conhecer algumas pessoas importantes, como o próprio Rabelais, cuja obra *Pantagruel* abriu nosso capítulo<sup>145</sup>. Da França Antártica, como já mencionamos, Villegagnon escreveu uma carta ao Duque de Guise, datada de novembro de 1557, com objetivo informar os progressos daquela colônia, e outra carta para Calvino<sup>146</sup>. No entanto, essa última foi escrita em latim, demonstrando assim uma educação mais formal. Nos outros autores não acostumados com a escrita são freqüentes as repetições e, como escreveu Jean-Paul Duviols, a falta de elegância no traço<sup>147</sup>. Alguns deles foram ajudados pelos editores, como por exemplo Martin Basanier, responsável por colocar o relato de Laudonnière, “en lumière”.

O fracasso das tentativas de colonização ou a falta de requinte na escrita não foram, contudo, impedimentos para que seus participantes relatassem suas experiências no Novo Mundo ou que estes relatos fossem publicados entre 1557 e 1600, na França, sendo alguns em várias edições. Observemos a tabela abaixo:

<sup>145</sup> MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. **Villegagnon e a França Antártica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 63.

<sup>146</sup> Segundo Jean-François Gilmont, Calvino costumava escrever a seus melhores amigos, tanto para debates teológicos quanto para assuntos cotidianos, em latim. A explicação para tal atitude é dada pelo próprio líder da Reforma na França: “exponho e confirmo mais solidamente a mesma doutrina exprimindo-me de outra maneira e, se não estou enganado, mais claramente”. Nota, o autor, que apesar das línguas vernáculas estarem em plena evolução, muitos conceitos que foram a tempos burilados pelas línguas antigas ainda não era de fácil expressão. GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. p. 53.

<sup>147</sup> DUVIOLS, Jean-Paul. **Voyageurs français en Amérique: colonies espagnoles et portugaises**. Paris: Bordas, 1978. p. 4.

<b>TABELA 1.</b>				
<b>EDIÇÕES DOS RELATOS DE VIAGEM PUBLICADOS NA FRANÇA SOBRE A FRANÇA ANTÁRTICA E A FLÓRIDA FRANCESA, DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVI</b>				
<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>EDITOR E LOCAL DA PUBLICAÇÃO</b>	
1	1557	Coppie de qvelques letres svr la navigation du chevallier de Villegaignon [...]	Nicolas Barré	Chez Martin le leune, Paris.
2	1557	Les singlaritez de la France Antarctique, avtrement nommée Amerique [...]	André Thevet	Chez les Heritiers de Maurice de la Porte, Paris.
3	1558	Les singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amerique [...]	André Thevet	De L'Imprimerie de Christophle Platin a la Licorne d'Or.
4	1561	Histoire des choses memorables advenne en la Terre dv Bresil, partie de l'Amerique australe, sous le gouvernement de N. De Villeg. Depuis l'an 1555 iusque à l'an 1558.	--	--
5	1561	La refutation des folles resveries, exécrables, blasphèmes, erreus et mensonges de Nicolas Durand, qui se nomme Villegaignon, divisée en deux livres.	Pierre Richer	--
6	1565	Discovrs de l'entreprinse et saccagement que les forsaies de l'Isle Floride auoient conclud de faire à leurs capitaines & gouverneurs [...]	Gilles Pysiére	Pierre de Langre Librarie, Paris.
7	1566	Discovrs de l'histoire de la Floride, contenant la cruauté des espagnols, [...]	Nicolas Le Challeux	Dieppe
8	1566	Discovrs et histoire de ce qui advenue en la Floride, en l'an mille cinq cents soixante cinq [...]	Nicolas Le Challeux	--
9	1566	Histoire memorable dv dernier voyage avx Indes, lieu appelé la Floride, fait par le capitaine lean Ribaut [...]	Nicolas Le Challeux	lean Saugrain, Lyon.
10	1566	Discovrs de l'histoire de la Floride, contenant la trahison des espagnols, [...]	Nicolas Le Challeux	lessé le Sellier, Dieppe.
11	1566	Request au roy faite em forme de complainctes par les femmes vefues & enfans orphelins, parents & amis de ses subiects qui ont esté cruellement massacrez par les espagnols en la France Antartique, nomme la Floride.	Nicolas Le Challeux	--
12	1575	La cosmographie vniverselle d'André Thevet cosmographe dv roy.	André Thevet	Chez Guillaume Chaudiere, Paris.
13	1578	Histoire d'vn voyage fait en la Terre dv Bresil [...]	Jean de Léry	Antoine Chuppin, La Rochelle.
14	1579	Brief discovrs et histoire d'vn voyage de quelques françois en la Floride: & du massacre autant iniustement que barbaremet executé [...]	Urbain Chauveton	--
15	1580	Histoire d'vn voyage fait en la Terre dv Bresil [...]	Jean de Léry	Antoine Chuppin

TABELA 1.				
EDIÇÕES DOS RELATOS DE VIAGEM PUBLICADOS NA FRANÇA SOBRE A FRANÇA ANTÁRTICA E A FLÓRIDA FRANCESA, DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVI				
	ANO	TÍTULO	AUTOR	EDITOR E LOCAL DE PUBLICAÇÃO
16	1586	L'histoire notable de la Floride [...]	René de Laudonnière	Chez Guillaume Auray, Paris.
17	1594	Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil [...]	Jean de Léry	Les Heritiers d'Eustache Vignon.
18	1591	Brevis narratio eorum quae in Florida, Americae provincia, gallis acciderunt, secunda in illam navigatione, duce Renato de Laudonnière classis praefecto, anno 1564.	Jacques Le Moyne De Morgues	Theodore de Bry
19	1600	Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil [...]	Jean de Léry	Les Heritiers d'Eustache Vignon.

**Fontes:** GAFFAREL, Paul. *Histoire de la Floride française*. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1875. DUVIOLS, Jean-Paul. *Voyageurs français en Amérique: colonies espagnoles et portugaises*. Paris: Bordas, 1978. ATKINSON, Geoffroy. *La littérature géographique française de la renaissance*. New York, USA: Burt Franklin, 1968.

Podemos notar que entre a publicação da obra *Les singlaritez de la France Antarctique*, de André Thevet, em 1557, e a última edição da *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil [...]*, de Jean de Léry, durante o século XVI, quarenta e três anos passaram-se. Nessas quatro décadas, temos notícias de dezoito<sup>148</sup> edições de relatos que falam exclusivamente sobre as duas tentativas de colonização francesa, na América. Se incluirmos as traduções e publicações fora da França esse número aumentaria, consideravelmente. Segundo Gilberto Ferrez, além da edição em língua francesa, o livro de Thevet sobre a França Antártica foi publicado em italiano (1561) e em inglês (1567-1568)<sup>149</sup>. Enquanto que *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil* recebia traduções para o latim (1592 e 1594), o holandês (1597) e o inglês (1611)<sup>150</sup>. O relato de Jean Ribaut, por exemplo, sobre a sua primeira viagem à Flórida, foi publicado pela primeira vez, na Inglaterra, em 1563<sup>151</sup>.

Ainda na tabela, podemos observar as localidades em que esses relatos foram vendidos e seus respectivos editores. Sabemos que, durante o século XVI, os

<sup>148</sup> Excetuando-se a *Cosmographie universelle*, também de André Thevet, pois como o próprio título da obra nos revela, trata-se de um estudo sobre a geografia e os costumes da América, Ásia e África.

<sup>149</sup> FERREZ, Gilberto. A expulsão dos invasores. In: HISTORIA naval brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975. p. 451.

<sup>150</sup> LESTRINGANT, Frank. Jean de Léry, homme de la Renaissance. In: LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil, 1557*. Montpellier: Max Chaleil Editeur, 1992. p. 259-261.



editores poderiam conseguir o privilégio da impressão de alguma obra por um certo período. Mas, nem sempre foi assim, pois no início da imprensa os textos publicados eram dos autores antigos, já conhecidos e divulgados em manuscritos. Mas, a situação mudou logo que os autores contemporâneos e os seus textos passaram a ser mais difundidos. Para evitar que suas edições, produzidas com tanto cuidado, fossem copiadas e com isso correrem o risco de não serem vendidas, os editores foram levados a solicitar das autoridades públicas, um privilégio concedendo-lhes por algum tempo o monopólio da impressão e de venda do texto que publicavam<sup>152</sup>. A partir de 1563, através de um édito, o monarca francês passava a ser o único a conceder tal privilégio, mesmo que fosse apenas para imprimir<sup>153</sup>. Assim, a primeira edição do relato de André Thevet sobre a França Antártica, em 1558, foi impressa a mando da livraria *Les heritiers de Maurice de la Porte*, em Paris, e também encontramos algumas edições que traz em um outro local de publicação, a *Imprimerie de Christophle Platin*. Já, as diferentes edições do relato de Léry foram divididas entre Antoine Chuppin, situado em La Rochelle, e *Les heritiers d'Eustache Vignon*. É interessante notarmos, também, as cidades em que foram impressas: Paris, Dieppe, La Rochelle e Lyon, sobretudo, se bem lembramos o primeiro capítulo, nas cidades de Dieppe e La Rochelle, encontrava-se não só um grande número de protestantes como também faziam parte das cidades portuárias mais importantes nessa época. Entretanto, em Lyon estavam os principais patrocinadores particulares das navegações francesas, durante a primeira metade do século XVI.

Essas informações, como nome do autor, ano da publicação, nome do editor e local da publicação podem ser encontradas na página de rosto de alguma das obras relacionadas na tabela. Segundo Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, foi durante o século XVI que os livros ganharam páginas de rosto e estas passaram a desempenhar algumas funções importantes, como a de fazer uma apresentação do seu conteúdo. É por isso que, antes de tratarmos do conteúdo desses relatos, vale a pena nos dedicarmos à forma como foram apresentados aos seus leitores.

<sup>151</sup> Logo após o retorno de Ribaut à França, ele encontrou a cidade de Dieppe envolvida num conflito entre católicos e protestantes. A causa do conflito estaria num episódio acontecido na cidade de Rouen. Essa cidade teria se recusado a aceitar uma pessoa da família Guise como lugar-tenente da província. Outras cidades protestantes aproveitaram a situação para abrir seus portos aos ingleses, gerando um conflito entre os católicos e os protestantes dessas cidades. Ribaut acaba refugiando-se em Londres, onde seu relato teria sido publicado pela primeira vez. JULIEN, Charles André. **Les voyages de decouverte et les premiers établissements**. (XV-XVI siècles). Paris: Gérard Monfort Éditeur, 2003. p. 231.

<sup>152</sup> FEBVRE, Lucien. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Ed. Unesp; Hucitec, 1992. p. 345.

<sup>153</sup> Ibid., p. 346.

LES  
SINGULARI-  
TEZ DE LA FRAN-

CE ANTARCTIQUE, AV-  
trement nommée Amerique: & de  
plusieurs Terres & Isles de-  
couvertes de nostre  
temps.

*Par F. André Thevet, natif d'Angoulesme.*

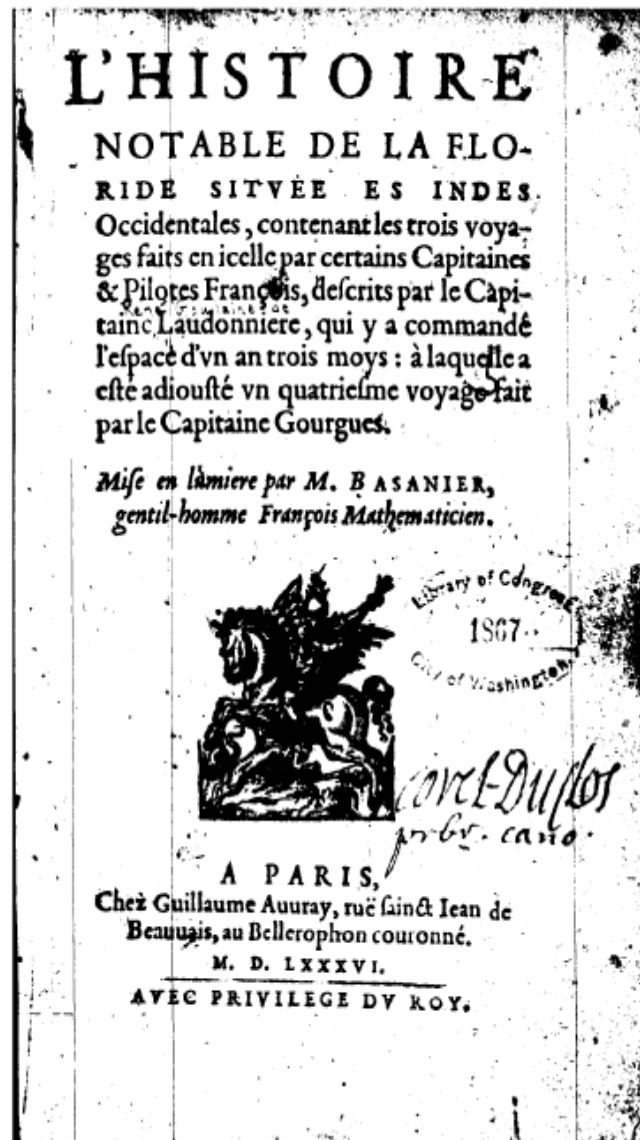


A PARIS,  
Chez les heritiers de Maurice de la Porte, au Clos  
Bruneau, à l'enseigne S. Claude.

1558.

AVEC PRIVILEGE DV ROY.

**Figura 1:** Página de rosto da edição de 1558 da *Les singularitez de la France Antarctique*, escrita por André Thevet.



**Figura 2:** Página de rosto da primeira edição de *L'histoire notable de la Floride*, de René de Laudonnière (1586).

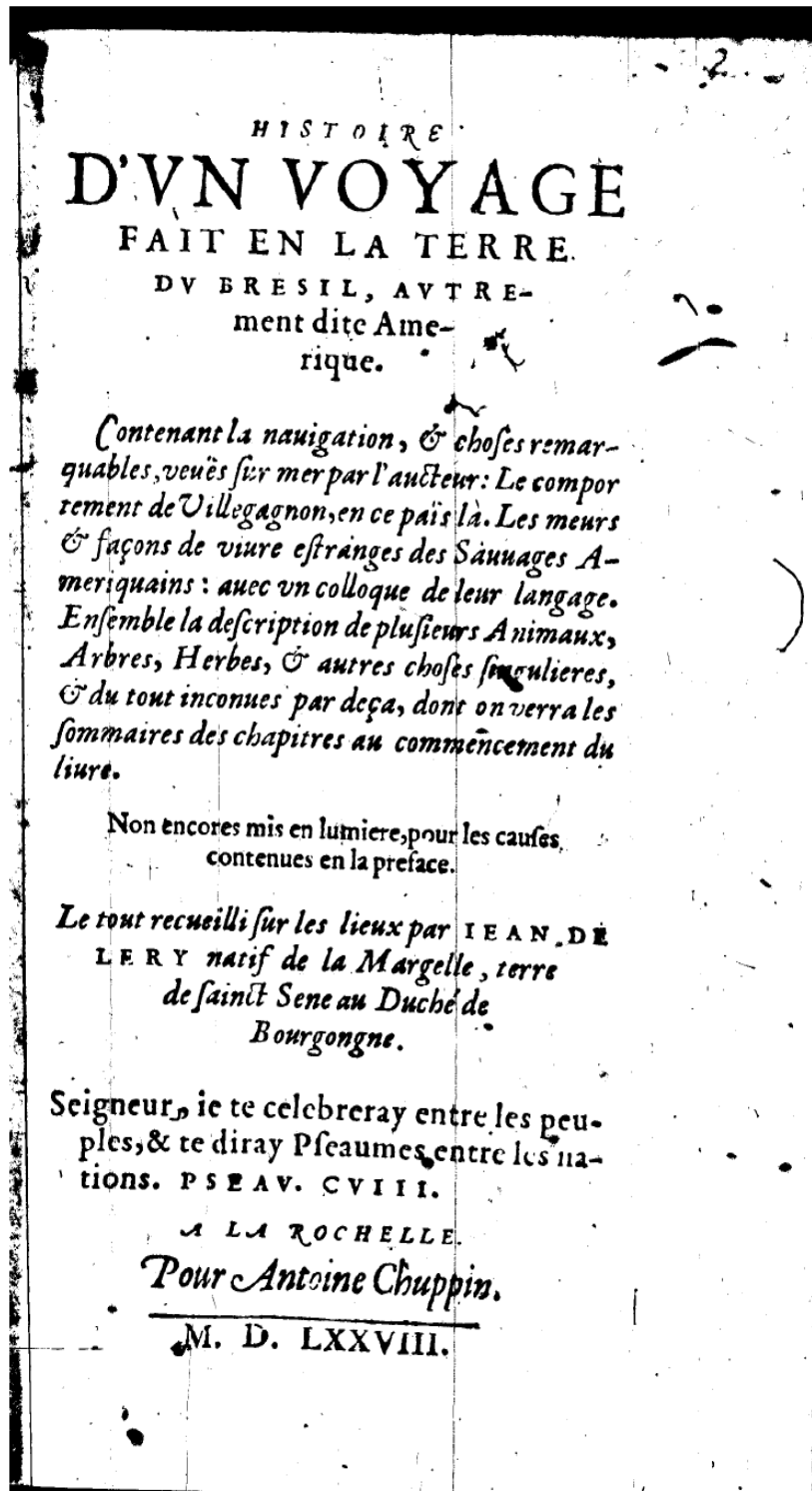


Figura 3: Página de rosto da primeira edição de *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil*, de 1578.

## 2. 2 A apresentação dos relatos

Em nossos dias, afirmou Febvre, quando abrimos um livro sabemos que encontraremos, a partir da primeira página, todas as informações que nos motivarão a continuar a sua leitura ou que, pelo contrário, nos incitarão a não ir mais adiante. Isto porque sabemos que na página de rosto estarão indicados o nome do autor, o título da obra, o local e o número da edição, o nome do editor e a data de publicação. Já os homens do século XV, e mesmo do século XVI, tinham que folhear longamente uma obra antes de conhecer seu “registro civil”, ou seja, estas informações que acabamos de listar<sup>154</sup>.

Como nos manuscritos, os primeiros impressos, chamados de incunábulos, tinham seus textos começados no reto da folha, logo após uma fórmula na qual era indicado o assunto da obra e às vezes o nome do autor. Com o tempo, no final do século XV e início do XVI, com os novos usos dos livros, a página de rosto, contendo o registro civil da obra, foi aparecendo e ganhando a função que ainda se mantém, a de tornar mais fácil a consulta dos livros<sup>155</sup>.

Para evitar que a primeira página de um livro sujasse ou borrasse, alguns tipógrafos passaram a usar o verso da primeira folha para imprimir os textos, deixando o reto em branco. Posteriormente, passaram a preencher esse espaço que ficara em branco com o título muitas vezes breve, permitindo assim que a obra fosse mais facilmente identificada. Assim, entre 1475 e 1480, surgiam as primeiras páginas de rosto<sup>156</sup>.

Alguns editores, no entanto, principalmente aqueles preocupados com a apresentação da sua obra, começaram a ornar essa página com uma grande inicial decorada com figuras. Outros preferiam colocar no espaço que permanecia em branco, logo abaixo do título, uma marca sua. Febvre afirma, ainda, que durante o primeiro terço do século XVI, a preocupação em preencher inteiramente a página leva os editores a alongarem o título, acrescentando algumas informações sobre a obra, sobre o autor e seus amigos. As informações quanto aos livreiros, o editor e a data exata do término da impressão ainda eram relegadas ao colofão, localizado no final da obra<sup>157</sup>.

<sup>154</sup> FEBVRE, 1992, op. cit., p. 128.

<sup>155</sup> Ibid., p. 130.

<sup>156</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>157</sup> Ibid., p. 132.

Nas páginas de rosto dos relatos franceses, que foram publicados na segunda metade do mesmo século, já encontramos as indicações bibliográficas reagrupadas numa única página, como podemos observar na página de rosto de *Les singvlaritez de la France Antarctiqve* (figura 1), cujo título forma um triângulo, que tem em sua base, ou o início do título, letras maiores e todas maiúsculas. A preocupação em preencher toda a folha faz com que o título se estenda numa longa fórmula, com o acréscimo do que seria o assunto do relato. Logo abaixo do triângulo, podemos observar o nome do autor e sua cidade de origem, a marca tipográfica, a cidade na qual a obra foi impressa e o local onde poderíamos encontrá-la. E, por fim, o ano, em algarismos arábicos, e o privilégio do rei.

Numa outra edição, do mesmo ano, o título permanece o mesmo, porém o nome do autor ocupa duas linhas além de ser separado do título por um pequeno ornato floral. Como o tipógrafo e a cidade são diferentes, a marca (um compasso envolto por uma moldura bem decorada, com os dizeres: *Labore et Constanta*) e o endereço do tipógrafo também modificam-se (*A Anvers, De l'imprimerie de Christophe Plantin a la Licorne d'or*).

Um pouco diferente da página de rosto de *Les singvlaritez de la France Antarctiqve*, é a que encontramos na primeira edição de *Histoire notable de la Floride* (ver figura 2). O relato de Laudonnière foi publicado em 1586, quase trinta anos depois do relato de Thevet, mas ainda mantém seu formato: o título em letras maiúsculas, seguido por uma fórmula que apresenta o conteúdo daquilo que o leitor encontraria em letras minúsculas, mas dessa vez num formato retangular; segue-se a ele o nome do editor, sua ocupação, a marca tipográfica, a cidade e o local da impressão, seguidos do ano, em números romanos, e o privilégio real.

A formulação do título em Laudonnière é bastante interessante pois não menciona apenas o assunto do relato, mas seu conteúdo e sua divisão. O mesmo podemos observar na página de rosto de *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil*. Nela encontramos logo abaixo do título a seguinte informação (ver figura 3):

Contendo a navegação e coisas notáveis vindas do mar, pelo autor. O comportamento de Villegagnon, naquele país. Os costumes e as maneiras estranhas de viver dos Selvagens Americanos: com um colóquio na sua linguagem. Junto à descrição dos muitos Animais, Árvores, Ervas e outras coisas singulares e totalmente desconhecidas por aqui, das quais se verão os sumário dos capítulos no início do livro. <sup>158</sup>

<sup>158</sup> LÉRY, Jean de. **Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil**. La Rochelle: Antoine Chuppin, 1578. página de rosto. (tradução nossa).

Ainda na página de rosto de *Histoire d'un voyage [...]*  encontramos o nome do seu autor seguido do seu local de nascimento e pelo trecho de um salmo. Diferente das páginas anteriores, essa não possui a marca tipográfica de Antoine Chuppin – uma árvore entre dois braços, saídos de uma nuvem, segurando uma fita com a inscrição *Sine te nihil*.

Entre o século XV e XVI, principalmente na França, prevalecia um estilo mais simples, como os que acabamos de analisar, embora possamos encontrar, também, páginas de rosto mais elaboradas, mostrando a preocupação crescente dos editores com a sua decoração. Nos países germânicos e na Inglaterra a moda era colocar enquadramentos, no estilo arquitetural. Já, na França, esse estilo seria muito difundido, no final do XVI, com a substituição da técnica da gravura em madeira pela técnica da gravura em cobre. O aprimoramento permitia a impressão única do texto e do seu enquadramento, enquanto a anterior deveria ser feita em duas etapas, o que requeria tempo e cuidado para não estragar a primeira impressão<sup>159</sup>.

Essa técnica da gravura em cobre era feita somente por artistas, que desenvolviam a parte da ilustração em detrimento da do texto. Por isso, cada vez mais, era comum encontrar páginas de rosto nas quais a ilustração ocupava toda a sua superfície e as informações, como a data da impressão e o endereço do livreiro, ocupam a última linha e o título num pequeno espaço centralizado da folha<sup>160</sup>.

Um bom exemplo é a página de rosto encontrada na edição feita por Theodore de Bry para as gravuras de Jacques Lemoyne de Morgues, sobre a Flórida, publicada em 1591 (ver figura 4). Nela podemos notar as figuras dos nativos da Flórida: na parte de cima um chefe, cujo manto quase se confunde com sua pele tatuada, rodeado por seus criados. Abaixo, dois guerreiros guardam a entrada para um cortejo nativo, e ao centro, as informações bibliográficas espremidas entre as colunas desse portal para a Flórida, enquanto a data e o local da impressão, oficina *Sigismundi Feirabëdii*, foram relegados a um pequeno quadro na parte inferior da página. Essa página de rosto ainda irá se repetir após a introdução feita por De Bry, com a mudança apenas do título, para apresentar as quarenta e duas figuras feitas por Jacques Lemoyne de Morgues.

Além da página de rosto, que passou a ser uma forma de apresentar a obra ao leitor, outra mudança importante na formatação do livro, no século XVI, contribuiu

<sup>159</sup> FEBVRE, 1992, op. cit., p. 134.

<sup>160</sup> Ibid., loc. cit.

para organizar sua leitura, os índices. Mais uma vez, na obra de Léry, podemos notar seus capítulos acompanhados por um título-resumo, ou seja, um título que faz um resumo sobre o que o leitor encontrará. Vejamos alguns exemplos:

- I. Do motivo que nos levou a empreender esta longinqua viagem à terra do Brasil na ocasião em que a fizemos.
- II. Do embarque no porto de Honfluer, na Normandia, das tormentas, encontros, abordagens de navios, primeiras terras e ilhas que descobrimos.
- III. Dos bonitos, albacores, dourados, golfinhos, peixes-voadores e outros de várias espécies que vimos e apanhamos na zona tórrida.
- [...]
- VII. Descrição do rio Guanabara, também denominado Janeiro; da ilha de Coligny e do fortim nela edificado, bem como das ilhas vizinhas.
- VIII. Índole, força, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permaneci quase um ano.
- [...] <sup>161</sup>

Na tentativa de facilitar ainda mais a leitura, na edição das pinturas de Jacques Lemoyne de Morgues, encontramos não apenas um, mas dois índices. Um índice das figuras (ver figura 5) e outro por assuntos. O que parece apenas um detalhe de formatação de uma obra, pode trazer algumas informações interessantes. Para além de somente descrever os assuntos abordados na obra, o editor promove uma seleção de temas considerados importantes, permitindo assim várias possibilidades de consultas e, ainda, direcionando a leitura que será feita.

Nesse índice preparado por de Bry, podemos destacar o nome de algumas localidades: “Florida descriptio” (descrição da Flórida), “America quarta orbis pars” (América quarta parte do mundo), “Canada provincia” (Província do Canadá), “Francia antarctica” (França Antártica), “Francia nova” (Nova França). Bem como o nome de alguns viajantes: “Christophorus Colonus” (Cristóvão Colombo), “Americus Vespucius Florentinus” (florentino Américo Vespúcio), “Hawquins naucleri Anglihumanitas” (Hawkins navegador inglês), “Fernadus Sotus” (Fernando de Soto), “Iacobus Carterius” (Jacques Cartier), “Laudonnierus” (Laudonnière) e “Ioannus Verrazanus” (Giovanni Verrazzano) <sup>162</sup>.

As páginas de rosto e os índices parecem cumprir, ainda, um outro papel quando o caso é a publicação de um relato de viagem. Além de fazer a apresentação da obra e de certa forma organizar a leitura que será feita, as páginas

<sup>161</sup> LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980. sumário.

<sup>162</sup> MORGUES, Jacques Lemoyne de. **Brevis narratio eorum quae in Florida, Americae provincia, gallis acciderunt, secunda in illam navigatione, duce Renato de Laudonnière classis praefecto, anno 1564** ; quae est secunda pars Americae... / auctore Jacobo Le Moyne; nunc primum gallico sermone a Theodoro de Bry, ... in lucem edita ; latio vero donata a C. C.A. [Carolo Clusio Atrebatensi], 1591. p. 95-96.



de rosto e os índices contribuía para afirmar a veracidade do seu conteúdo, ou melhor, nessas páginas que faziam a apresentação do relato, o leitor já se depara com um dos aspectos que tornava a narrativa confiável: a riqueza de informações, prova de que o viajante, pessoalmente, observou tudo aquilo que estava contido no relato.

Nos exemplos citados, anteriormente, podemos notar a ênfase dada às localidades e à variedade de assuntos recolhidos na viagem, como no caso do sumário de *Histoire d'un voyage fait em la Terre du Brésil*, de Jean de Léry ou no índice preparado por De Bry para as gravuras sobre a Flórida. Sem falar na fórmula encontrada nas páginas de rosto, quando se apresenta o viajante, cujo nome é, geralmente, seguido de sua profissão, cidade natal, acrescida de uma frase que afirma que a sua viagem foi realmente realizada e de que era digno de crédito – e por extensão também o relato. Estes aspectos seriam propagados e defendidos nos prefácios de algumas edições dos relatos sobre a França Antártica e a Flórida francesa.



Figura 4: Página de rosto de *Brevis narratio eorum quae in Florida americanae provincia gallis...* 1591.

## INDEX CAPITVM.

- 1 Floridæ Promontorium ad quod Galli appellunt, *Gallicum* dicitur.
- 2 Gallorum ad Maii flumen navigatio.
- 3 Galli Maio relicto, duos alios amnes observant.
- 4 Sex alia flumina à Gallis observata.
- 5 Galli ad Portum Regalem perveniunt.
- 6 Gallorum Præfectus columnam in qua Regis Galliarum insignia, statuit.
- 7 Galli in Caroli propugnaculo relicti, annonæ penuria laborant.
- 8 Columnã à Præfecto prima navigatione locatam venerantur Floridenses.
- 9 Galli locum condendæ arci aptum deligunt.
- 10 Arcis Carolinæ delineatio.
- 11 Ceremoniæ à Saturioua in expeditionem adversus hostes profecturo, observatæ.
- 12 Outina adversus hostem exercitum ducens, de eventu magum consulit.
- 13 Outina Gallorum auxilio Potanou suum hostem superat.
- 14 Outinæ in bellum proficiscentis militaris disciplina.
- 15 Outinæ milites ut cæsis hostibus utantur.
- 16 Trophæum & solennes ritus devictis hostibus.
- 17 Hermaphroditorum officia.
- 18 Mulierum quarum mariti vel in bello cæsi, aut morbo sublati postulata a Rege.
- 19 Mulierum extinctos maritos lugentium ceremoniæ.
- 20 Ægros curandi ratio.
- 21 Culturæ & sationis ratio.
- 22 Floridenses convehendis in publicum horreum fructibus diligentes.
- 23 Ferinæ, piscium, & reliquæ annonæ illatio.
- 24 Pisces, ferinam, reliquam annonam ustulandi ratio.
- 25 Cervorum venatio.
- 26 Crocodilos conficiendi ratio.
- 27 Floridensium in insulas trajectus, ut genio indulgeant.
- 28 Conviviorum apparatus.
- 29 Qua ratione Floridenses de feriis rebus deliberant.
- 30 Oppidorum apud Floridenses structura.
- 31 Hostium oppida noctu incendendi ratio.
- 32 Excubitorum fœcordia ut punitur.
- 33 Bellum denunciandi ratio.
- 34 Primogeniti solennibus ceremoniis Regi sacrificantur.
- 35 In cervi exuvio Soli consecrando solennes ritus.
- 36 Juventutis exercitia.
- 37 Qua pompa Regina delecta ad Regem deferatur.
- 38 Qua solennitate Regina à Rege excipiatur.
- 39 Regis & Reginæ prodeambulatio recreandi animi gratia.
- 40 Ceremoniæ in Regis & Sacerdotum funere observatæ.
- 41 Auri legendi ratio in rivis è montibus Apalatcy decurrentibus.
- 42 Petri Gambie Galli cædes.

**Figura 5:** Índice das gravuras da *Brevis narratio eorum quae in Florida americanae provincia gallis...1591.*

### 2.3 A confiabilidade do relato

Como dissemos anteriormente, nem todos os viajantes eram escritores, mas, mesmo assim, relatavam sua viagem. Segundo Frank Lestringant, depois da viagem ao Brasil, o jovem sapateiro Léry encontrou sua verdadeira vocação como pastor protestante<sup>163</sup> – e diríamos, também, como escritor. Desde seu retorno à França, Léry depara-se com acontecimentos que sempre o remetia aos longos meses que vivera na França Antártica, como da vez que passou fome, no cerco à cidade de Sancerre e teve que lidar com condições bem piores daquelas vividas pelos selvagens da baía de Guanabara. Assim, escreveu em *Histoire mémorable de la ville de Sancerre* em 1574, e antes disso, em 1561, escreveu um texto - que seria publicado por Jean Crespin, mais tarde, em 1619, na *Histoire des Martyrs* - dessa vez sobre as mortes dos reformados na França Antártica: *Histoire des choses memorables advenue en la Terre du Brésil, partie de l'Amérique australe, sous le gouvernement de N. De Villegagnon depuis l'an 1555 jusques a l'an 1558*<sup>164</sup>.

Foi somente em 1578, depois de vários incidentes, como a perda do manuscrito original, de 1563, que viria a ser público a *Histoire d'un voyage en la Terre du Brésil*. Mesmo assim, Léry mantém o estilo de um diário e, logo no prefácio avisa ao leitor que um dos motivos para a demora na publicação, foi justamente a falta de experiência em escrever, uma vez que não era um intelectual<sup>165</sup>. Além de seu estilo irônico, cujo alvo principal era o frade e cosmógrafo André Thevet, Léry mostra-se preocupado com a verdade das coisas que ouviu, viu, observou e experimentou. Essa atitude demonstrava que os relatos de viagem, nessa época,

<sup>163</sup> LESTRINGANT, 1992, op. cit., p. 10.

<sup>164</sup> Publicado anonimamente em 1561, *Histoire des choses...* é uma amostra da perspectiva dos reformados de Genebra sobre o conflito ocorrido entre estes e o vice-almirante da França Antártica, Nicolas Durand de Villegagnon. Somente no século XIX, a partir dos estudos de Paul Gaffarel e Daniel Benoit, que é reconhecida sua autoria, ou seja, Jean de Léry. *Histoire des choses...*, que foi originalmente publicado em Genebra, em 1561, teve outra edição parcial em 1854 na *Nouvelles annales des voyages*. E, numa versão em português, de Domingos Ferreira sob o título *A tragédia da Guanabara ou história dos protomártires do cristianismo no Brasil* (Rio de Janeiro: Tipografia Pimenta e Mello & C, 1917). É interessante notar nesse texto que o anonimato de Léry explicar-se-ia, segundo Frank Lestringant, (LESTRINGANT, Frank. **L'expérience huguenote au nouveau monde: XVI<sup>e</sup> siècle**. Genève: Droz, 1996. p. 80), pelo fato de ser uma obra coletiva, ou melhor, *Histoire des Choses...* é um texto que expressa a opinião dos reformados de Genebra e não uma obra pessoal como a *Histoire d'un voyage fait à la Terre du Brésil*, de 1578.

<sup>165</sup> Esse detalhe também é mencionado na página de rosto. Observa-se nela o seguinte: “Non encore mis en lumière, pour les causes, contenue en la preface” [Ainda não revisado, pelas causas contidas no prefácio]. LÉRY, 1578, op. cit., página de rosto.

possuíam algo mais importante do que a elegância do traço ou a originalidade do estilo, uma vez que seus autores não eram escritores. A densidade das informações que esses relatos traziam para o leitor era mais importante que a sensação de exatidão das suas observações e a conseqüente autenticidade dessas informações<sup>166</sup>.

Esse aspecto não diz respeito apenas aos relatos franceses. O prefácio que o matemático Johann Eichmann fez para o livro de Hans Staden, em 1556, mostra bem esse aspecto dos relatos de viagem. Depois de afirmar a confiabilidade do autor, escrevendo que conhecia a família de Staden, o matemático esclarece os pontos que faziam daquele relato uma fonte confiável de informação, ao contrário de outros aventureiros “com suas mentiras disparatadas, suas falsidades e narrações fantasiosas” que contribuíram para a pouca consideração dada às pessoas que viajam para lugares distantes<sup>167</sup>. Então, como confiar nas descrições de lugares nunca vistos anteriormente, feitas por esses viajantes, uma vez que seria quase impossível para os leitores da época repetirem o mesmo percurso a fim verificarem tal informação?

Apesar das descrições e histórias contidas no relato serem aparentemente incríveis, Hans Staden procura apresentar prova convincente de que sua narração é fidedigna, citando “o lugar e a ocasião em que se encontrou, na terra dos selvagens [...]” Pelo fato de citar o lugar e a ocasião, o autor do relato não poderá inventar ou falsear suas informações, pois seria desmentido<sup>168</sup>, com o tempo, por aqueles que empreendessem semelhante viagem<sup>169</sup>. A credibilidade do relato de viagem estabelece-se, dessa forma, recorrendo aos seguintes aspectos: credibilidade do autor e riqueza de detalhes e de informações, sobre o que viu, comprovando a sua experiência entre os nativos no Novo Mundo.

Quanto à credibilidade dos autores, podemos tomar dois textos sobre a

<sup>166</sup> DUVIOLS, 1978, op. cit., p. 4.

<sup>167</sup> STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Tradução Guiomar de Carvalho Franco. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1974. p. 31.

<sup>168</sup> Sobre essa questão de que algum dia outro viajante poderia por em dúvida as informações relatadas, além do conflito Thevet-Léry, outro exemplo pode ser dado, porém, não tão polêmico. Em 1587, o sobrinho de Jacques Cartier, Jacques Noel, mandou duas cartas a um tal de Sr. Growte comentando um mapa publicado em Paris, dedicada a Richard Hackluyt. Noel nota, na primeira carta, que existe alguns erros nesse mapa sobre o Canadá, segundo as informações retiradas das anotações de seu tio. Na segunda, afirma que o próprio Cartier escreveu, para quem duvidasse, que a terra de Saguenay, onde vivem os povos do Canadá e Hochelaga, é rica em metais e pedras preciosas, sim. NOEL, Jacques. Deux lettres de Jacques Noel du St. Malo, sur la découverte du Saults en Canada, 1587. In: VOYAGES de découverte au Canada, entre les années 1534 et 1542. Québec: W. Cowans et Fils, 1843. p. 100.

<sup>169</sup> STADEN, 1974, op. cit., p. 30.

França Antártica como exemplos, *Les singularitez de la France Antarctique e Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil [...]*. O fracasso dessa tentativa de colonização levou a um debate entre os seus participantes, divididos entre católicos e protestantes: de um lado André Thevet e Nicolas Durand de Villegagnon, e do outro Jean de Léry e Pierre Richer.

Léry gosta de salientar, na sua *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil [...]*, que passou quase um ano nas terras brasileiras, entre março de 1557 e janeiro de 1558, e por isso poderia relatar de maneira bastante fiel os conflitos entre Villegagnon e os pastores reformados Pierre Richer e Guillaume Chartier. A postura de Léry com relação ao conflito é bem clara, pois defende a integridade moral dos pastores e também a dos outros reformados seduzidos pelas “belas promessas”<sup>170</sup> do vice-almirante, as quais não foram cumpridas. O seu objetivo, da mesma forma, está bem explicitado no texto *Histoires des choses...*, a saber: oferecer à posteridade e, também, aos seus contemporâneos a verdade “nua e crua” sobre os acontecimentos ocorridos, na França Antártica, entre 1555 e 1558<sup>171</sup>.

A defesa da causa e da integridade moral dos reformados é exposta da seguinte forma no panfleto: de um lado, Villegagnon, pessoa hipócrita, “duas caras”, vingativo, “incapaz de superar as desavenças”, interessado apenas em enriquecer ou “se apossar das riquezas da terra do Brasil”, representante da ganância, da avareza e da ambição desmedida dos europeus que estando apenas preocupado com o enriquecimento próprio e não com a divulgação dos ensinamentos cristãos, tem mantido o Novo Mundo longe da acolhida da palavra de Deus<sup>172</sup>. Do outro, estão Richer, Chartier e o próprio Jean de Léry, descritos como pessoas benignas que foram para a França Antártica com o objetivo de criar “uma comunidade a serviço de Deus”<sup>173</sup>.

A dualidade do caráter de Villegagnon é revelada por Léry através de exemplos que antecedem ao projeto de colonização. Mas o exemplo principal da personalidade do vice-almirante está no que o autor da *Histoire des Choses...* denomina a “falsa promessa” e o “falso desejo” de encontrar uma “terra de descanso

<sup>170</sup> LÉRY, Jean de. *Histoire des Choses Memorables Advenues em la Terre du Brésil*. EYRIÈS, J. B. (Dir.). **Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire ou recueil des relations originales inédites**. Paris, Gides, v. 144, p. 194, 1854.

<sup>171</sup> Ibid., p. 6.

<sup>172</sup> Ibid., p. 4.

<sup>173</sup> LÉRY, 1854, op. cit., p. 195.

para aqueles que eram perseguidos pela Igreja na França”<sup>174</sup>.

A falha de caráter de Villegagnon seria reafirmada pelo próprio Léry nas suas memórias sobre a colônia no Brasil, anos mais tarde. Dessa vez, no entanto, outra pessoa motivara Léry a publicar seu manuscrito, que preparava desde 1563<sup>175</sup>. Era o autor de *Les singlaritez de la France Antarctique*, André Thevet:

E teria eu conservado o silêncio, se o dito autor se houvesse contentado com essa série de erros. Mas, ao verificar, neste ano de 1577, pela leitura da “Cosmografia” de Thevet, que ele somente repetia suas mentiras e ampliava seus erros (sem dúvida na esperança de que todos estivessemos enterrados ou não ousássemos contradizê-lo) mas ainda se valia da oportunidade para detrair dos ministros e imputar mil crimes aos que como eu os acompanharam em 1556 à terra do Brasil, com digressões falsas e injuriosas, vi-me constrangido a dar a luz o relato de nossa viagem...<sup>176</sup>

O objetivo de Léry, com seu livro, é corrigir as mentiras afirmadas por Thevet em *Les singlaritez de la France Antarctique*, e reafirmadas na *Cosmografia universal*, além de oferecer ao leitor um relato de fácil entendimento e verdadeiro, não mais uma “mentira bem vestida” sobre a América. Na opinião de Léry<sup>177</sup>, apesar dele não ser um escritor por ofício, e de seu livro não ser recheado de citações, de exemplos alheios ou enfeitado com as “flores da retórica”, o relato trata de coisas verdadeiras, ou seja, de sua própria experiência<sup>178</sup>.

Com base na sua experiência, Léry vai apontando as imposturas de Thevet. A primeira, diz respeito às coisas que o frade não presenciou, mas escreveu como se tivesse presenciado como o caso do conflito entre os ministros mandados por

<sup>174</sup> LÉRY, 1854, op. cit., p. 194.

<sup>175</sup> Id., 1980, op. cit., p. 35. Segundo o próprio Léry, desde que retornara à França gostava de tornar pública suas impressões sobre o Brasil. Já, em 1563, entregou a um de seus amigos um manuscrito que foi perdido. Depois dessa perda, Léry foi ter com o copista e através de alguns rascunhos conseguiu reconstituir o manuscrito, menos o colóquio em “língua selvagem”. No entanto, esse segundo manuscrito também foi perdido quando Léry fugia de La Charité-sur-Loire, em direção a Sancerre, em 1572. Somente em 1576, depois de relatar o primeiro incidente a um nobre que se dispôs a recuperá-lo, que Léry finalmente acha o primeiro manuscrito. Mesmo assim, *Histoire d'un Voyage fait à la Terre du Brésil* só foi publicado em 1578.

<sup>176</sup> Ibid., p. 36.

<sup>177</sup> Ibid., p. 52.

<sup>178</sup> A noção de experiência modifica-se durante o século XVI, como notamos nas palavras de Léry. Se, no início dos descobrimentos, experimentar significava entrar em contato com a realidade, no final do século XVI, experimentar já conduzia à observação e ao estudo dessa realidade (NOVAES, Adauto. (Org). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 9). O que motivava essa experimentação, no entanto, era a curiosidade. Em Thevet é interessante a forma que essa curiosidade, condenada num primeiro momento pelo medievo, está aliada à busca pelas maravilhas de Deus espalhadas pelo mundo. O conhecimento para esse frade era digno de louvor: “A ELE, portanto, aqui e sempre louvarei, bendizendo-O por ter-se revelado a nós, livrando-nos de tão tenebrosa ignorância”. (THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1978. p.18) Dessa maneira, deixa claro que para ele a viagem não significava buscar riquezas materiais, mas a riqueza maior para todo cristão, o conhecimento dos feitos de Deus no mundo.

Calvino e Villegagnon. A prova apresentada por Léry para confirmar tal falsidade da parte de Thevet foi a data da chegada dos protestantes na França Antártica, em março de 1557, e a data de partida deste frade, em janeiro de 1556; não poderia, pois, ser Léry quem o frade encontrara<sup>179</sup>.

Somente este erro de Thevet bastaria, na opinião de Léry, para mostrar ao leitor que seus livros não poderiam ser levados a sério. Como cosmógrafo real, Thevet possuía, não apenas autoridade para falar sobre cosmografia, como ainda suas obras eram consideradas oficiais e, conseqüentemente, as informações nelas contidas. Para Léry, não importava que Thevet fosse cosmógrafo real e que suas obras fossem consideradas oficiais:

[...] poderia levar a mal que eu aqui não lhe outorgasse outro título senão o de frade, alegro-me com tratá-lo não somente de cosmógrafo, mas ainda de cosmógrafo tão universal, que não satisfeito com descrever as coisas notáveis existentes ou não neste mundo ainda as vai procurar na lua a fim de completar o livro dos contos da cegonha...<sup>180</sup>.

Léry procede dessa forma durante todo o prefácio de sua obra, apontando as imposturas de Thevet e, ao concluir sua crítica, acaba admitindo que o seu relato também poderia ser colocado em d vida por aqueles que não acreditassem nas descrições das muitas coisas estranhas que ele tinha presenciado no Novo Mundo<sup>181</sup>. O próprio Léry confessa não ter acreditado em vários autores que escreveram sobre países exóticos até o dia em que viajou para a França Antártica e pôde conferir com seus próprio olhos todas as coisas prodigiosas e algumas, anteriormente, consideradas impossíveis por ele. Mas, diferente de alguns viajantes, que costumavam encher seus relatos com citações e exemplos alheios, Léry afirma que tem aversão   mentira<sup>182</sup> e também não possui nenhuma duplicidade de caráter, tal como Villegagnon, podendo, dessa forma, ser digno da confiança do leitor.

Outro detalhe de sua obra confirmaria sua credibilidade, através da riqueza de detalhes das descrições e o relato pormenorizado de sua viagem. Como escrevemos logo no início desse capítulo, a elaboração de um relato passou a fazer parte do ato de viajar. O próprio Léry procurava manter algumas anotações. Já em Thevet, notamos a viagem como forma de coletar e levar novos conhecimentos aos

<sup>179</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 37.

<sup>180</sup> Ibid., p. 43.

<sup>181</sup> Em *Les Singvlaritez de la France Antarctique*, Thevet faz também uma advertência aos leitores: "Não duvido de modo algum, Leitor, que o presente relato não te cause um certo espanto, tanto pela diversidade dos assuntos aqui expostos, quanto por tantos outros fatos que poderão, à primeira vista, parecer antes monstruosos que naturais". THEVET, 1978, op. cit., p. 15.

<sup>182</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 50.



leitores europeus, mesmo que para isso tenha que enfrentar o mar em “pequenas, frágeis e inseguras embarcações de madeira (nas quais era mais de se esperar a morte que a vida)”<sup>183</sup>:

Pode entretanto acontecer, como aliás se vê com muita freqüência, que algumas pessoas sob tal pretexto, abusem dessa liberdade. O negociante que se arrisca imprudentemente, por avareza ou insaciável cobiça dos bens particulares e temporais, é tão digno de censura – conforme se pode ver nas Epístolas de Horácio – quanto digno o é de louvor aquele que, para embelezamento e ilustração de seu espírito, e em prol do bem comum, se expõe voluntariamente a todo tipo de riscos. Assim o fizeram o sábio Sócrates e seu discípulo Platão, cujas peregrinações por terras estranhas tinham por objetivo a aquisição de um máximo de conhecimentos filosóficos, a fim de poder comunicá-los ao público [...]<sup>184</sup>.

A importância da viagem como fonte de conhecimento não é uma novidade do século XVI. Heródoto, e sua *História*, instituiu, segundo Stephen Greenblatt, alguns princípios-chaves do discurso que permanecem inabaláveis mesmo tendo sofrido vários ataques e caído no esquecimento durante a Idade Média<sup>185</sup>. Em *História*, notamos a insistência do seu autor na “importância crucial da viagem para uma compreensão do mundo”. A viagem, permite coletar informações, conferir boatos, testemunhar prodígios, “distinguir a fábula da verdade”<sup>186</sup>.

Assim, Thevet decide registrar por escrito as numerosas e notáveis coisas que, diligentemente, observou enquanto durou sua viagem entre o “Meridião e o Poente”. Dá a localização, a situação dos lugares, o clima, a zona, seu paralelo, informando se se trata de mar, de ilha ou terra firme, além de descrever a temperatura, os costumes e modos de vida dos habitantes, o aspecto e as características dos animais aquáticos e terrestres, das árvores, dos arbustos e de seus frutos, minerais e das pedras preciosas, e tudo isso representado por meio de ilustrações, que ele tentou fazer com a máxima fidelidade possível<sup>187</sup>.

Citando mais uma vez a obra de Léry, no prefácio da segunda edição da *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil*, de 1580, ele escreveu: “Ainsi suivant ce que je promettais en la première édition, autres les cinq diverses figures d'homme sauvage qui y sont, nous en avons, encore ajouté quelques-unes pour le plaisir et

<sup>183</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 12.

<sup>184</sup> Ibid., p. 13.

<sup>185</sup> Segundo o próprio Stephen Greenblatt, o texto de Heródoto não teve grande influência nos antigos viajantes modernos, pois parece ter caído no esquecimento durante a Idade Média, “só foi redescoberto em latim por Lorenzo Valle no meado do século XV e em seguida em italiano por Boiardo, no final do século XV”. GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**. São Paulo: Ed. USP, 1996. p. 163.

<sup>186</sup> Ibid., p. 163.

<sup>187</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 13-14.

contentement des lecteurs” [Assim, como eu prometi na primeira edição, além das cinco figuras de selvagens foram acrescentadas outras para o prazer e contentamento dos leitores]<sup>188</sup>. E Léry só não acrescentou mais figuras por que o editor alegou aumento das despesas da impressão do livro. Tal atitude, leva a pensar sobre a função das ilustrações nos relatos de viagem.

Tratava-se apenas do prazer do leitor? Thevet nos dá uma pista sobre essa questão, quando escreve que tudo aquilo descrito em seu relato estava “representado visualmente por meio de ilustrações” que ele tentou fazer “com a máxima fidelidade possível”<sup>189</sup>. Isso quer dizer que só quem presenciou realmente poderia descrever, ou melhor, ilustrar o que estava escrito naquele livro. Nota-se, pois, de que se trata de mais uma forma de detalhar o máximo possível o seu relato, dando-lhe maior credibilidade<sup>190</sup>.

Na primeira edição de *Histoire d'un voyage [...]* existem cinco figuras dos nativos americanos com os quais Léry conviveu. Dessas cinco figuras, uma é repetida. Na segunda edição, de 1580, o número de figuras aumenta para nove e dessa vez elas retratam o cotidiano dos nativos, como a guerra, os rituais e as superstições. Já na primeira edição de *Les singularitez de la France Antartique*, o número de figuras é de quarenta e uma e sua temática mais variada, incluindo rituais indígenas, animais, plantas e situações cotidianas dos nativos.

Diferente dos documentos da França Antártica, que fazem um inventário do Novo Mundo<sup>191</sup>, os relatos de René de Laudonnière, Nicolas Le Challeux e Jean Ribaut nos contam mais sobre a colonização francesa na Flórida e seus

<sup>188</sup> LÉRY, 1992, op. cit., p. 32. (tradução nossa).

<sup>189</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 14.

<sup>190</sup> De uma maneira geral, as primeiras imagens das terras brasileiras correspondem a dois impulsos. De um lado, a projeção sobre o desconhecido, os símbolos e mitos, os contos maravilhosos e as fábulas. De outro, a observação direta e o cálculo, que proporcionam descrições geográficas na forma cartográfica, de cartas náuticas a roteiros de conquistas, pelos quais se definem domínios e limites entre terra e mar, e nas quais a representação é um meio de orientar a ação. De um lado a construção simbólica mais vaga. De outro, a precisão do desenho que defende o navegador da geografia fantástica. BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d’O Brasil dos viajantes. **Revista USP**, São Paulo, v. 30, jun./ago. 1996. p. 15.

<sup>191</sup> Até mesmo a carta de Nicolas Barré, na qual podemos notar alguns elementos que se tornaram lugares comuns nas descrições do Brasil, no século XVI, principalmente após os relatos de Thevet e Léry, como o canibalismo e a violência indígena. A carta estrutura-se da seguinte maneira: chegada e descrição da baía, das plantas encontradas e do clima. Em seguida inicia a descrição dos nativos, seus costumes e condições de vida. De maneira concisa e direta, Barré tenta satisfazer todas as curiosidades do destinatário, que não deixa claro quem é, mas que parece ser coletivo, uma vez que termina a carta com a seguinte locução: “Eis meus irmãos, o que pude, até esta data, recolher e registrar da nossa viagem”. BARRÉ, Nicolas. Copie de quelques lettres sur la navigation du chevalier de Villegaignon. 1557. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro colonial**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999. p. 22.

desdobramentos. Quanto aos debates sobre o fracasso de cada tentativa de colonização, ou melhor, sobre os responsáveis pelo seu fracasso, podemos notar uma discussão interna entre os franceses, católicos e protestantes. Já que o conflito na França Antártica aconteceu entre os próprios colonos. Enquanto nos relatos sobre a Flórida, em razão do massacre perpetrado pelos espanhóis, as discussões giram em torno da divulgação da *leyenda negra* espanhola, pautada na violência e na falta de humanidade destes. Em ambos os casos, o conflito entre católicos e protestantes está presente, mesmo que Léry alegue que seu ataque a Thevet não tenha nada de pessoal.

Destarte, os motivos que levam os participantes da colonização da Flórida a escreverem são também diferentes. Notamos em seus relatos a preocupação na defesa da tentativa de colonização francesa na América. No relato de Ribaut, por exemplo, publicado em Londres no ano de 1563, ou seja, antes do massacre sofrido pelos franceses, está bem clara a idéia de engrandecimento do Império Francês através de novos descobrimentos, no qual ele, por meio de sua viagem de reconhecimento, teria um papel fundamental.

O capitão da primeira expedição para a Flórida começa seu relato afirmando como a providência divina foi importante para que ele chegasse naquela região ainda desconhecida, através de uma rota totalmente nova e não através daquela utilizada pelos espanhóis. Uma vez que, pela graça de Deus, Ribaut chegou a uma parte da Flórida desconhecida pelos espanhóis, nada mais comum para a época, pois, que os franceses tomassem posse da mesma. Ribaut insiste em demonstrar a legitimidade de sua empresa<sup>192</sup>, citando as viagens dos irmãos Verrazzano e de Jacques Cartier, feitas entre 1520-1540 para a parte mais ao norte dos Estados Unidos e Canadá. No entanto, somente após a leitura do texto de Laudonnière, podemos entender melhor o relato de Ribaut.

Em *L'histoire notable de la Floride*, Laudonnière divide a quarta parte do mundo descoberta por Colombo<sup>193</sup> em três principais regiões: a primeira é a Nova França, aquela descoberta por Verrazzano e Cartier; em seguida a Nova Espanha e por fim o Peru, onde Villegagnon teria construído a França Antártica<sup>194</sup>.

A Flórida, no entanto, não só aparece em seu relato como parte da Nova

<sup>192</sup> RIBAUT, Jean. Narrative of the first voyage of Jean de Ribault [...], A. D. 1562. In: HISTORICAL collections of Louisiana and Florida. New York, USA: Wiley and Putnam, 1875. p. 166.

<sup>193</sup> LAUDONNIÈRE, René de G. de. **L'histoire notable de la Floride**. Paris: P. Jannet, 1853. p. 2.

<sup>194</sup> Ibid., p. 3-4.

Espanha, mas também como parte da Nova França, uma vez que sua parte mais setentrional era desconhecida até a chegada de Jean Ribaut, em 1562. Laudonnière acrescenta que a Nova França e, em parte, a própria Flórida, eram bastante conhecida dos franceses:

[...] Todavia, a parte da mesma mais conhecida e freqüentada é a Flórida, para a qual muitos franceses fizeram várias viagens, diversas vezes, de tal modo que ela é atualmente a região mais conhecida de toda esta parte da Nova França.<sup>195</sup>

Para os franceses Ribaut e Laudonnière, a Flórida era a parte sul daquelas terras descobertas por Verrazzano e Cartier. Mas para os espanhóis, a coisa era bem diferente. Já vimos que para eles o descobridor da Flórida era Juan Ponce de León, que, aliás, foi também quem deu esse nome para a região. Por esse detalhe, os franceses, aos olhos hispânicos,<sup>196</sup> eram invasores na Flórida<sup>197</sup>.

Voltando ao relato de Ribaut, entendemos melhor o porquê ele insiste em defender sua expedição como uma viagem de descobrimento e reconhecimento, das terras pertencentes à Nova França. Mas o relato de Laudonnière nesse sentido vai mais longe que o de Ribaut. Na apresentação feita pelo seu editor, M. Basanier, é mostrado também o porquê da publicação de seu relato recolher fielmente a história, “[...] sem aí ter diminuído, ajustado ou inovado de qualquer maneira [...]” os acontecimentos ocorridos na Flórida<sup>198</sup>.

Já no prefácio do mesmo relato, Laudonnière explica as duas razões que levaram os franceses a viajarem para lugares tão distantes, como a Flórida. A primeira diz respeito ao desejo de uma melhor condição de vida. Aliás, o que levaria esses homens a deixar para trás seu país e seus parentes, senão a busca por “commoditez de bien vivre” [comodidades para bem viver]. A outra razão, que não deixa de ser a extensão da primeira, está relacionada a levar essa vida melhor às pessoas dessas terras longínquas<sup>199</sup>.

<sup>195</sup> LAUDONNIÈRE, 1843, op. cit., p. 4. (tradução nossa).

<sup>196</sup> Para María Antonia S. Sastre, “durante todo este tiempo, aunque sumamente molestos por los continuos asaltos a sus naves y a algunos lugares de la costa, los españoles consideraron a los barcos franceses como simples corsarios, exatamente igual que a los de otras nacionalidades que permanentemente merodeaban al acecho por aquellos mares” [durante todo este tempo, ainda que incomodados pelos contínuos assaltos a suas naves e a alguns lugares da costa, os espanhóis consideraram os barcos franceses como simples corsários, exatamente iguais aos de outras nacionalidades que permanentemente rondavam aqueles mares]. Cf. SASTRE, María Antonia S. **La Florida, siglo XVI**. Madrid: MAPFRE, 1991. p. 152. (tradução nossa).

<sup>197</sup> Ibid., p. 151.

<sup>198</sup> “[...] sans y avoir diminué, adjousté ou innové en quelque sorte [...]”. LAUDONNIÈRE, 1843, op. cit., p. VIII.

<sup>199</sup> Ibid., p. XIII.

Ao explicar o segundo motivo que o levou à Flórida, Laudonnière inicia seu discurso em defesa dos franceses e da tentativa de colonização da qual participou da seguinte forma:

[...] os príncipes fizeram partir de suas terras alguns homens empreendedores para se habituarem nos países estrangeiros, lá fazerem seus lucros, civilizarem o país e se possível fosse submeterem os habitantes ao verdadeiro conhecimento do nosso Deus, fim tanto mais louvável quanto está afastado de toda dominação tirânica e cruel e, assim, eles prosperaram sempre em seus empreendimentos, e pouco a pouco ganharam o coração que haviam dominado ou freqüentado de algum modo.<sup>200</sup>

Depois de traçar a crítica ao modo espanhol de colonização e na defesa da atuação francesa no Novo Mundo<sup>201</sup>, o relato de Laudonnière, como os relatos anteriores, procura afirmar a dignidade do autor – no caso Laudonnière, como prova da fidelidade do mesmo. Além disso, Basanier acrescenta que as informações e localizações relatadas estão em conformidade e bem descritas<sup>202</sup>, ou seja, suficientemente detalhadas, demonstrando assim que o autor está falando a verdade.

Mas, o objetivo do relato de Laudonnière não é o de fazer um inventário das novidades experimentadas na nova terra descoberta. Seu relato busca desmentir as calúnias que corriam a seu respeito, bem como esclarecer os conflitos ocorridos entre os próprios franceses ou entre estes e os espanhóis <sup>203</sup>. Isso não quer dizer que o relato não contenha tais descrições. Ao contrário, Laudonnière dedica um capítulo inteiro a elas, considerando-as fundamentais para o bom entendimento de tudo o que se passou na Flórida<sup>204</sup>.

Assim, mais uma vez, a veracidade de tudo o que foi relatado por Laudonnière está baseado na dignidade do seu caráter e na riqueza de detalhes de

<sup>200</sup> LAUDONNIÈRE, 1843, op. cit., p. XV.

<sup>201</sup> Em um artigo Beatriz Perrone-Moisés afirma que, através da leitura dos documentos da presença francesa na América, principalmente no Brasil durante os séculos XVI e XVII, ou seja, os documentos da França Antártica e da França Equinocial, podemos notar não apenas a construção do mito do bom-selvagem, mas também, o mito do bom-francês, do colonizador fraternal, que será um dos temas que iremos trabalhar no terceiro capítulo. A tese do *génie français* é desenvolvida pelo historiador W. J. Eccles. Segundo a autora, Eccles afirma a preferência dos indígenas pelos franceses, pois esses possuíam uma técnica de relacionamento diferente. Essa técnica compreendia a utilização de um intercâmbio cultural, em que franceses eram deixados para viverem e aprenderem os costumes nativos e vice-versa. Além disso, os franceses, por conhecerem os costumes indígenas, comercializavam seguindo os seus protocolos, firmando alianças e não os escravizando. PERRONE-MOISÉS, Beatriz. O mito do bom francês: imagens positivas das relações entre colonizadores franceses e povos ameríndios no Brasil e no Canadá. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, p. 5 et seq, 1996.

<sup>202</sup> LAUDONNIÈRE, 1843, op. cit., p. VIII.

<sup>203</sup> Cf. capítulo 1.

<sup>204</sup> LAUDONNIÈRE, 1843, op. cit., p. XVI.

suas descrições. Além disso, como escreveu o editor do relato de Hans Staden, citado anteriormente, Laudonnière cita a localização e a data dos lugares visitados. Seu relato apesar de ser dividido em quatro capítulos<sup>205</sup>, tem um estilo diarístico, em que todas as descobertas feitas pelos franceses, na região, são contadas de maneira objetiva, mas detalhadas quanto à descrição da geografia e da localização.

Nos dois últimos capítulos, sobre a expedição de Laudonnière, em 1564, e a segunda viagem de Ribaut à Flórida, em 1565, a ênfase do relato toma outra direção e incide sobre o cotidiano dos franceses, da construção de uma segunda fortificação, em substituição a Charlesfort pela insatisfação de alguns franceses que resolvem abandonar a colônia, acontecimentos fundamentais para se entender o ataque espanhol ao Forte Caroline – sabemos que foi através de um francês capturado que os espanhóis souberam da localização dos franceses.

No relato do capitão Jean Ribaut encontramos os mesmos aspectos de afirmação da confiabilidade do relatado. No começo do texto, o capitão francês escreveu que seu objetivo era fazer um relato verdadeiro sobre o clima, a fertilidade, os portos, os rios e tudo aquilo que viu e encontrou na Flórida<sup>206</sup>. No entanto, ao invés de prosseguir descrevendo sua viagem, Ribaut opta por fazer uma breve introdução sobre os navegadores que o precederam no norte da América, navegadores como Sebastian Cabot, Giovanni da Verrazzano e Jacques Cartier<sup>207</sup>.

Ao descrever sua viagem à Flórida, Ribaut não esquece das datas, das condições do vento, do estado das embarcações, da qualidade dos rios e portos naturais, além de outras informações geográficas. Vai descrevendo as novas terras descobertas deixando bem claro como chegaram até lá e a forma como retornavam ao forte, cuidando de informar as denominações dadas aos rios e às outras localidades descobertas:

Quinta-feira, último dia de Abril, (30<sup>º</sup>), 1562, nós descobrimos e nos aproximamos de uma agradável costa, bastante comprida, coberta com uma infinidade de árvores altas e largas, estando sete ou oito léguas da praia, o país parece para nós uma planície sem nenhuma ocorrências de vales [...] nós jogamos a âncora a dez braças d'água, [...], distante de um certo cabo situado sob a latitude de nove e vinte graus e meio, o qual nós nomeamos Cabo François.<sup>208</sup>

<sup>205</sup> O primeiro capítulo da *Histoire notable de la Floride*, de René de Laudonnière, diz respeito a uma breve descrição da natureza e dos nativos da Flórida. Quanto aos outros três capítulos, cada um é dedicado a uma expedição francesa mandada à Flórida, entre 1562-1565 (Cf. capítulo 1).

<sup>206</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 161.

<sup>207</sup> Não sabemos até que ponto essa digressão encontrada no relato de Ribaut foi escrita por ele mesmo ou pelo editor, no caso Richard Hackluyt, uma vez que o manuscrito em francês desapareceu e a primeira edição publicada em inglês, na cidade de Londres, é muito rara. Nossa edição é a de 1582, ou seja, vinte anos após a viagem de Ribaut e publicada por Hackluyt.

<sup>208</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 167-168. (tradução nossa).

Notamos, dessa forma, entre os relatos da França Antártica e da Flórida francesa a preocupação de seus autores em afirmar a sinceridade de seu caráter e das suas palavras como forma de conferir uma maior confiabilidade aos próprios relatos. Mas, isso não bastava. O melhor modo, então, encontrado por esses viajantes-escritores para mostrar o quão confiável eram suas descrições foi recheiar os relatos com o máximo possível de informações técnicas (náuticas e geográficas), como de descrições acerca dos nativos e do seu modo de vida, incluindo, quando possível, algumas ilustrações, na tentativa de se chegar ao mais verossímil possível do que seria o Novo Mundo e passar tudo isso aos seus leitores. As descrições contidas nesses relatos e que foram tomadas como verdade pelos seus leitores – uma vez que os relatos dos viajantes eram os únicos meios que o Velho Mundo dispunha para conhecer terras tão longínquas – construíram uma imagem do que seria o Novo Mundo, cujos primeiros contornos podem ser notados nos relatos da França Antártica e da Flórida francesa e que tentaremos esboçar no próximo capítulo.

### **CAPÍTULO 3 O NOVO MUNDO NOS RELATOS DA FRANÇA ANTÁRTICA E DA FLÓRIDA**



Vimos nos capítulos anteriores que, durante a segunda metade do século XVI, a publicação de relatos sobre as novas terras visitadas é bastante intensa, quando comparada, por exemplo, à produção portuguesa ou espanhola do mesmo período, apesar da presença francesa no Novo Mundo se dar de maneira descontínua, muitas vezes impulsionada pelas iniciativas das cidades portuárias do que pela própria Coroa. No Portugal quinhentista, mesmo com as navegações empreendidas ao Oriente e, posteriormente, no Atlântico, pouco foi divulgado sobre essas novas terras. Um cronista português<sup>209</sup>, chegou até mesmo a afirmar que os portugueses mais se apressavam em fazer, do que em dizer<sup>210</sup>. Enquanto os espanhóis tiveram que se contentar com as reedições e parcas, mas pouquíssimas, publicações das narrativas de seus navegadores apesar das grandes publicações sobre a América, como as narrativas de Gomara, Oviedo, Las Casas e os relatos de Colombo e Cortez. Nos dois casos, coube aos estrangeiros<sup>211</sup> esse papel da divulgação do Novo Mundo, como foi o caso dos franceses, que de uma certa maneira foram também os responsáveis pelos textos que, atualmente, consideramos as narrativas fundantes do que seria o Novo Mundo. Resta-nos delimitar o contorno que esse mundo novo começava a ganhar nas narrativas dessas duas tentativas fracassadas de colonização, durante o século XVI.

De maneira geral, os relatos quinhentistas sobre o Novo Mundo, incluindo os relatos franceses, desde muito cedo, destacavam, nesse novo pedaço de chão, aspectos de sua exuberância e de sua prodigalidade e, com relação aos habitantes, admiravam sua hospitalidade, coletividade e longevidade. Mesmo nos relatos

<sup>209</sup> BARROS, João de. **Ásia: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988. p.2.

<sup>210</sup> Essa preocupação também é partilhada por Gândavo, pois no prólogo da *História da Província de Santa Cruz* ele escreveu o seguinte: “A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente história, e sair com ella a luz, foi por não haver até agora pessoa que a empreendesse, havendo já setenta e tantos annos que esta Província he descoberta.” E completa, dizendo que diante da falta de estima dos portugueses pela Província de Santa Cruz, os estrangeiros sabiam de “suas particularidades melhor e mais de raiz”. Cf. GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil. História da Província de Santa Cruz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p. 76.

<sup>211</sup> Os italianos, ainda no século XVI, produziram 4 importantes obras: *Paesi Novamente Retrovati* (1507), de Fracanzano da Montalboddo, *Navegações e Viagens* (1550-1559), organizado por Giovanni Battista Ramusio, *La Historia del Mondo Novo*, de Girolamo Benzoni, e a *Historiae indicae*, do jesuíta Giovanni Pietro Maffei (1588). Os espanhóis, podemos citar, entre outros nomes importantes, entre o século XV-XVI: Oviedo, Gomara, Las Casas, além dos relatos e as cartas de viajantes como Colombo e Cortez. A partir da segunda metade do século XVI, o destaque são as publicações das narrativas de viagens sobre a Ásia, a Turquia e o Novo Mundo na França, segundo Atkinson (1935), mais de quinhentas publicações desse gênero teve espaço nesse país, entre 1481 e 1609. Cf. FRANÇA, Jean Marcel Cravalho. **A construção do Brasil na literatura de viagem, séculos XVI, XVII e XVIII**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2007. no prelo. p. 68-69.

caracterizados como mais sóbrios, ou imbuídos de um “realismo pedestre”, tal qual os relatos escritos pelos portugueses sobre o Brasil, como defendeu Sérgio Buarque de Holanda, esses esquemas descritivos são utilizados na tentativa de se chegar ao que seria verossímil daquilo que os viajantes encontraram nessas plagas. Sobre a carta do Padre Manuel da Nóbrega, datada pouco mais de quatro meses após sua chegada no Brasil, no ano de 1549, o mesmo historiador escreveu:

A descrição corresponde, quase parte por parte, ao tradicional tema do horto de delícias. Trata-se nela da bondade dos ares, da abundância e variedade do mantimento, principalmente das frutas, da amenidade e beleza da vegetação, sugerindo a lembrança dos “formosos jardins e hortas”, e ainda a comparação das tapeçarias, da feitura singular dos viventes irracionais, diversos de quantos se conheciam em outros lugares e, como remate, há aquele aceno à sapiência e onipotência do Criador, que em tanta coisa ali resplandecia. Para não dizer-se que está completo o esquema clássico, faltaria apenas uma alusão expressa às aves canoras e multicoloridas.<sup>212</sup>

Em seguida, Sérgio Buarque de Holanda completa:

Seja como for, o quadro que a Nóbrega inspirou o primeiro contato com o Novo Mundo parece corresponder à sedução que exerciam, em toda parte, ainda em sua época, os velhos motivos edênicos. Mas é mister notar que também corresponde a uma tendência geral, entre seus conterrâneos, ao menos no século XVI, e no Brasil, para reduzi-los constantemente às dimensões do verossímil.<sup>213</sup>

Os relatos franceses sobre a França Antártica e sobre a Flórida, publicados durante o próprio século XVI, também estão repletos desses lugares comuns sobre a natureza e os habitantes do Novo Mundo. No tocante à terra, temas como a amenidade do clima, fertilidade do solo, abundância dos alimentos, a qualidade da água e a variedade e o colorido dos animais – os indícios de uma paraíso terrestre, conforme citamos acima – também encontramos no grupo de documentos com os quais estamos trabalhando. Nicolas Barré, o piloto francês que desembarcou na baía de Guanabara junto de Villegagnon, em 1555, surpreendeu-se com o clima encontrado na Zona Tórrida: “[...] ao contrário do que diziam os antigos, pareceu-nos bastante temperada, de tal modo que os homens que estavam vestidos não precisaram de se despir e os que estavam despidos não careceram de se cobrir”.<sup>214</sup> Esse mesmo viajante em outro momento reafirmaria a boa qualidade da água e do clima da região:

<sup>212</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 244-245.

<sup>213</sup> Ibid., p. 245.

<sup>214</sup> BARRÉ apud FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Imagens do Brasil nas relações de viagens dos séculos XVII e XVIII. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 333, set./dez. 2000b.

A terra circundante é cortada por belos riachos de água doce, água das mais salubres que eu já bebi. O ar é temperado, tendendo mais para o calor que para o frio. O verão começa no mês de dezembro, quando o sol está sob o trópico. Durante essa estação, todas as tardes chove e troveja durante três horas; no restante do dia faz, como dizem os nativos, o mais belo tempo do mundo.<sup>215</sup>

Ainda sobre a Zona Tórrida, e a amenidade da temperatura dessa região, André Thevet dedica todo um capítulo da sua *Singularidade da França Antártica*, chegando à conclusão de que essa seria:

[...] melhor, mais cômoda e mais salubre para a vida humana do que qualquer outra, porquanto assim como o frio nos é desfavorável, o calor é propício ao corpo humano, de vez que nossa vida não passa de calor e umidade, enquanto que a morte é frio e secura.<sup>216</sup>

Enquanto Thevet encontra nos escritos de Averróis uma justificativa positiva para o calor e umidade dos trópicos, Léry não esconde seu desconforto, principalmente durante a travessia do mar oceano:

Que direis vós, delicados senhores, que quando o calor vos molesta, mudais de camisa, vos penteais e repousais em sala fresca, numa boa cadeira ou num leito macio e que não sabeis tomar refeição sem louça limpa, copos bem enxaguados, guardanapos brancos como neve bom pão e carne delicada, bem preparada e servida, e vinho ou qualquer bebida translúcida. [...] acrescentarei que tanto com referência à inconstância dos ventos, tempestades, chuvas, insetos e calor, como em relação às demais coisas do mar, principalmente no Equador, o que vale é a prática.<sup>217</sup>

Essa mesma inconstância dos ventos, Thevet experimentou durante a passagem pela costa da Flórida – apesar de estar bem distante do que seria a Zona Tórrida e próxima da Terra dos *Baccalos* (Bacallhaus), aquela descoberta por Sebastião Caboto e explorada, anos mais tarde, por Jacques Cartier – que mais parecia um pantanal e cujas águas são as mais traiçoeiras possíveis, além de serem continuamente açoitadas por ventanias e temporais<sup>218</sup>. Mas, ainda sim, como afirmou Barré em sua carta, em terra firme o que os franceses encontravam era uma temperatura agradável, e mesmo para Léry, que enfrentou a uma travessia traumática, um lugar para se refrescar, “sem geadas nem frios excessivos que perturbem o verdejar permanente dos campos e da vegetação”<sup>219</sup>.

Ainda sobre a temperatura amena que os franceses encontraram no Novo

<sup>215</sup> FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro colonial**: antologia de textos 1531-1800. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999. p. 21.

<sup>216</sup> THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1978. p. 73.

<sup>217</sup> LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980. p. 74.

<sup>218</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 239.

<sup>219</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 111.

Mundo, o próprio Léry escreveria num texto anterior ao seu relato sobre a viagem à França Antártica:

O marinheiro exaltava enormemente o clima daquela região e tecia largos elogios sobre a fertilidade do solo, a abundância dos víveres, as incontáveis riquezas que a terra oferecia e sobre uma série de outras coisas dignas de nota e totalmente desconhecida dos antigos<sup>220</sup>.

Na verdade, esse trecho diz respeito às descrições do Novo Mundo que Nicolas Durand de Villegagnon ouvira de um comissário da marinha francesa antes de iniciar o projeto que o levaria ao Brasil. Notamos que os mesmos elogios, anos mais tarde, seriam feitos à Flórida, apesar dos fortes ventos e tempestades enfrentados pelos franceses antes de chegarem em terra firme. Ribaut, por exemplo, toda vez que explorava as diversas tribos da península, dedicava algumas linhas de seu relato à qualidade do clima, à salubridade do ar e à agradável temperatura – mesmo estando na época mais quente do ano –, como nesse trecho sobre *Checere*: “It is in so good a climate that none of our men, though we were there in the hottest season of the year, the sun entering Cancer, were troubled with sickness” [É tão bom o clima que nenhum dos nossos homens, embora estivéssemos na estação mais quente do ano, o sol entrando em Câncer, foram afligidos por doenças]<sup>221</sup>.

Como dissemos, anteriormente, o Novo Mundo construído pelos franceses não era caracterizado apenas pelo clima ameno, mas também pelo “verdejar permanente dos campos e da vegetação”<sup>222</sup>, pela fertilidade da terra e pela variedade e quantidade das plantas e dos animais. Mais uma vez citando Ribaut, as terras próximas ao rio May, mostravam-se como um lugar de extrema fertilidade: “It is a place of wonderful fertility, and the ground so rich that it is likely that it would bring forth wheat and corn twice a year;” [É um lugar de maravilhosa fertilidade, e o solo tão rico que poderia produzir trigo e milho duas vezes ao ano]<sup>223</sup>. Léry, possui uma passagem semelhante, em que relata que as raízes, como a mandioca, encontradas no país e o milho são cultivados o ano todo, permitindo aos nativos produzirem suas bebidas em qualquer época do ano<sup>224</sup>.

<sup>220</sup> LÉRY, Jean de. *Histoire des Choses Memorables Advenues em la Terre du Brésil* [...]. EYRIÈS, J. B. (Dir.). **Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire ou Recueil des relations originales inédites**. Paris, Gides, v. 144, p. 194, 1854.

<sup>221</sup> RIBAUT, Jean. Narrative of the first voyage of Jean de Ribault, made in the reign of Charles IX, king of France, under the orders and instructions of Gaspard de Coligny, grand admiral of France, to make discoveries and found a colony of french protestants. In: *HISTORICAL Collections of Louisiana and Florida*. New York, USA: Wiley and Putnam, 1875. p. 181. (tradução nossa).

<sup>222</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 111.

<sup>223</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 180. (tradução nossa).

<sup>224</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 130.

O solo encontrado na América era tão fértil que não exigia muitos cuidados caso fossem usados para agricultura, quem já afirmava isso era o frade Thevet, que esteve, na baía de Guanabara, em 1557. E ainda completa:

Não há dúvida de que se estes terrenos fossem cultivados produziram maravilhosamente, tendo em vista sua situação, suas belíssimas montanhas e vastas planícies, seus rios piscosos e a grande fertilidade das terras, tanto insulares quanto continentais<sup>225</sup>.

A força da terra era tão espetacular que não dava tempo às plantas trazidas da Europa de produzir seus frutos. Léry, um ano depois da vinda de Thevet, testemunhou esse fato quando os franceses plantaram trigo e centeio, que mesmo crescendo viçosos, suas espigas não produziram grãos. No entanto, a cevada plantada em seguida granou e amadureceu multiplicando bastante, o que o fez concluir que naquela “terra nova, [...] seria necessário cansá-la e enfraquecê-la com alguns anos de cultura para que venha a produzir melhor trigo e outros cereais semelhantes”.<sup>226</sup>

Por causa dessa fertilidade, sem esquecer a amenidade do clima, o Novo Mundo possuía uma grande diversidade de plantas que se destacavam pela sua utilidade e exuberância. A quantidade de árvores e pequenas plantas encontradas por esses viajantes não poderia passar despercebido em seus relatos. Nicolas Barré chegou a escrever que tal variedade surpreenderia até mesmo um herbanário<sup>227</sup>. Nos relatos de Laudonnière, de Ribaut e numa carta anônima sobre a Flórida existem passagens, como a que iremos transcrever, enumerando a quantidade de espécies de árvores encontradas:

Há muitos cedros, ciprestes, louros, palmeiras, azevinhos e vinhas selvagens que sobem ao longo das árvores e trazem boas uvas. Existe uma variedade de amoreira, da qual o fruto é melhor do que o da França, e maior; também há ameixas que possuem o fruto muito bonito, mas não tão bom; pés de framboesas, um pequeno grão que nós chamamos de bleues<sup>228</sup>, que é muito bom para se comer.<sup>229</sup>

A exuberância das plantas é notada também nos seus frutos, tanto pelo tamanho

<sup>225</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 98.

<sup>226</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 128-129.

<sup>227</sup> BARRÉ, Nicolas. Copie de quelques lettres sur la navigation du chevalier de Villegaignon. 1557. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro colonial**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999. p. 21.

<sup>228</sup> Mirtilo, em português.

<sup>229</sup> LAUDONNIÈRE, René de G. de. **L'histoire notable de la Floride située ès Indes Occidentales: contenant les trois voyages faits en icelle par certains capitaines et pilotes français / décrits par le capitaine Laudonnière...** ; mise en lumière par M. Basanier,... à laquelle a été adjousté un quatriesme voyage fait par le capitaine Gourgues. Paris: P. Jannet, 1853. p. 5. (tradução nossa).

como pela sua utilização. Alguns desses franceses relatam terem encontrado frutos “volumosos como a cabeça de um menino”<sup>230</sup>, outros em número e volume suficiente para “sustentar um homem durante oito ou nove dias”<sup>231</sup>, ou então plantas com raízes “tão grossas quanto a coxa de um homem”<sup>232</sup>, quando não encontravam árvores “of great heighth” [de extrema altura]<sup>233</sup>. É freqüente, também, como vimos no trecho tirado da narrativa de Laudonnière, a menção ao sabor incomparável das frutas encontradas no Brasil ou na Flórida ou, então, ao perigo em comê-los mesmo diante da sua aparência apetitosa, como alertou outro viajante:

Cumprе observar que embora essa terra do Brasil produza grande quantidade de excelentes frutos, muitos, apesar de belíssimos, são inaceitáveis ao paladar. Nas praias, principalmente, crescem arbustos que dão frutos semelhantes às nossas nêsperas, porém perigosos de comer. Os selvagens ao ver os franceses e outros estrangeiros se aproximarem dessas árvores para colhê-las, dizem-lhes: *ypahí*, isto é, 'não é bom'.<sup>234</sup>

Quanto à utilização dessas plantas, o que mais chamava a atenção dos franceses eram as suas propriedades medicinais. Segundo Thevet, o chá da casca do *ivuraé* era usado pelos indígenas para tratar a sífilis, do seu fruto retiravam uma pequena noz com a qual tratavam outras moléstias e enjôos <sup>235</sup>. Na Flórida, por exemplo, apesar de não terem encontrado a Fonte da Juventude ou o Rio da Vida, existia uma árvore cuja casca, embebida em água, fazia qualquer pessoa doente, homem ou mulher, em qualquer época da vida, forte e robusto<sup>236</sup>.

Tamanha exuberância da paisagem do Novo Mundo pôde ser sentida também pelo olfato, além da visão e do paladar. Há algumas léguas da costa da Flórida, antes dos franceses chegarem em terra firme, esses já sentiam um odor agradável e inexplicável que revelaria em seguida o esplendor do cenário. Ribaut escreveu sobre sua chegada à península: “[...] we sailed along the coast with unspeakable pleasure of the odorous perfume and beauty of the scene [...]” [navegamos ao longo da costa envolvidos pelos inenarráveis odores perfumados e pela bela paisagem]<sup>237</sup>. Em outro documento, anônimo, também pode ser lido que assim que chegaram ao litoral os franceses sentiram “[...] une douceur odoriferante de plusieurs bonnes choses à

<sup>230</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 172.

<sup>231</sup> BARRÉ, 2000, op. cit., p. 21.

<sup>232</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 123.

<sup>233</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 173. (tradução nossa).

<sup>234</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 172. (destaque e ênfase do autor).

<sup>235</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 165.

<sup>236</sup> COPPIE d'une lettre venant de la Floride, enuoyée à Rouen, et depuis au seigneur d'Eueron; ensemble le plan et portraict du fort que les françois y ont fait, 1564. [s. l.: s. n.], 1851. p. 406. (tradução nossa).

<sup>237</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 169. (tradução nossa).

cause du vent qui venoit de la terre [...]” [um odor doce de muitas coisas boas, por causa do vento que vinha da terra]<sup>238</sup>.

Faz parte, ainda, desse cenário exuberante construído pelos franceses, uma grande variedade de animais pequenos, grandes, disformes, bem proporcionados ou multicoloridos. Em seu relato, Laudonnière enumerou apenas os mais conhecidos, ou aqueles que puderam ser lembrados, em apenas um parágrafo, na verdade uma seqüência de mais de trinta animais diferentes, o que dá ao leitor essa sensação de variedade e diversidade:

Os animais mais conhecidos na terra são cervos, corsas, cabritos, gamos, ursos, leopardos, lincês, onças, vários tipos de lobos, cachorros selvagens, lebres, coelhos<sup>239</sup>, galinhas da Índia, perdizes, papagaios, pombos, pombos selvagens, rolinhas, melros, gralhas, pássaros carneiros, falcões, alfaneque<sup>240</sup>, garças, grou, cegonhas, gansos selvagens, patos, cormorões<sup>241</sup>, garças brancas, vermelhas, negras e cinzas e uma infinita variedade de caças.<sup>242</sup>

Sobre essa variedade e diversidade, Léry advertiu seus leitores: “Direi desde logo, ao iniciar este capítulo, que não existe no Brasil nenhum quadrúpede em tudo e por tudo semelhante aos nossos”.<sup>243</sup> O editor de *Singularidades da França Antártica*, Ambroise de la Porte, fez uma advertência semelhante, cerca de vinte anos antes de Léry: “Igualmente não deverás estranhar que a descrição de diversas árvores (palmeiras, por exemplo) e de determinadas feras e aves esteja em total desacordo com a nossos modernos estudiosos do assunto”<sup>244</sup>. Talvez a preocupação em advertir o leitor ocorra em razão da dificuldade que os próprios viajantes encontraram para descrever esses animais, recorrendo, muitas vezes, a comparações peculiares para se chegar ao que lhes parecia o verossímil. Podemos notar, inclusive, que essas comparações são feitas, geralmente, com animais do conhecimento comum dos europeus, ou seja, com algo que lhes parecia familiar, tornando-se até mesmo repetidas através dos relatos. Acompanhemos, a título de exemplo, as descrições sobre os crocodilos encontrados na França Antártica e na Flórida.

Se os crocodilos do Nilo, com sua enorme boca e aparência monstruosa, já

<sup>238</sup> COPPIE, 1851, op. cit., p. 404. (tradução nossa).

<sup>239</sup> Originalmente grafado das seguintes maneiras: “connis”, “connil” ou “connin”.

<sup>240</sup> Originalmente grafado apenas como lanier, uma espécie de falcão atualmente denominado de *faucon lanier*, ou *lanner falcon*, também denominado por alfaneque.

<sup>241</sup> Corvo marinho ou biguá.

<sup>242</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 5. (tradução nossa).

<sup>243</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 135.

<sup>244</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 15.

colocavam os franceses a gelar, na França Antártica, André Thevet ficou sabendo pelos nativos de um animal verdadeiramente perigoso. Tratava-se do “jacaré-açu”, bem maiores do que aqueles que viviam nas margens do famoso rio africano, sobre os quais Plínio escrevera. Sobre o “jacaré-açu”, Thevet escreveu:

Os nativos dizem que há um pântano de cinco léguas de circuito, defronte a *Pernomeri*, a dez graus da Equinocial, para os lados da Terra dos Canibais, onde vivem os jacarés do tamanho de um boi adulto, os quais expelem uma fumaça mortal pelas fauces, de tal modo que quem deles se aproxima não tarda a morrer em consequência deste bafo – ouviram-no de seus avós.<sup>245</sup>

Os jacarés encontrados na terra dos tupinambás, os aliados dos franceses, não eram assim tão perigosos. Segundo Léry, os jacarés que viviam no território desses nativos eram tão mansos que, mesmo quando capturados vivos, eram levados para as casas e, uma vez que não representavam perigo algum, as crianças brincavam ao seu redor.<sup>246</sup>

Mas, no relato sobre a Flórida de Laudonnière, podemos ter a idéia da agressividade desse animal; ele escreveu o seguinte: “Il y a telle quantité de crocodils, que les hommes en sont souvent fois assaillis en nageant [...]” [Há tal quantidade de crocodilos, que homens são frequentemente atacados enquanto nadam]<sup>247</sup>. Na carta anônima enviada da Flórida, encontramos outra descrição, ainda que rápida, do mesmo animal: “[...] un grand cocodrille, de la mesme sorte d'un lezard, mais a les bras comme une personne avec les ioinctures, et cinq doigtz aux pattes de devant, et quatre à celles de derriere [...]” [um grande crocodilo, do mesmo tipo de um lagarto, mas tem os braços como de uma pessoa com articulações, e cinco dedos nas patas dianteiras e quatro nas patas traseiras]<sup>248</sup>. Mas, é no relato de Challeux que se encontra a descrição mais detalhada desse animal. Depois de comer da sua carne macia, tenra e branca, esse viajante não poderia deixar de dedicar um espaço na sua narrativa para descrever esse animal que somente de olhar já dava um frio na espinha dos franceses:

<sup>245</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 112. (destaque do autor).

<sup>246</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 139.

<sup>247</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 6. (tradução nossa).

<sup>248</sup> COPPIE, 1851, op. cit., p. 408. (tradução nossa).



[...] suas escamas, por outro lado, são bastante fortes para garanti-lo de qualquer pancada; ele tinha a boca bem grande e os maxilares invertidos de uma maneira horrível, em que os dentes entrepõem-se como um pente, e podia abrir a boca o suficiente para devorar uma novilha, ele ao longo do seu corpo media de doze à treze pés, tinha as pernas bastante curtas em proporção ao seu corpo, suas unhas estranhas e cruéis, seu rabo espesso e longo, no qual reside e consiste sua vida e sua principal defesa. Também, não se vê em sua boca algum vestígio de língua, se ela não estivesse escondida no seu palato, pois ele tinha (como já disse) a mandíbula de cabeça para baixo, coisa monstruosa, e que somente de olhar pode causar pavor aos homens.<sup>249</sup>

Além do jacaré, que tinha os braços parecidos com os de uma pessoa com problemas nas articulações, mas bem parecido com qualquer lagarto, outra descrição se destaca nos relatos. Dessa vez restrita apenas aos relatos de André Thevet e Jean de Léry sobre o Brasil, a descrição diz respeito à anta, ou *tapiira* como era chamada pelos viajantes e pelos nativos. Vejamo-la:

É também muito abundante na América um certo animal que os selvagens chamam de tapiira [...]. A tapiira é do tamanho de um asno adulto, mas seu pescoço é mais grosso. A cabeça é assim como a de um garrote de um ano. Os dentes são afiados e agudos. Todavia, não é um animal perigoso, quando perseguido, sua única defesa é fugir em busca de um lugar para se esconder, correndo mais rapidamente que um veado. Sua cauda minúscula tem apenas três ou quatro dedos de comprimento e é pelada como a da cutia [...]. O pêlo é avermelhado, como o de algumas mulas e vacas da nossa terra, razão pela qual os cristãos que aí vivem chamam-na de vaca, já que quase não há diferença entre os dois animais, exceto no que se refere aos chifres, que a tapiira não possui. Para dizer a verdade, este animal tem tanto de vaca quanto tem de asno, pois é coisa bem rara ver-se um bicho em tudo semelhante a outro de espécie diversa, sem que ambos apresentem entre si as marcantes diferenças.<sup>250</sup>

Quase asno, quase vaca, mas, nem um e nem outro. O que mais impressiona é o quebra-cabeça criado por André Thevet, e que seria repetido em Léry anos mais tarde, para dar uma idéia do que seria o animal ao leitor que não tinha estado em terras brasileiras. O trecho mostra, também, o esforço desses viajantes em descrever para seus leitores animais que em nada se assemelham aos animais da sua terra. Até mesmo Léry, que não cansou de afirmar em seu relato que passou quase um ano entre os nativos da França Antártica, repetiria a mesma fórmula construída por Thevet para descrever esse animal, chegando à seguinte conclusão: “Pode-se dizer que, participando de um e outro animal, é semivaca e semiasno. Difere, entretanto, de ambos pela cauda, que é muito curta [...] pelos dentes que são

<sup>249</sup> LE CHALLEUX, Nicolas. Histoire mémorable du dernier voyage aux Indes, lieu appelé la Floride, (Nouvelle France,) fait par le capitaine Jean Ribaut, et entrepris par le commandement du roy, en l'an M.D.LXV. In: GAFFAREL, Paul. **Histoire de la Floride française**. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1875. p. 461-462. (destaque do autor, tradução nossa).

<sup>250</sup> THEVET, 1978, op. cit., 162-163.

cortantes e aguçados [...]”.<sup>251</sup>

Além da descrição da *tapiira*, outro animal também tem sua descrição construída a partir da mesma fórmula, o tucano. Reconhecido pelos franceses, que estiveram na baía de Guanabara, como a ave mais bela do país, o tucano é descrito como uma ave do tamanho de um pombo trocax e, com exceção do papo, dotado de uma plumagem preta, como a de uma gralha<sup>252</sup>. O bico do *tucan*, como é denominado, é bem maior do que seu corpo, em comprimento e proporção, não sendo possível compará-lo ao do grou, uma vez que não se assemelha em coisa alguma, mas, ainda sim, escreve Léry, é “o bico dos bicos”, “o mais singular e monstruoso que existe no mundo das aves”<sup>253</sup>.

O mesmo procedimento descritivo repetir-se-á ao longo dos relatos e não se restringiria aos animais encontrados no Novo Mundo. Observemos a descrição da bananeira, ou *pacoére*, feita por Léry:

A pacoére é um arbusto que tem em geral de dez a doze pés de altura; o tronco, embora às vezes da grossura de uma coxa de homem é tão mole que com uma espada bem afiada pode ser cortado de um só golpe. O fruto, a que os selvagens chamam pacó, tem mais de meio pé de comprimento e se assemelha ao pepino, sendo como este amarelo, quando maduro [...]. A fruta é boa, quando chega a maturidade tira-se-lhe a casca como a do figo fresco e sendo gomosa como este parece que se saboreia um figo. Por essa razão nós franceses dávamos às pacovas o nome de figo.<sup>254</sup>

As comparações contidas nos relatos não permitiram ao leitor somente uma maior familiaridade com as novidades do Novo Mundo, mas destacaram a estranheza da aparência dos animais americanos, bem como os seus hábitos quase inacreditáveis aos olhos franceses. No capítulo dedicado ao *aí*, bicho-preguiça, Thevet alerta seu leitor para mais uma descrição das singularidades que ele encontrara na França Antártica. O frade, antevendo talvez a desconfiança de alguns diante do que iria descrever, insiste que a Natureza não distribuiu suas obras igualmente pelo mundo, por essa razão muito dos animais vistos por ele no Novo Mundo, e descritos em seu relato, não possuem semelhantes no Velho Mundo, um exemplo é o *aí* ou *aiti*:

<sup>251</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 135.

<sup>252</sup> Ibid., p. 152.

<sup>253</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>254</sup> Ibid., p. 164.

É do tamanho de um mono africano adulto, apresentando uma barriga tão grande que chega quase a se arrastar no chão. A cabeça lembra a de uma criança, assim também como a cara, conforme pode ser visto na gravura tirada ao natural. Quando preso, fica suspirando como uma criança que sente dores. Sua pele é cinzenta e felpuda como a de um ursinho. Tem patas compridas, cada uma com quatro dedos, três dos quais com unhas parecendo grandes espinhas de carpa, com as quais trepa nas árvores onde fica por mais tempo do que em terra. Quase não tem pêlos na cauda, que mede três dedos de comprimento. Outra coisa realmente notável é que pessoa alguma jamais viu este bicho se alimentando, nem mesmo os selvagens que já ficaram espreitando debalde por longo tempo, querendo saber o que ele comeria<sup>255</sup>.

Como escrevemos anteriormente, além da aparência extraordinária, fora do comum, desse animal, o que chamava mais atenção eram os dias que ele poderia ficar sem se alimentar, levando alguns viajantes a pensar que o bicho-preguiça se alimentava de ar: “O que parece fabuloso, mas é referido não só por moradores da terra mas ainda por adventícios com longa residência no país, é não ter ninguém jamais visto esse bicho comer, nem no campo nem na casa e julgam muitos que ele vive de vento”.<sup>256</sup>

Talvez o leitor já tenha notado, nessa altura, que os viajantes utilizam, além das comparações entre algo familiar e aquilo que experimentaram no Novo Mundo, outras fórmulas descritivas para se chegar ao verossímil, como, por exemplo, a beleza intensa das paisagens e o ultrapassar das medidas<sup>257</sup>. É freqüente notarmos menções à quantidade, à variedade e ao tamanho fora dos padrões europeus e da natureza de uma forma geral. Tal prodigalidade seria explicada pelo poder da própria Natureza dotar os animais e as plantas das mais variadas características e até mesmo de poderes, como no caso das ervas medicinais, nas diferentes regiões do

<sup>255</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 169.

<sup>256</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 145.

<sup>257</sup> Stephen Greenblatt, ao analisar o primeiro diário de Cristóvão Colombo, escreveu que: “As observações que Colombo registra para criar o efeito do maravilhoso são, em sua maioria, bem diferentes das maravilhas convencionalmente registradas nas histórias dos viajantes [...]. Colombo parece estar distinguindo entre monstruosidades e maravilhas: as primeiras são violações vívidas e físicas das normas universais; as últimas são impressões físicas que provocam assombro. Ele não está pretendendo excluir a possibilidade do monstruoso, mas mostra-se escrupuloso em limitar suas afirmações a ter pessoalmente testemunhado monstruosidades: o maravilhoso, ao contrário, ele nota em primeira mão repetidas vezes”. Esse maravilhamento em Colombo, segundo o autor, dá-se principalmente sob três aspectos. O primeiro diz respeito ao ultrapassar de medidas, ou seja, as árvores, os rios, as montanhas, a natureza do Novo Mundo, de forma geral, ganha uma imensidade que ultrapassa as medidas conhecidas. O segundo refere-se à beleza intensa, Colombo desvincula dessa maneira o maravilhoso do bizarro. E o terceiro aspecto é o desconhecido, o Novo Mundo, que de maneira geral provoca o assombro (GREENBLATT, Stephen. *Maravilhosas possessões. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 55-58, 1989). Esses aspectos tornar-se-iam, pois, lugares-comuns nos relatos sobre o Novo Mundo, influenciando sobremaneira a forma como os europeus direcionaram a colonização, como defendeu Sérgio Buarque de Holanda. Cf. HOLANDA, 1996, op. cit.

mundo e não seria diferente na América, como argumentou Thevet<sup>258</sup>.

Soma-se a isso o clima temperado do Novo Mundo, favorável ao surgimento, por exemplo, de árvores cuja altura e espessura impressionam os viajantes, como escreveu Barré: “As árvores dessas plagas crescem até uma altura inacreditável e tem folhagem semelhante à dos buxos. Cheguei a ver árvores de cem pés de altura e seis metros de diâmetro”<sup>259</sup>. Impressionam ao ponto de afirmarem que as árvores que chegavam na Europa não possuíam seu tamanho natural, mas eram cortadas de maneira que os nativos pudessem carregá-las:

Na Europa imaginam muitos que os toros redondos encontrados nos armazéns são da grossura natural das arvores; já observei que estas são muito grossas, por isso os selvagens desbastam os troncos e os arredondam a fim de facilitar o transporte e o manejo nos navios.<sup>260</sup>

Não apenas o tamanho das árvores, mas a sua disposição na paisagem chega a ser responsável pela seqüência de elogios que encontramos no relato de Ribaut, em que a Flórida é descrita como a terra “fairest, fruitfulest and pleasantest of all the world”<sup>261</sup> [mais encantada, mais fértil e mais agradável do mundo], onde as árvores eram “the heighest and greatest”<sup>262</sup> [as maiores e melhores] e “the sight of the fair meadows is a pleasure not able to be expressed with speech”<sup>263</sup> [a vista do prado, é um prazer impossível de ser expressado com palavras], inexplicáveis também eram as cores das plumagens dos pássaros e dos frutos encontrados pelos franceses:

Entre as múltiplas variedades de aves que a natureza produz, dotando-as de características particulares que distinguem uma das outras tornando-as mais ou menos dignas de admiração, não se encontra uma sequer que exceda em perfeição e beleza muito comum na América, a que os selvagens chamam de Canindé [...]. O tamanho do canindé não excede o de um corvo. Do ventre ao pescoço, sua plumagem é amarela como ouro fino, enquanto que as asas e a cauda, esta por sinal muito comprida, têm uma belíssima cor azul. Existe outra ave do mesmo tamanho que o Canindé [...] sendo sua plumagem vermelha como escarlata fina, ao invés de amarela, e o restante do corpo azulado. Estas duas aves são, na verdade, variedades de papagaios [...]. Os selvagens apreciam-nas bastante, tirando-lhes as penas três ou quatro vezes por ano para confeccionar cocares, adornos para seus escudos e espadões de madeira, tapeçarias e diversos outros belíssimos trabalhos. Além, disto, estas aves são tão mansas que passam o dia inteiro nas árvores próximas do abrigo dos selvagens.<sup>264</sup>

Ainda sobre as plumagens dos pássaros, seu multicolorido e beleza, Léry faz o

<sup>258</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 110.

<sup>259</sup> BARRÉ, 2000, op. cit., p. 22.

<sup>260</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 169.

<sup>261</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 173. (tradução nossa).

<sup>262</sup> Ibid., p. 173. (tradução nossa).

<sup>263</sup> Ibid., loc. cit. (tradução nossa).

<sup>264</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 157.

seguinte comentário: “não creio que se encontre no mundo coisa mais deslumbrante”<sup>265</sup>. As cores das frutas, ou do suco que os nativos extraíam delas, também era motivo para embaraço, justamente pela falta de precisão na hora de descrever ao leitor. Sobre a cor do suco do jenipapo podemos ler:

Como não conhecem processo melhor para extrair o suco do jenipapo, os pobres diabos têm de mastigá-lo, como se fossem comê-lo espremendo-o depois com as mãos para tirar o restante do sumo (...) À medida que seca, o sumo vai adquirindo uma coloração viva, difícil de se descrever, entre o negro e o azulado.<sup>266</sup>

Cores, gostos e paisagens difíceis, ou novos demais, para se descrever num relato, o que dirá num único parágrafo. Mas, Nicolas Le Challeux conseguiu fazer exatamente isso, um resumo de tudo o que foi dito até agora sobre a natureza do Novo Mundo. No início de seu relato, sobre a última viagem do capitão Jean Ribaut à Flórida, Le Challeux traça a seguinte descrição da região:

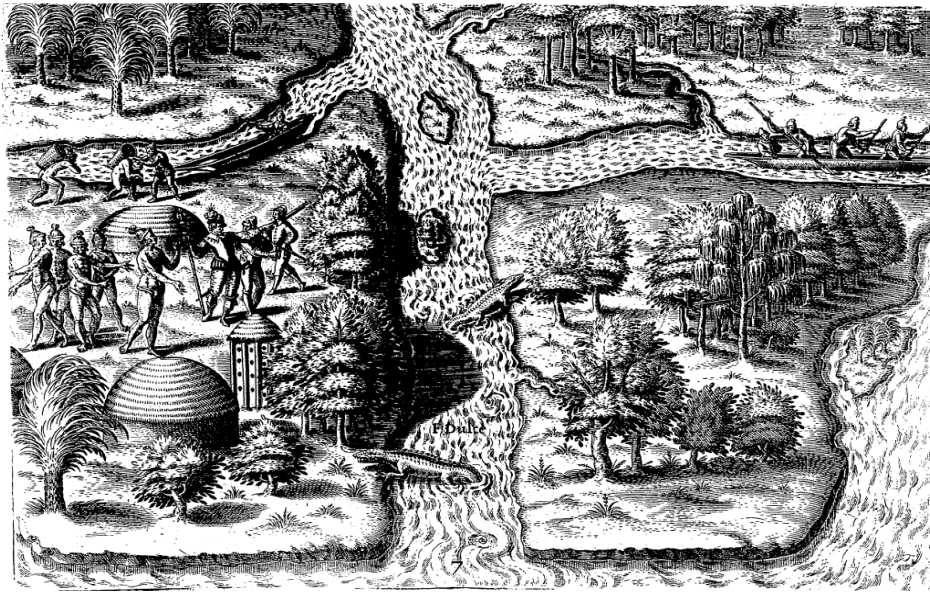
[...] a Flórida prometia o suficiente contentamento de tudo que o homem poderia desejar na terra, posto que este país recebia do céu um favor e estado singular, quando não sendo nem gelado nem congelante do rígido frio do Norte, nem assado e queimado do ardor do Sul: os campos sem estarem lavrados ou anteriormente preparados, produzem o bastante para sustentar e suficientemente para manter a vida do povo que aí habita, parece que para fazer dele o **país dos mais férteis e ricos** de toda a redondeza, não seria preciso senão homens diligentes e habilidosos que empregassem a bondade e a riqueza da terra em benefício do gênero humano, que tendo sua extensão de Aquilon à Septentrion, quase na mesma longitude da nossa Europa, e a latitude de 23 graus, freqüentemente ela é habitada pelos raios de seu alto sol, ela recebe forte calor, ela é, no entanto, **sempre temperada**, não somente, do **frescor da abundância** pela qual seu gramado **torna-se fértil e até mesmo a erva cresce forte aí numa altura admirável, ela é rica em ouro e em todo tipo de animal**, tendo campos planos e espaçosos, no entanto, também suas montanhas são bastante altas e os **rios maravilhosamente aprazíveis, árvores diversas**, produzindo a **seiva perfumada**.<sup>267</sup>

Mais uma vez, o clima temperado, a fertilidade, a abundância, a variedade de animais e de plantas, a paisagem recortada por inúmeros rios são as principais características dadas às regiões do Novo Mundo, como podemos notar no trecho, anteriormente, transcrito, assim como nas ilustrações feitas por Jacques Lemoyne De Morgues, em que a temática do jardim é recorrente (ver Figura 6).

<sup>265</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 149.

<sup>266</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 109.

<sup>267</sup> LE CHALLEUX, 1851, op. cit., p. 458. (tradução e grifos nossos).



**Figura 6:** Exuberância da Flórida Francesa.  
**Fonte:** DE MORGUES, 1591, f. 7.

Challeux mencionou também o tipo de gente que seria necessário para colonizar essas terras, homens aplicados, zelosos e hábeis, que poderiam aproveitar a qualidade da terra para seu próprio desenvolvimento. Mas, e quanto aos seus habitantes, os naturais da terra, como eram caracterizados os nativos dessa “terra prometida”?

Os nativos americanos são sempre descritos e retratados como parte dessa paisagem exuberante e, como ela, também despertam grande curiosidade, muitas vezes misturada com a surpresa pela sua boa aparência, hospitalidade, amizade e bravura. Léry, por exemplo, em seu relato sobre os nativos da baía de Guanabara, surpreende-se com a falta de pêlos e com a cor da pele desses nativos, bem próximo da cor morena dos espanhóis:

Quanto à sua cor natural, apesar da região quente em que habitam, não são negros, são apenas morenos como os espanhóis ou os provençais. Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. [...]. Não são como alguns imaginam e outros o querem fazer crer, cobertos de pêlo ou cabeludos. Ao contrário. Têm pêlos como nós [...].<sup>268</sup>

Além de não possuírem cabelos cobrindo o corpo todo, chama a atenção dos franceses a boa aparência, freqüentemente associada à proporcionalidade dos seus corpos e à sua robustez. Laudonnière escreveu em seu relato que os nativos das

<sup>268</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 112.

diversas tribos da Flórida são caracterizados pela cor morena e pelo seu corpo sem deformidades, como podemos perceber na seguinte descrição:

Os homens são da cor oliva, de grande porte, belos, sem nenhuma deformidade e bem proporcionados. Eles cobrem o corpo com uma pele de cervo bem cingida. A maioria tem pintados os seus corpos, seus braços e suas coxas de bela compleição, a pintura não se pode jamais tirar, porque é introduzida na carne.<sup>269</sup>

Por vezes, a descrição física é seguida da afirmação do bom caráter e da humanidade dos habitantes do Novo Mundo. Como em Laudonnière, Ribaut, alguns anos antes, já fazia a mesma descrição em que os nativos são lembrados pela boa aparência física e pela gentileza, cortesia e bondade natural. Diferem dos nativos da França Antártica por cobrirem as partes íntimas com pele de animais e possuem o resto do corpo tatuado, mas mesmo assim mostram-se de forma harmoniosa:

São todos nus, de boa estatura, bem formados de corpo como qualquer pessoa no mundo, muito gentis, cortesês e de boa natureza. A maior parte deles cobrem a cintura e as intimidades com pele de veado pintada com uma grande variedade de cores, e a dianteira de seus corpos e braços também pintam com muita habilidade em azul, vermelho e preto, tão bem e com tanto cuidado, que os melhores pintores da Europa não poderiam fazer melhor.<sup>270</sup>

Já os nativos da França Antártica, são caracterizados pela força física, podemos encontrar passagens nos relatos de Léry em que são descritos como mais fortes e saudáveis que os homens encontrados na Europa: “mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias, havendo entre eles muito poucos coxos, disformes, aleijados ou doentios”<sup>271</sup>. As deformidades, observadas principalmente nos seus rostos, são feitas de maneira proposital pelos próprios nativos, assim como os europeus gostam de encherem-se de brincos e anéis: “A fim de se tornarem mais disformes, perfuram os lábios, utilizando para tanto um certo espinho agudíssimo. Fazem isto enquanto são jovens, assim, o orifício vai aumentado à proporção que cresce o corpo”.<sup>272</sup>

Os nativos americanos, tanto da Flórida como da França Antártica, possuem outra característica comum aos habitantes dos climas temperados: a longevidade. Como tinham uma forma diferente para contar a idade, através das fases da lua, Léry acredita que alguns nativos podiam passar dos cem anos de idade, chegando até aos cento e vinte, como pôde, ele mesmo, observar:

<sup>269</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 6. (tradução nossa).

<sup>270</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 171. (tradução nossa).

<sup>271</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 111.

<sup>272</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 113.

Apesar de chegarem muitos aos 120 anos [...] poucos são os que na velhice têm cabelos brancos ou grisalhos, o que demonstra não só o bom clima da terra, sem geadas nem frios excessivos que perturbem o verdejar permanente dos campos e da vegetação, mas ainda que pouco se preocupam com as coisas deste mundo. E de fato nem bebem eles nessas fontes lodosas e pestilenciais que nos corroem os ossos, dessoram a medula, debilitam o corpo e consomem o espírito, essas fontes em suma que, nas cidades, nos envenenam e matam e que são a desconfiança e a avareza, os processos e intrigas, a inveja e a ambição. Nada disso [...] os inquieta e menos ainda os apaixona e domina [...].<sup>273</sup>

Associada ao clima ameno, uma outra explicação é dada à longevidade dos nativos: o fato de não se preocuparem com as coisas desse mundo, não serem desconfiados, nem avarentos, nem mesmo ambiciosos ou invejosos. Em Challeux, mais uma vez, a boa aparência e a bondade de caráter dos americanos é reafirmada:

[...] eu observei a forma dos habitantes da terra, que me pareceu boa e bem humana, pois os homens são eretos e bem proporcionados, e de uma tez puxando para o vermelho. [...] eles não tem nariz desproporcional, nem são beijudos, tem o rosto redondo e plano, os olhos diretos e vigorosos, eles conservam seus cabelos bem longos [...].<sup>274</sup>

Mas nem todos os franceses participavam da mesma opinião sobre os nativos do Novo Mundo. Villegagnon, por exemplo, ao chegar à baía de Guanabara, entrou em conflito com alguns franceses que viviam entre os nativos, os chamados intérpretes, ou *truchements*, que preferiam a vida “selvagem” à rígida disciplina militar instalada pelo próprio vice-almirante na colônia. De forma resumida, pois, já vimos no primeiro capítulo, esse conflito terminou com a tentativa de assassinato de Villegagnon, que após o ocorrido escreveu o seguinte sobre os nativos:

O país era completamente inculto, sem casas, sem nenhuma fonte de cereais. Só havia gente selvagem, afastados de toda cultura e humanidade, diferenciados de nós pelos costumes e regras da vida, sem religião, sem conhecimento nenhum do que seja honra, a virtude, incapazes de distinguir o justo do injusto tanto que me veio a dúvida se tínhamos encontrados feras revestidas de aparência humana.<sup>275</sup>

Deparamos, enfim, nesse trecho de Villegagnon, apesar das negativas, com a principal descrição dos nativos repetida nos relatos sobre a França Antártica, e, também, de outros viajantes que estiveram no litoral brasileiro, sintetizadas na seguinte expressão: *sem rei, sem lei, sem religião*.

Mais do que parte do cenário exuberante do Novo Mundo, os nativos americanos são descritos como parte da natureza. Assim como os animais, estão a

<sup>273</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 111-112.

<sup>274</sup> LE CHALLEUX, 1851, op. cit., p. 461. (tradução nossa).

<sup>275</sup> GONÇALVES SALVADOR, J. BRUAND, Yves. Os franceses na Guanabara: correspondência da França Antártica. *Revista de História*, São Paulo, ano 15, v. 28, p. 223, 1964.



mercê de seus próprios instintos, andam completamente nus e, apesar de rica em sons, a linguagem que usam é desprovida de numerais. Viviam também sem conhecimento de Deus, sem lei e sem nenhuma religião, levando o piloto Barré a concluir que se tratava do povo mais bárbaro e estranho que existia sobre a terra<sup>276</sup>. Mas, mesmo não seguindo as leis divinas e humanas, guiados somente pelo instinto, os nativos americanos conseguiam a proeza de viverem em paz e sossego entre si. Segundo Léry, se acontecia de dois nativos brigarem, o que era muito raro, os outros não os separavam, nem tentavam apaziguá-los, mas os deixam até que furassem os olhos um do outro. Entretanto, comenta Léry, o ofensor é preso e a família do ferido tem a oportunidade de lhe devolver a mesma ofensa e no mesmo lugar do corpo, ou seja, “é vida por vida, olho por olho, dente por dente etc”<sup>277</sup>.

O que Léry considera leis de policiamento, como o episódio da briga que acabamos de descrever, ainda que movidos pelo instinto, é considerado por Thevet como desejo de vingança, coisa completamente contrária aos preceitos cristãos. Para o frade, o fato de não conhecerem as leis do Senhor, ou seja, não possuírem religião, explicaria a atitude extremamente vingativa desses nativos. Os nativos são tomados de forma tão intensa por esse sentimento, ou melhor, por esse instinto de vingança que chegam “às vias de fato por dá-cá-aquela-palha! Se um espinho os espeta, ou se uma pedra os fere, enchem-se de cólera e esmagam aquilo que lhes causou dor, reduzindo-o a cem mil pedaços [...]”<sup>278</sup>.

Esmagar espinhos ou pequenos insetos, ainda não são os melhores exemplos desse instinto de vingança dos nativos americanos. Apesar da bondade física e moral que lhes são naturais, os franceses não deixam de relatar a forma violenta que tratam os inimigos. O que se destaca nos relatos, seja nas descrições como nas ilustrações, é a forma como eram travadas as guerras entre as tribos e como tratavam os prisioneiros. Em razão da força e da bravura dos nativos da França Antártica, e também do desarrazoado instinto de vingança, explica Barré, as tribos viviam em constante estado de guerra<sup>279</sup>. Diferente dos franceses que lutam para conquistar terras ou, então, para enriquecer com os saques, os americanos eram impelidos pela vingança, o desejo de vingar os antepassados, que um dia foram feitos prisioneiros e comidos pelas outras tribos, e “são tão encarniçados uns

---

<sup>276</sup> BARRÉ, 2000, op. cit., p. 21.

<sup>277</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 229.

<sup>278</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 135.

<sup>279</sup> BARRÉ, 2000, op. cit., p. 23.

contra os outros que quem cai no poder do inimigo não pode esperar remissão”<sup>280</sup>

Léry, que durante sua estada em terras americanas pôde presenciar um combate nativo, afirma que apesar de não possuírem reis, nem príncipes, e serem iguais entre si, os anciãos eram os responsáveis por exortar os companheiros ao combate, e o faziam mencionando as seguintes palavras transcritas pelo viajante em seu relato :

Nossos predecessores, [...], não só combateram valentemente mas ainda subjugaram, mataram e comeram muitos inimigos, deixando-nos assim honrosos exemplos; como pois podemos permanecer em nossas casas como fracos e covardes? Será preciso para, vergonha e confusão nossa, que os nossos inimigos venham buscar-nos em nosso lar, quando outrora a nossa nação era tão temida e respeitada das outras que a ela ninguém resistia? Deixará a nossa covardia que os margaiá e os pero-angaijá que nada valem, invistam contra nós?<sup>281</sup>

Em seguida o ancião exclamava, ao mesmo tempo que batia as mãos nos ombros e nas nádegas: “[...] devemos ir procurar o inimigo ainda que morramos todos e sejamos devorados, mas vingemos os nossos pais!”<sup>282</sup> Cerca de oito ou dez mil homens são reunidos dessa forma para saírem em combate, além das mulheres que são as responsáveis pelos víveres e outros carregamentos necessários para sustentá-los. Assim como não possuem chefes, não observam também a ordem de marcha, nem de categoria<sup>283</sup>. As armas utilizadas são os tacapes, uma espécie de espada ou clava de madeira vermelha ou preta, os arcos e as flechas, que após a chegada dos europeus foram incrementadas com ponta de prego <sup>284</sup>. Além dessas armas, utilizavam também os arcabuzes que conseguiam dos franceses através das trocas, sobre as quais falaremos adiante, quando tratarmos das relações entre esses nativos e os franceses.

Durante o combate – um espetáculo horrível, segundo o próprio Léry –, os nativos urravam tão alto que seria impossível escutar um trovão<sup>285</sup>, as flechas pareciam uma nuvem de mosquitos e as clavas eram usadas de maneira tão violenta que se acertavam a cabeça de outro nativo, este morria imediatamente, tal como bois abatidos<sup>286</sup>. Mesmo diante de tal espetáculo, que durou cerca de três horas, o jovem sapateiro não deixou de reparar na beleza das flechas emplumadas

<sup>280</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 183.

<sup>281</sup> Ibid., p. 184.

<sup>282</sup> Ibid., loc.cit.

<sup>283</sup> Ibid., p. 187.

<sup>284</sup> Ibid., loc. cit..

<sup>285</sup> Ibid., p. 188.

<sup>286</sup> Ibid., p. 189.

de vermelho, azul, verde e outras cores que brilhavam ainda mais com os raios de sol, da mesma forma os adornos utilizados pelos nativos, tão bem feitos de penas coloridas<sup>287</sup>.

Mas, depois da batalha, os inimigos sobreviventes eram feitos prisioneiros e recebiam tratamento todo especial. Barré resume bem o tratamento dos prisioneiros:

Quando fazem um prisioneiro, oferecem-lhe como esposa a mais bela jovem da tribo; essa relação é mantida por um certo número de luas, numero previamente indicado através de uma corda fixada no pescoço do inimigo. Expirado o tempo, os nativos fazem uma grande quantidade de vinho de milho e bebem-no até a exaustão com os amigos convidados para a cerimônia. Nessa ocasião, o prisioneiro é espancado até a morte com um porrete de madeira e, posteriormente, dividido em pedaços, que são assados na brasa e comidos com grande prazer.<sup>288</sup>

Chegamos, enfim, à questão do canibalismo, prova maior da violência e da falta de humanidade dos nativos americanos. No entanto, a prática é explicada, por Thevet, assim como por Léry, de maneira praticamente ritualística, ou seja, na opinião dos franceses os nativos aliados dos franceses, não praticavam o canibalismo como forma de se alimentarem, mas como forma de se vingarem. Ao comer a carne de seu inimigo estão satisfazendo o sentimento de ódio e de vingança pelos seus antepassados<sup>289</sup>. Da mesma forma, o prisioneiro em nenhum momento se abate, pois espera que um dia sua execução seja vingada por seus amigos<sup>290</sup>. Esse sentimento, ressaltou Thevet, era tão forte entre os nativos que até mesmo as crianças eram ensinadas desde cedo por seus pais a resistirem bravamente ao inimigo:

Isto é um sentimento que se transmite de pai para filho. Pode-se vê-los ensinando aos seus filhos de três ou quatro anos a manejar o arco e a flecha, exortando continuamente a serem corajosos, a tirar vingança de seus inimigos, a não perdoar quem quer que seja – antes morrer!<sup>291</sup>

Após esse esclarecimento sobre porque os nativos praticavam o canibalismo, os franceses, principalmente Léry, relatam, detalhadamente, todo o processo, desde a morte do prisioneiro, o chorar de sua morte pelas mulheres nativas, o espostejamento do seu corpo por aquele que o prendeu no combate e o seu *moquém*:

<sup>287</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 190.

<sup>288</sup> BARRÉ, 2000, op. cit., p. 23.

<sup>289</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 200.

<sup>290</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 132.

<sup>291</sup> Ibid., p. 113.

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher (...) coloca-se junto do cadáver e levanta curto pranto;[...] Em seguida, as outras mulheres, sobretudo as mais velhas, que são mais gulosas de carne humana e anseiam pela morte dos prisioneiros, chegam com água fervendo, esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme, e o tornam tão branco como na mão dos cozinheiros os leitões que vão para o forno. Logo depois o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo e o espostejam com tal rapidez que não faria melhor um carnicero de nossa terra esquarterar um carneiro.<sup>292</sup>

Todas as partes do corpo, inclusive as tripas depois de bem lavadas, são colocadas no moquém, em torno do qual as mulheres, principalmente as gulosas velhas, se reúnem para recolher a gordura que escorre pelas varas dessas grandes e altas grelhas de madeira; e exortando os homens a procederem de modo que elas tenham sempre tais petiscos, lambem os dedos e dizem: Iguatú, o que quer dizer “está muito bom”.<sup>293</sup>

Quanto aos nativos da Flórida, Thevet acredita que também fazem prisioneiros e os devoram da mesma forma que os nativos da França Antártica<sup>294</sup>. Mas a forma de guerrear com as tribos inimigas é bem diferente daqueles nativos observados na França Antártica.



**Figura 7:** Forma de combate dos nativos da Flórida.

**Fonte:** DE MORGUES, 1591, f. 13.

<sup>292</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 198. (destaque do autor).

<sup>293</sup> Ibid., p. 199. (destaque do autor).

<sup>294</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 240.

Segundo Ribaut, Challeux e Laudonnière, as tribos da Flórida possuem um chefe que se destaca entre os demais nativos pelas suas vestes e vários ornamentos no corpo, geralmente são acompanhados por outros nativos, às vezes, seus filhos ou esposa. Diante de um combate, esse chefe marcha liderando seu exército e segura um bastão em uma das mãos<sup>295</sup>, enquanto na outra leva seu arco, cujas flechas possuem ossos bem pontiagudos de peixe na ponta<sup>296</sup>. Da mesma forma, os nativos que compõem esse exército estão paramentados com seus arcos e suas flechas, e saem em blocos (ver Figura 7) para combater o inimigo<sup>297</sup>, diferente da desordenação observada por Léry e Thevet que acabamos de acompanhar. Durante a batalha, no entanto, comportam-se da mesma forma que os nativos brasileiros, gritando e exortando os inimigos ao combate<sup>298</sup>.

Mas, diferente também do que relatou Thevet, esses nativos não praticam o canibalismo. Os nativos da Flórida possuem uma maneira diferente de tratar seus prisioneiros de guerra. Os reis levam muito a sério a guerra contra seus inimigos, a ponto de executar todos aqueles que são capturados e depois lhes cortam a testa com o propósito de lhes arrancarem os cabelos, que são levados de volta para suas tribos como prova do grande triunfo.<sup>299</sup> Nas tribos, para celebrarem o grande sucesso que tiveram no combate, fazem uma festa que dura três dias e três noites, como conta Laudonnière: eles dançam, cantam, inclusive as mulheres mais velhas, que o faziam com o escalpo dos inimigos nas mãos ao mesmo tempo em que louvavam o seu deus sol.<sup>300</sup>

Tanto essa descrição do escalpo praticados pelos nativos da Flórida, como àquelas do canibalismo dos habitantes do Brasil podem ainda ser visualizadas através de ilustrações. Vimos no capítulo anterior, que os próprios viajantes muitas vezes faziam questão de recheiar seus relatos com ilustrações, mas muitas vezes também, não o faziam pelo fato de que essas encareciam, demasiadamente, os custos da impressão<sup>301</sup>. Thevet, no prefácio que fez aos leitores das *Singularidades da França Antártica*, explica-lhes seu método de observação que consistia em

<sup>295</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 9.

<sup>296</sup> Ibid., p. 7.

<sup>297</sup> Ibid., p. 166.

<sup>298</sup> LE CHALLEUX, 1851, op. cit., p. 461.

<sup>299</sup> LAUDONNIÈRE, 1843, op. cit., p. 7.

<sup>300</sup> Ibid., p. 8.

<sup>301</sup> LÉRY, Jean de. **Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil, 1557**. Montpellier: Presses du Languedoc/Max Chaleil Editeur, 1992. p. 32.

observar e anotar diligentemente todas as coisas notáveis e incríveis, dando a localização dos lugares por onde passou, a situação deles, definindo o tipo de clima, informando se tratavam-se de ilhas, mares ou terra firme, além de descrever os costumes e modos dos nativos, os aspectos e as características dos animais e das árvores e outras ervas, minerais e outras pedras, e o principal, “tudo representado visualmente por meio de ilustrações que tentei fazer com a máxima fidelidade possível”.<sup>302</sup> As descrições dos animais da França Antártica, que encontramos em seu relato, muitas vezes, vêm acompanhadas de uma ilustração, que diz ter sido tirada ao natural. Como na descrição, já transcrita nesse capítulo, do bicho-preguiça – que tinha cara de criança, pêlos curtos e unhas grandes, vivia pendurado nos galhos das árvores suspirando e, por mais incrível que podia parecer ao leitor da época, alimentava-se de ar<sup>303</sup> –, que vem acompanhada da seguinte ilustração (Figura 8):



**Figura 8:** Bicho-Preguiça.  
Fonte: THEVET, 1558, f. 212.

<sup>302</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 14.

<sup>303</sup> Ibid., p. 169.



**Figura 9:** Família Tupinambá.  
**Fonte:** LÉRY, 1578, f. 170.

As descrições dos animais e das plantas e as suas correspondentes ilustrações são, porém, bem diferentes daquelas que encontramos dos nativos e do seu modo de vida. Antes de entrarmos nas ilustrações sobre o escalpo e o canibalismo, observemos, como exemplo, a descrição de um nativo americano feita por Léry e a sua correspondente ilustração (ver Figura 9):

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado como já expliquei, com os lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com as orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e vereis retratado bem garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro, deveis colocar junto a esses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho preso a uma cinta de algodão e abraçando-lhes as ilhargas com as pernas.<sup>304</sup>

Apesar de não estar com o corpo pintado nem com as orelhas devidamente enfeitadas, podemos observar na ilustração, feita sob encomenda pelo editor da

<sup>304</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 118.

edição de 1580 da *Viagem à Terra do Brasil*, o nativo com uma pedra colocada numa fenda feita abaixo do lábio inferior, segurando algumas flechas na mão direita enquanto na esquerda está seu arco, o qual sabe utilizar com muita destreza nos combates. Logo atrás e a seu lado, está sua esposa, ou uma delas, com uma criança no colo. No plano de fundo uma rede e em primeiro plano um ananás, no canto, e no outro um prato com outros frutos. Ainda sobre essa cena, Frank Lestringant afirmou, numa edição que fez para o relato de Léry, que assim como na sociedade europeia, a base da sociedade dos habitantes da França Antártica, segundo o relato de Léry, está representada nessa figura, na qual o pai, sustentando seu arco e flechas, é o representante das funções guerreiras e de caça, enquanto a esposa, ligeiramente atrás, cumpre suas funções maternas. O ananás, as frutas no prato, a rede ao fundo, sem mencionar a nudez dos personagens, conferem à cena um toque de exotismo<sup>305</sup>. A mesma cena familiar, só que agora, com um toque mais idílico, pode ser encontrado nas ilustrações de Thevet, em que a mesma família nativa está representada, mas dessa vez sob as árvores da França Antártica.



**Figuras 10:** *L'arbre choine.*  
 Fonte: THEVET, 1558, f. 105.

<sup>305</sup> LESTRINGANT, Frank. Panoramique II. In: LÉRY, 1992, op. cit.



Como dissemos antes de entrarmos nas ilustrações das famílias nativas, as cenas de combate (ver Figura 7), de canibalismo e de esquarteramento dos inimigos também são usadas de forma complementar às descrições, e, muitas vezes, faziam muito mais sucesso do que o próprio relato, sendo reproduzidas em outras obras do mesmo autor ou de autores diferentes<sup>306</sup>. Nas ilustrações sobre a família nativa ou, então, sobre o seu modo de vida, os tipos humanos são caracterizados de forma mais longilínea e como vimos num cenário, supostamente natural, em meio às árvores e a outras plantas<sup>307</sup>. Enquanto nas cenas mais violentas, os tipos humanos tornam-se mais selvagens, principalmente nas figuras que compõem as *Singularidades da França Antártica*, feitas por ilustradores diferentes, o que lhe dá uma certa incoerência, até mesmo de estilo<sup>308</sup>, como podemos notar ao comparar a figura anterior, representando a família nativa (Figura 10), e sobre o *moquém* (Figura 11), a seguir:



**Figura 11: Moquém.**  
Fonte: THEVET, 1558, f. 77.

A mesma incoerência encontrada nas figuras de Thevet com relação ao seu relato, no entanto, não pode ser apontada nas figuras que compõem o relato de Jacques LeMoyne De Morgues. Como foi publicado tardiamente, somente no final

<sup>306</sup> LESTRINGANT, Frank. *L'expérience huguenote au nouveau monde: XVI<sup>e</sup> siècle*. Genève: Droz, 1996. p. 64. Sobre as ilustrações dos nativos americanos reproduzidas nas obras do século XVI, ver do mesmo autor "Panoramique III". In: LESTRINGANT, 1992, op. cit.

<sup>307</sup> Ibid., p. 66.

<sup>308</sup> Ibid., p. 72.

do século XVI, seus quadros, sobre a colonização francesa na Flórida, formam uma espécie de complementação da *Histoire notable de la Floride*, de René de Laudonnière. Nesses quadros, os nativos da Flórida, provenientes de diferentes grupos, perdem sua identidade tendo os costumes e o modo de se vestirem mesclados com características dos nativos da América do Sul, sem mencionar as plantas que não fazem parte da vegetação da península<sup>309</sup>. No quadro (figura 12) em que o pintor francês representa a forma que os nativos da Flórida esquitejam seus inimigos durante um combate, e depois lhes arrancam os cabelos, por exemplo, percebemos o mesmo instrumento utilizados pelos nativos da França Antártica para desferir o golpe mortal na cabeça do prisioneiro durante o ritual canibal (Figura 13). Num outro quadro de De Morgues, a semelhança torna-se mais forte, pois a cena também diz respeito à morte de um inimigo com o mesmo instrumento e com o mesmo tipo de golpe na cabeça dos habitantes da França Antártica (Figura 14).

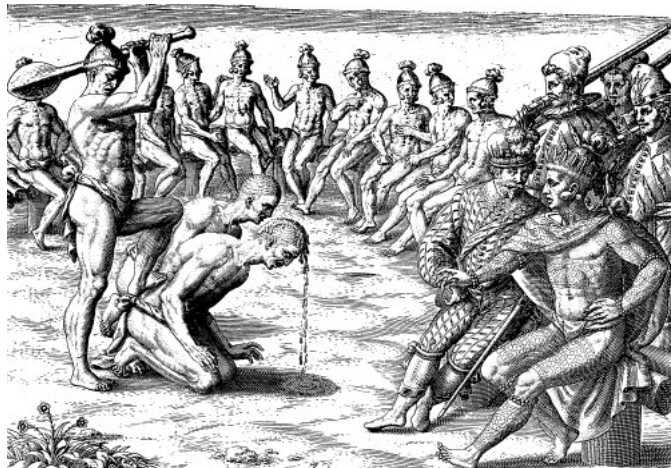


**Figura 12:** Escalpo dos inimigos.  
Fonte: DE MORGUES, 1591, f. 15.

<sup>309</sup> LESTRINGANT, Frank. **Le huguenot et le sauvage:** L'Amérique e la controverse coloniale, en France, au temps des guerres de religion (1555-1589). Paris: Aux Amateurs de Livres, 1990. p. 186.



**Figura 13:** Morte do prisioneiro.  
 Fonte: THEVET, 1558, f. 160.



**Figura 14:** Execução.  
 Fonte: DE MORGUES, 1591, f. 32.

Nessa mesma gravura (Figura 14), dois detalhes nos chamam a atenção. Primeiro, as vestes do rei nativo, o manto que está usando em suas costas, cuja estampa quase se confunde com os desenhos do seu corpo, é de origem européia<sup>310</sup>; que muito provavelmente deve ter-lhe sido dada pelos próprios franceses durante as trocas de presentes, franceses, aliás, que estão ao lado dele. Segundo, a forma como Laudonnière e o chefe indígena estão representados, comprovando, de alguma forma, a relação amistosa como base da política de alianças praticadas pelos franceses na Flórida e, anteriormente, na França Antártica.

Em contraponto com a violência no tratamento dos inimigos, a relação

<sup>310</sup> LESTRINGANT, 1990, op. cit., p. 187.

amistosa entre franceses e nativos aparece de forma recorrente nos relatos estudados. Essa amistosidade dos nativos já é notada logo no desembarque dos franceses, tanto na França Antártica, como na Flórida. Segundo Nicolas Barré, assim que chegaram na baía de Guanabara, cerca de quinhentos a seiscentos nativos, todos nus e armados de arcos e flechas, os esperavam em terra firme para dar as boas-vindas, de seu modo, trazendo presentes e aclamando os franceses<sup>311</sup>. A mesma hospitalidade foi observada por André Thevet, para o qual os nativos arrumaram um “verdadeiro palácio à moda da terra, todo alcatifado ao redor de belas folhas e ervas odoríferas” e, para demonstrar ainda mais a satisfação de poder receber os franceses, ostentavam sinais de alegria. Os mais entusiasmados eram os anciãos que dirigiam aos franceses saudações à moda da terra e em seu idioma “em tudo demonstrando sua grande admiração”<sup>312</sup>:

Em seguida conduziram-nos ao lugar que nos tinha preparado, chegavam-nos víveres de todos os lados, como por exemplo, a farinha feita de uma raiz que chamam de mandioca, diversas raízes grandes e pequenas, todas de ótimo sabor e outros alimentos locais.<sup>313</sup>

Ainda que pareça exagerado, a mesma recepção é relatada por Léry, que escreveu ainda que todos os estrangeiros, sobretudo os franceses e os nativos aliados, eram recebidos com a mesma cerimônia, parte dos costumes e da cordialidade natural dos nativos americanos. Escreveu ainda que, ao chegar o visitante a uma tribo, este deve escolher uma casa para se hospedar, sob pena de desapontar os nativos. Em seguida, as mulheres do hospedeiro reúnem-se em torno do visitante e acoradas no chão põem as mãos nos olhos e choram as boas-vindas, dizendo algumas palavras, como: “Tivestes tanto trabalho em vir ver-nos. És bom. És valente.”<sup>314</sup> E para responder essas boas-vindas, o visitante deve mostrar-se choroso, também. Após essa primeira recepção o dono da casa que o acolheu serve alguns alimentos, como farinha, veações, aves, peixes, e outros manjares. As mulheres retornam com mais frutas e outros produtos da terra para que possam trocar por pentes, espelhos e outras quinquilharias. E, depois de tudo isso, se o visitante deseja descansar e dormir, arrumam-lhe prontamente uma rede<sup>315</sup>.

Mesmo não tendo recebido o mesmo tratamento de Thevet quando chegou à

---

<sup>311</sup> BARRÉ, 2000, op. cit., p. 20.

<sup>312</sup> THEVET, 1978, op. cit., p. 93.

<sup>313</sup> Ibid., p. 93.

<sup>314</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 237.

<sup>315</sup> Ibid., p. 238.

baía de Guanabara<sup>316</sup>, Léry, ao visitar as tribos, era acolhido com a mesma cordialidade e por isso não dispensou os elogios a essa qualidade dos nativos, ainda que, a princípio, estranhasse tal comportamento. Quando visitou a aldeia de *Jaburací*, por exemplo, foi logo recebido por inúmeros selvagens que, intensivamente, perguntavam seu nome, mas como não entendia não pode responder. Um desses nativos, no entanto, tomou o seu chapéu e o vestiu, outro tirou sua espada e seu cinto, e um outro pegou-lhe o casaco. Segundo Léry, eles se comportavam dessa maneira com os outros estrangeiros que os vinham visitar, mas logo que se divertiam o suficiente com os pertences alheios, restituíam-nos ao dono.<sup>317</sup> Na opinião de Léry, ainda, esses nativos faziam tudo isso porque são naturalmente caridosos, gostam de presentear uns aos outros e “prezam de tal forma essa virtude que morreriam de vergonha se vissem o vizinho sofrer falta do que possuem, e com a mesma liberalidade tratam os seus aliados”. Sobre essa liberalidade que nos relata Léry, ou melhor, sobre esse desapego em relação às coisas materiais, acompanharemos um diálogo que o próprio Léry teve com um nativo mais velho:

Uma vez um velho perguntou-me: Por que vindes vós outros, mairs e pêros (franceses e portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muitas mas não daquela qualidade, e que não queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tintura para tingir [...]

Retrucou o velho imediatamente: E por ventura precisais de muito? – Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo pau-brasil com que muitos navios voltam carregados. – Ah! Retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas [...] Mas esse homem tão rico de que me falas não morre? – Sim, disse eu, morre como os outros.

[...] e, quando morrem para quem fica o que deixam? – Para seus filhos se os têm, respondi, na falta destes para os irmãos ou parentes próximos. – Na verdade, continuou o velho, que [...] agora vejo que vós mairs sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos [...] para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos, mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados<sup>318</sup>.

Uma espécie de crítica aos motivos que levavam os europeus a atravessar o mar oceano? Crítica que partia dos nativos ou do próprio Léry? Uma crítica aos rumos

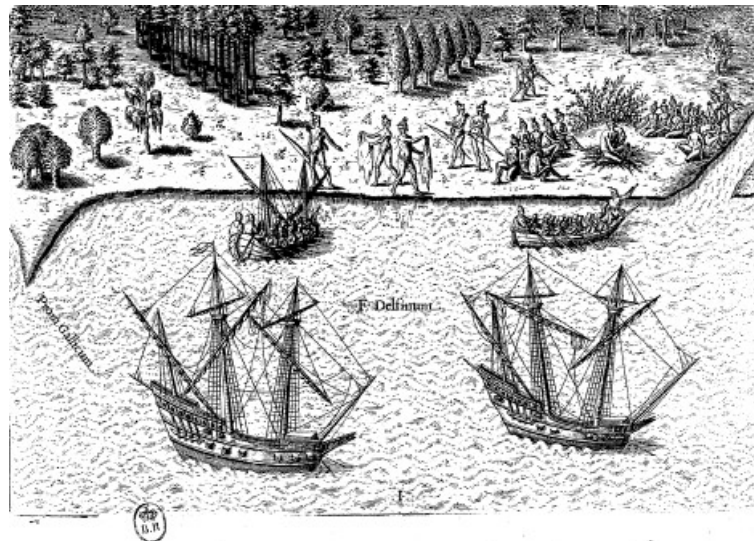
<sup>316</sup> Sobre a recepção dos protestantes no Forte Coligny: “Como sobremesa própria para refazer-nos dos trabalhos do mar mandaram-nos carregar pedras e terra para as obras do forte Coligny, que se achava em construção”. LÉRY, 1980, op. cit., p. 86.

<sup>317</sup> Ibid., p. 235.

<sup>318</sup> Ibid., p. 169-170. (destaque do autor).

que a França Antártica tomou e a forma de governo de Villegagnon, que abandonara a causa protestante? Não podemos responder com precisão, mas é certo que, mais uma vez, o comportamento virtuoso é destacado entre os nativos, que praticam o canibalismo e vivem sem lei, sem rei e sem religião, seguindo seus próprios instintos.

A cordialidade, a hospitalidade e o desapego material parecem ser mesmo naturais entre os nativos americanos que se relacionavam com os franceses. Pois, os relatos da Flórida estão cheios desses exemplos. A começar, mais uma vez, pela forma como foram recepcionados nas diversas tribos que percorreram durante o período que estiveram na península.



**Figura 15:** Recepção dos franceses na Flórida.  
**Fonte:** DE MORGUES, 1591, f. 1.

Como na gravura de Jacques Le Moyne De Morgues, (Figura 15), os franceses eram recebidos de maneira amável e modesta, diferente das cerimônias ocorridas na França Antártica, mas também constantemente apresentados com os produtos do país, principalmente com peles de animais, alimentos, pedras coloridas e caças, tudo preparado pelos nativos da melhor maneira possível. Se na França Antártica, o ato de presentear daqueles nativos era prova da sua cordialidade, na Flórida esse comportamento ganhou um sentido ainda mais interessante para os franceses: a amizade e a formação de alianças com os locais, legitimando a

presença francesa na região. Para reforçar essa aliança e amizade entre franceses e nativos, Ribaut oferecia em troca alguns produtos, como tecidos com a flor-de-lis amarela estampada: “we made alliance and entered into amity with them, and presented the king and his brethren with garments of blue cloth variegated with yellow fleur de luce” [fizemos aliança e entramos em amizade com eles, e presenteamos o rei e seus irmãos com trajes de tecido azul estampado com flores-de-lis amarelas]<sup>319</sup>. Os nativos ficavam tão agradecidos com os presentes, afirma Ribaut, que enchiam os barcos franceses com uma grande quantidade e variedade de peixes<sup>320</sup>. O mesmo acontecia toda vez que visitavam uma nova tribo, trocavam presentes e formavam alianças com os chefes locais, e mesmo que uma ou outra tribo oferecia certa resistência, acabava firmando amizade com os franceses.

Era através das alianças com as diversas tribos da Flórida que os franceses conseguiam informações sobre os grandes chefes da região e a localização das prováveis riquezas do Novo Mundo, como as minas de ouro e prata desfrutadas pelos espanhóis. Ribaut, assim que formou as primeiras alianças, ficou sabendo de um grande rei nativo que possuía em seu reino uma quantidade inexplicável de peles, prata e outras coisas valiosas que poderiam ser dadas aos franceses como prova de amizade e na formação de uma aliança contra os inimigos locais, incluindo os espanhóis<sup>321</sup>. Essa mesma política seria seguida por Laudonnière, na segunda expedição francesa à Flórida, que reconheceu em seu relato a grande vontade dos locais em fazer amizade e formar alianças com os franceses, fato que fazia o capitão louvar e agradecer incessantemente a Deus pela amistosidade e cordialidade que tinha encontrado entre “aqueles selvagens”.<sup>322</sup> Entre esses aliados destacava-se Atore, ou o *Paracousi Satouriona*, um dos grandes chefes locais, caracterizado por Laudonnière como perfeito em sua beleza, prudência, honestidade, docilidade e de fácil tratamento. Em resumo, os habitantes da Flórida pouco se diferenciavam, nesse sentido, dos nativos da França Antártica.

---

<sup>319</sup> RIBAUT, 1875, op. cit., p. 172. (tradução nossa).

<sup>320</sup> Ibid., p. 172.

<sup>321</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 25.

<sup>322</sup> Ibid., p. 68.



**Figura 16:** Aliança entre franceses e nativos.

Fonte: DE MORGUES, 1591, f. 8.

Os franceses, em contrapartida, retribuíaam essa amizade sobretudo participando dos combates nativos. Léry menciona que, certa vez, quando presenciou um desses combates, ele e os franceses que estavam em sua companhia, empunharam suas espadas e deram alguns tiros para o ar com suas pistolas, somente para estimular aquela gente. Esse tipo de comportamento dos franceses, ir aos combates com os nativos, causava grande comoção e satisfação entre os locais, além de engrandecê-los perante os mais velhos das aldeias que freqüentavam.<sup>323</sup> Na Flórida, apesar da política de alianças e da diplomacia praticada por Ribaut, Laudonnière e, também pelo Sr. D'Ottiny, os franceses enviavam alguns de seus arcabuzeiros para ajudar as tribos aliadas contra seus inimigos, muitas vezes aliados dos espanhóis. Outras vezes, os próprios chefes nativos pediam tal ajuda, como relatou Laudonnière acerca de *Paracousi Outina*, que lhe requisitou doze ou quinze arcabuzeiros para combater seu inimigo *Patavou*.<sup>324</sup>

A violência dos combates nativos, tanto na França Antártica, como na Flórida francesa, a forma cruel com que tratavam os prisioneiros nos combates e o fato de ignorarem a Deus, são superados pela cordialidade, pela hospitalidade e pela amizade, completadas pela natureza exuberante do Novo Mundo, um verdadeiro cenário edênico – a própria terra prometida, descrita por Challeux, ou o jardim florido, ilustrado por Jacques Lemoyne De Morgues (ver figura 1), ou ainda, a terra

<sup>323</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 190.

<sup>324</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 140.



de descanso prometida por Villegagnon aos protestantes, que eram perseguidos pela Igreja na França, como afirma o autor de *Histoire des choses memorables advenue en la Terre du Brésil*. Mas, se o instinto natural de violência dos nativos americanos não consegue abalar esse cenário, a “vingança que crescia nos corações” dos homens civilizados<sup>325</sup> chegou a transformá-lo quase num inferno, num lugar onde a fome e a falta de humanidade parece uma constante, mesmo naqueles que possuíam “lei, rei e religião”. Dois episódios seriam os responsáveis por esse pequeno abalo: o primeiro, a perseguição dos genebrinos por Villegagnon e a conseqüente execução de cinco deles; o segundo, os momentos de privação entre os franceses da Flórida e o massacre promovido pelos espanhóis, ao retomarem a posse da região.

No primeiro caso, é notável os traços negativos que a Terra do Brasil ganha quando Léry e Richer relatam a forma cruel como Villegagnon passou a tratá-los, após as difamações e as intrigas feitas por um tal de Jean Cointa, ou Senhor de Bolés. A docilidade, a caridade e a hospitalidade dos nativos, por exemplo, deram lugar aos selvagens “sem princípio, sem castidade ou qualquer civilidade”<sup>326</sup>. A fertilidade da terra e a abundância dos alimentos e dos animais de caça, que as cartas de Barré e o relato de Thevet divulgavam na França, levaram muitos marinheiros a não suprirem devidamente os navios com os víveres necessários para a estada dos franceses. Acerca dessa falsa idéia que tinha os franceses, Léry escreveu:

É certo que os marinheiros recentemente retornados do Brasil deram a entender que havia em terra víveres suficientes para alimentar todos os que lá estavam, não sendo, por isso, necessário carregar os navios. Essa desculpa, deu-a o próprio Villegagnon, que queria se livrar dessa responsabilidade. Mas, isso tanto não é verdade que os pobres colonos, tão doentes quanto outros membros da expedição, sofreram enorme privação desde o início, sem merecerem qualquer consideração<sup>327</sup>.

As privações alimentares não eram as únicas coisas que atormentavam os franceses sob o comando de Villegagnon. Também o forte ardor do sol, “inacreditavelmente impiedoso”, principalmente quando eram obrigados pelo almirante a trabalhar na construção do forte o dia inteiro, correndo o perigo de serem alvo de ataques dos nativos aliados dos portugueses<sup>328</sup>. O mesmo pessimismo é encontrado num panfleto escrito por Richer, um dos ministros mandados por Calvino

<sup>325</sup> LE CHALLEUX, 1851, op. cit., p. 461.

<sup>326</sup> LÉRY, 1854, op. cit., p. 199.

<sup>327</sup> Ibid, p. 198.

<sup>328</sup> Ibid, p. 197.

à França Antártica. Publicados em grande parte para refutar as “mentiras” ditas e divulgadas por Villegagnon na França, o panfleto descreve a ilha escolhida para a construção do Forte Coligny como a mais deserta, seca e plena de animais cruéis e perniciosos, além de não possuir água de boa qualidade e dos alimentos só serem comestíveis quando preparados à moda da terra.<sup>329</sup>

Assim como os animais, o líder da França Antártica também é caracterizado como cruel e pernicioso. Mas, muito mais do que isso, uma pessoa hipócrita, “duas caras”, vingativo, “incapaz de superar as desavenças”, que tinha apenas o objetivo de enriquecer, “de se apossar das riquezas da terra do Brasil”<sup>330</sup>. Essa incapacidade de Villegagnon de superar as desavenças levou-o a entrar em conflito com os ministros Richer e Chartier, divergindo quanto às vestes sacerdotais, à fermentação do pão e ao vinho utilizados na eucaristia. O conflito chega ao ponto de Villegagnon zombar dos sermões de Richer, proibir os reformados de pregarem o Evangelho e até de expulsá-los da colônia. Estamos, como se vê, bem longe daquele lugar prometido pelo almirante no qual os protestantes poderiam descansar das perseguições sofridas na França.

Mas, as aflições sofridas pelos protestantes não parariam por aí. Expulsos da colônia, foram obrigados a viver entre os nativos. Decepcionados, viram aquela caridade natural dos americanos dar lugar a um comportamento quase mercenário. Sem poderem levar muito dos seus pertences, os franceses expulsos chegaram a trocar a própria roupa do corpo pelos alimentos trazidos pelos nativos, como foi o caso de um operário que, cansado de ser explorado por Villegagnon, resolveu deixar a colônia e viver entre os nativos. O pobre homem, por algum tempo, conseguiu se alimentar trocando as peças de seu vestuário.

Quando, porém, lhe restava somente a camisa do corpo, os selvagens não lhe deram mais alimento e o expulsaram do seu meio. O infeliz viu-se reduzido a um estado de extrema miséria e obrigado a comer qualquer erva ou fruta que lhe caísse nas mãos, sem inquirir se eram ou não nocivas a sua saúde.<sup>331</sup>

O desfecho da história desse pobre homem é que ele resolveu pedir ao almirante que o aceitasse de volta, mas seu pedido não foi aceito. No outro dia, alguns franceses encontraram seu corpo ao lado de uma árvore<sup>332</sup>. A prova cabal da falta de piedade e do sentimento de vingança do chefe da França Antártica

<sup>329</sup> RICHER apud LESTRINGANT, 1996, op. cit., p. 110.

<sup>330</sup> LÉRY, 1854, op. cit., p. 185.

<sup>331</sup> Ibid., p. 207.

<sup>332</sup> Ibid., p. 208.

aconteceria com os reformados expulsos por ele. Assim que conseguiram um velho barco para retornar à França, Villegagnon tentou de várias maneiras impedir esses homens a embarcarem; tentou até mesmo subornar o capitão do navio, mas seus esforços foram em vão. Como a embarcação era muito precária e fazia muita água, alguns passageiros foram convidados pelo capitão a deixá-la, eram Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, André la-Fon, Pierre Bourdon e Jacques le Balleur. Ao chegarem em terra firme, após ficarem a deriva quatro dias no mar, pedem asilo à Villegagnon, que, surpreendentemente, os recebe com doçura e honestidade, oferecendo roupas e alimentos<sup>333</sup>. Essa quietude, porém, durou apenas doze dias, pois o almirante passou a desconfiar da história dos cinco, acusando-os de espionagem. O tratamento mudou completamente, foram presos, torturados e obrigados a responder a um questionário de fé. Sob posse do questionário respondido, Villegagnon os declara “heréticos e pestíferos”, condenando-os à morte por estrangulamento e afogamento<sup>334</sup>.

Não bastasse tal tragédia, o restante dos protestantes que permaneceram na embarcação também passaram por maus momentos. A água, que teimava em entrar no barco, invadiu o compartimento em que se guardava as provisões de bolachas, colocando quase tudo a perder. Para piorar mais a situação, a viagem estava atrasada, devido ao cálculo errado da rota feito pelo piloto:

Esse erro fez com que em fins de abril já estivéssemos inteiramente desfalcados de todos os víveres, já varriamos o paiol, cubículo caiado e gessado onde se guarda a bolacha nos navios, mas encontrávamos mais vermes e excrementos de rato do que migalhas de pão. Quando havia repartíamos às colheradas esse farelo e com ele fazíamos uma papa preta e amarga como fuligem.<sup>335</sup>

Até mesmo os pequenos macacos e os papagaios que seriam levados como presente para o rei francês, para membros da corte e, também, para serem vendidos, serviram de refeição durante o trajeto de volta à França. No mês seguinte, em maio, as possibilidades de alimentos já eram nulas e as tormentas só aumentavam, levando os franceses a tomarem uma decisão desesperada: ferrar todas as velas e amarrar o leme, ficando à mercê das águas<sup>336</sup>. Os casos de “hidrofobia causada pela fome” tornaram-se comuns, nessa altura da viagem relata

---

<sup>333</sup> CRESPIAN, Jean. **A tragédia da Guanabara**: a história dos primeiros mártires do cristianismo no Brasil. Tradução Domingos Ribeiro. Rio de Janeiro: Casa Publicadora da Assembléia de Deus, 2006. p. 52.

<sup>334</sup> Ibid., p. 69.

<sup>335</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 261.

<sup>336</sup> Ibid., p. 261.

Léry, já lançavam uns aos outros “olhares denunciadores” da “disposição antropofágica”, possibilidade que só foi descartada pelo mestre do navio, porque avistaram as terras da Bretanha, no final daquele mês.<sup>337</sup>

No tocante à Flórida, podemos destacar dois momentos que puseram a perder o sonho do refúgio protestante e, também, a colonização francesa na região: a demora dos reforços humanos e materiais da segunda expedição e a invasão do Forte Caroline pelos espanhóis. Quando Ribaut retornou à França, vimos no primeiro capítulo, a situação para uma segunda expedição não era muito boa. O conflito entre protestantes e católicos, iniciado pela cidade de Rouen, ao recusar um lugar tenente da família dos Guises, fez com que os preparativos e os reforços para uma segunda expedição só saíssem mais de um ano depois. Nesse meio tempo, os colonos na Flórida deram continuidade à política de alianças começada por Ribaut, mas os objetos de trocas terminaram e, na mesma proporção, tornaram-se escassos os alimentos conseguidos com os nativos. O desespero é tal que os próprios colonos resolvem construir uma pequena embarcação para levá-los de volta<sup>338</sup>. Madeira não era nenhum problema, mas cordas, velas e outros instrumentos necessários à navegação seriam impossíveis de se conseguir naquele lugar. Com a ajuda de Deus, e dos chefes Audusta e Maccou, os franceses, em troca de algumas camisas, conseguem o tanto necessário de cordas. Para as velas utilizaram lençóis e algumas camisas, para a calafetagem utilizaram a resina de alguns pinheiros que existia na região<sup>339</sup>, conseguiram até mesmo embarcar parte da artilharia deixada por Ribaut<sup>340</sup>. Não contavam, porém, com os ventos fortes, que aos poucos destruía a embarcação, ou com a calmaria, que muitas vezes, não os deixava avançar na sua rota em direção à França<sup>341</sup>. Quando chegaram a apenas um terço do caminho a ser percorrido, os alimentos e a água doce já tinham terminado, sobravam apenas alguns grãos de milho. Para não morrerem de fome e sede, os franceses passaram a consumir os próprios sapatos e coletes e a beberem a própria urina. Para piorar mais a situação, começam a soprar ventos contrários à rota estipulada e o barco começou a desmanchar. Perdidos em alto mar, sem nenhuma esperança de retornarem vivos à França e quase mortos de fome, esses franceses não apenas pensaram, como aconteceu na volta dos protestantes da França Antártica, em

<sup>337</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 265.

<sup>338</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit., p. 54.

<sup>339</sup> Ibid., p. 55.

<sup>340</sup> Ibid., p. 56.

<sup>341</sup> Ibid., loc. cit.

praticar o canibalismo, como “decidiram que um morreria para sustentar os outros”<sup>342</sup>. Algum tempo depois, os ventos levaram o grupo de volta à Flórida, onde encontraram um navio inglês, no qual havia um francês a bordo, que os reconheceu e lhes deu algo para comer e beber.<sup>343</sup>

Salvos dessa experiência traumática, na qual tiveram inclusive de praticar o canibalismo, “chose si pitoyable à réciter” [coisa tão lastimável de se contar] que a pena de Laudonnière recusava-se a descrever. Com a chegada da segunda expedição e a construção de um novo forte, tudo parecia se acertar na Flórida Francesa. Mas, em meados de 1565, as coisas complicam-se. Laudonnière cai doente e mais uma vez a colônia passa por falta de alimentos, sobrevivendo, muito mal, apenas dos alimentos conseguidos com os nativos<sup>344</sup>, o que parece ao leitor uma paradoxo, principalmente tendo em mente a fartura e a fertilidade das terras relatadas e ilustrada numa gravura de Jacques Le Moyne De Morgues (figura 17).



**Figura 17:** A fartura de alimentos e caças na Flórida.  
Fonte: DE MORGUES, 1591, f. 23.

A terra florida estava longe, daquela terra prometida descrita por Le Challeux. Estava longe, também, da fartura esperada pelos franceses, mas o pior ainda estava por vir. Logo após a terceira expedição francesa, capitaneada por Ribaut, ao

<sup>342</sup> LAUDONNIÈRE, 1853, op. cit, p. 58.

<sup>343</sup> Ibid., p. 59.

<sup>344</sup> LE CHALLEUX, 1851, op. cit., p. 462.

chegarem à Flórida, os franceses avistaram alguns navios espanhóis próximos ao Forte Caroline. Receoso de um ataque, o próprio Ribaut comanda uma busca pelos navios espanhóis através do rio *Dauphins*, deixando o forte praticamente sem nenhuma proteção, pois, como relata Challeux, os duzentos e quarenta colonos que lá estavam, dividiam-se em mulheres, crianças e homens doentes<sup>345</sup>. Mas, ao contrário do que esperavam os franceses, os espanhóis, guiados pelos nativos, surpreendem o forte, que não oferece resistência:

[...] [a expedição espanhola] tendo percorrido matas, lagos e rios, conduzidos por um selvagem, e tendo chegado numa quinta-feira de manhã, vigésimo dia de setembro, por um tempo chuvoso, entram sem alguma resistência no forte, e cometem uma horrível execução de raiva e fúria, que eles concebem contra nossa nação, com o intuito de degolar o maior número de homens, sãos e doentes, mulheres e crianças, de maneira que não é possível imaginar um massacre que pudesse ser igualado a este, em crueldade e barbárie.<sup>346</sup>

Em meio à atrocidade e à selvageria espanhola, os franceses mais espertos e mais ágeis conseguiram fugir para a floresta. Os doentes, como Le Challeux, mesmo debilitados, preferem juntar as forças que lhe restavam, e se lançarem na mata junto com as feras e outros animais do que enfrentar os sanguinários inimigos<sup>347</sup>. Aqueles que não conseguiram escapar assistiram a um verdadeiro massacre, orquestrado pelos espanhóis, que incluiu a utilização dos canhões do Forte Caroline contra os próprios colonos, esquartejamento dos mortos e retirada dos seus olhos, que eram ainda, jogados contra os franceses que tentavam fugir pelo rio.<sup>348</sup> Quanto aos franceses que se renderam, ou que caíram nas mãos dos inimigos, receberam o seguinte tratamento:

[...] eles raspam a barba do capitão do Rei [Jean Ribaut] para fazer uma demonstração de sua expedição e logo em seguida a enviaram à Sevilha, [...], e para o triunfo da sua fama e vitória, desmembraram o corpo desse bom e fiel servidor do Rei [Christophe le Breton du Havre de Grace] e fizeram de sua cabeça quatro partes que espetaram em quatro paus e depois as plantaram aos quatro cantos do forte<sup>349</sup>.

Como homens, tementes a Deus e conhecedores das Suas palavras poderiam agir de maneira tão desumana e selvagem contra homens, igualmente, tementes a Deus e cristãos? Quem fez essa pergunta foi Urbain Chauveton, pastor protestante que redigiu um manifesto em favor das viúvas e dos órfãos dos homens que foram massacrados pelos espanhóis na Flórida. Chauveton se questiona, ainda,

<sup>345</sup> LE CHALLEUX, 1851, op. cit., p. 465.

<sup>346</sup> Ibid., loc. cit. (tradução nossa).

<sup>347</sup> Ibid., p. 466.

<sup>348</sup> Ibid., p. 468.

<sup>349</sup> Ibid., p. 469. (tradução nossa).

sobre como pôde, num momento de relativa paz entre as coroas espanholas e francesas, um rei cristão mandar um tal Pedro Menendéz d'Áviles, executar um empreendimento tão cruel e tão bárbaro, que supera a raiva e o furor dos tigres e dos leões<sup>350</sup>. Se a violência e a selvageria dos nativos têm explicações bastante convincentes para os viajantes da época – o excesso de bravura, o instinto de vingança e a ignorância da palavra de Deus –, a barbárie espanhola e a crueldade de Villegagnon não tinham justificativas. Não é só o fato dos espanhóis terem invadido o forte francês ou de Villegagnon ter punido de maneira exagerada alguns de seus homens, mas a falta de piedade e o sentimento de vingança que os movia, comportamento tão condenável entre os cristãos. Ainda sobre o massacre na Terra Flórida, a forma que os espanhóis trataram seus prisioneiros de guerra, tal como os nativos *sem lei, sem rei e sem religião* daquela região, era contrária “à toutes factions de la guerre et à toutes loix et ordonnances qui jamais ayant esté receües de Dieu ne des hommes”[à todos os tipos de guerra e à todas as leis e ordens que nunca seriam recebidas de Deus nem dos homens].<sup>351</sup>

A terra prometida e de descanso descrita pelos franceses anteriormente, cujo cenário exuberante, em conjunto com o clima temperado, a qualidade da água, a abundância de alimentos e a cordialidade dos seus habitantes tornar-se-ia um lugar do qual os franceses gostariam de escapar a qualquer preço, chegando até mesmo a construir uma embarcação em que as velas eram as próprias roupas ou, então, embarcar num navio que fazia água por todos os lados. A paz e o descanso, almejados pelos protestantes que se aventuraram nesse Novo Mundo, deixando pra trás o país, os amigos e a família, transforma-se em mais um lugar de intolerância religiosa, levando cinco deles à morte por estrangulamento e afogamento na França Antártica e outros tantos esquartejados e escarpelados nas mãos dos espanhóis. Portanto, o Novo Mundo construído pelos franceses não era caracterizado apenas pelo clima ameno ou, como escreveu Léry, pelo “verdejar permanente dos campos e da vegetação”<sup>352</sup>, pela fertilidade da terra ou pela variedade e esplendor das plantas e dos animais. Era também, um lugar para todos os tipos de guerra, e para todas as leis e ordens que nunca seriam recebidas de

<sup>350</sup> CHAUVETON, Urbain. **Brief discours et histoire d'un voyage de quelques françois em la Floride & du massacre [...] exécuté sur eux par les hespagnols, l'an mil cinq cens soixante cinq [...]**. Genève: F. Vignon, 1579. p. 479.

<sup>351</sup> Ibid., p. 478.

<sup>352</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 111.

Deus, nem dos homens<sup>353</sup>, como comprovam a descrição do martírio dos protestantes na França Antártica, do massacre regido pelos espanhóis na Flórida, ou então, dos episódios de fome e de privações vividos pelos colonos nas duas colônias.

---

<sup>353</sup> CHAUVETON, 1851, op. cit., p. 478.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas derivadas das tentativas francesas de colonização do Novo Mundo, a França Antártica e a Flórida Francesa, são, como mencionamos, os documentos onde melhor se pode detectar os contornos que a região começava a adquirir no pensamento europeu quinhentista. Publicadas na segunda metade do século XVI, tais relatos, principalmente os provenientes da experiência francesa na baía de Guanabara, ganharam várias edições e traduções. Vimos no segundo capítulo, por exemplo, que o relato de André Thevet, *Les Singvlaritez de la France Antarctique*, ganhou duas edições seguidas em língua francesa: em 1557 e 1558. Três anos após a segunda edição francesa, essa primeira narrativa sobre a França Antártica ganha uma tradução para o italiano (1561) e, em menos de seis anos, duas edições em inglês, uma em 1567 e outra em 1568. Nesse meio tempo, na França, já tinham sido publicados os panfletos de Léry e Richer contra Villegagnon (1561), os discursos de Nicolas Le Challeux contra o massacre promovido pelos espanhóis, na Flórida (1566), a narrativa da primeira viagem de Ribaut à Flórida, tanto em francês como em inglês (1563), as cartas do piloto Nicolas Barré (1557) e uma carta anônima sobre a Flórida (1565). Mas, a principal obra sobre o assunto, a *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil*, só veio à público em 1578, ainda que seu autor insista em afirmar que estava pronta desde o início da década 60 do século XVI. O relato de Léry, mesmo com duas décadas de atraso, ganhou quatro edições na França: 1578, 1580, 1594 e 1600, e as seguintes traduções: para o latim, em 1592 e 1594; para o holandês, em 1597; e para o inglês, em 1611. O relato de Laudonnière e as gravuras de De Morgues só seriam publicados pela primeira vez no final daquele século, em 1586 e 1591, respectivamente.

Para os padrões editoriais da época, o quadro exposto acima parece bem razoável. Mas, quando comparamos com o volume de obras sobre literatura geográfica, ou literatura de viagens, publicados na França do século XVI, o panorama ganha outras dimensões. Geoffrey Atkinson, numa pesquisa em arquivos europeus, constatou que mais de quinhentos impressos foram publicados na França, e na maior parte das vezes em língua francesa, entre os anos de 1480 e 1610, todos consagrados aos países e às gentes fora da Europa<sup>354</sup>. A parte que coube ao Novo

<sup>354</sup> ATKINSON, Geoffroy. **La littérature géographique française de la renaissance**. New York, USA: Burt Franklin, 1968. p. 8.

Mundo ou à América, no entanto, é muito pequena quando comparamos ao número de obras sobre o Oriente ou sobre a Turquia<sup>355</sup>. Foi somente no final do século XVI, e nos séculos seguintes, que as narrativas de viagens sobre a América começam de fato a cair no gosto europeu. Entre os anos de 1590 e 1634, é publicada em Frankfurt, *Grand voyages* por Theodore de Bry; entre 1598 e 1650, outra coleção de narrativas de viagens é publicada na Europa, dessa vez organizada por Levinus Hulsius, *Collections of voyages*. Antes dessas duas grandes coleções, na Inglaterra, em 1589, era publicada *The principal navigations of the english nation*, por Richard Hakluyt. Dando continuidade ao trabalho de Hakluyt, Samuel Purchas publica em cinco volumes o *Hakluytus posthumus or Purchas his pilgrimes, contayning a history of the world in sea voyages and lande travells*, em 1625.

Todavia, ainda que o *boom* editorial das narrativas sobre a América tenha ocorrido nos séculos que sucederam seu descobrimento, isso não quer dizer que não existia, então, curiosidade ou interesse sobre essas novas terras. Léry em seu prefácio afirma que não tinha nenhuma pretensão de publicar suas memórias sobre a França Antártica, mas, por insistência de amigos e de alguns desconhecidos, viu-se obrigado a publicar as anotações feitas ainda com tinta de pau-brasil<sup>356</sup>. Mas, como dissemos anteriormente, o número de obras sobre o Oriente era muito superior às obras que davam notícias sobre a América. Acerca de tal popularidade, Thevet escreveu no prefácio de *Les singlaritez de la France Antarctique*: “Ademais, parece que os cosmógrafos não tomaram conhecimento desta terra, pois todos eles continuam acreditando piamente que o mundo esteja limitado àquelas partes que os antigos nos descrevem”.<sup>357</sup> Motivado pela falta de informações sobre as “Índias Americanas”, Thevet resolveu, então, publicar as anotações, feitas na ocasião de sua viagem à França Antártica, descrevendo, como já foi comentado, neste trabalho, de forma “pormenorizada”, “completa”, o que os europeus poderiam considerar a quarta parte do mundo, “não só por estar tão afastada de nossos horizontes, como também pela diversidade da natureza de seus animais e de seu clima”.<sup>358</sup>

Uma vez que o Novo Mundo localiza-se longe dos horizontes do Velho, os

<sup>355</sup> O número de obras relacionadas por Atkinson que fazem alguma menção sobre a América é de aproximadamente 124 obras, enquanto àquelas que trazem informações sobre os turcos, por exemplo, ultrapassam o número de 220. Cf. ATKINSON, 1927, op. cit.

<sup>356</sup> LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980. p. 35.

<sup>357</sup> THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1978. p. 10.

<sup>358</sup> Ibid., p. 10.

autores das narrativas sobre a França Antártica e sobre a Flórida buscaram descrever tais lugares da maneira mais verossímil possível, incluindo em suas descrições grande número de informações, comparações e de detalhes, muitas vezes tirados de outras obras. Dar ao leitor uma noção do que era a Terra do Brasil ou a Flórida, incluindo seus animais, suas plantas e seus habitantes, era a função dessas narrativas, por isso, a tentativa de passar a sensação de exatidão e de autenticidade das informações contidas naqueles relatos é notada na riqueza de detalhes com a qual o Novo Mundo é descrito e complementada pela certeza de que seu autor não era mais um daqueles viajantes mentirosos.

Sobre a fama de que muitos viajantes eram considerados mentirosos podemos citar o prefácio do relato de Hans Staden escrito por Johann Eichmann, em 1556. Nesse prefácio Eichmann levanta a seguinte questão: como confiar nas descrições feitas sobre terras tão longínquas onde, muitas vezes, nenhum europeu esteve antes? Ele mesmo nos dá a resposta: confiando no caráter desses homens que arriscaram a própria vida, habitando entre os nativos da região, mesmo porque, com o tempo, afirma o matemático, cedo ou tarde, outros europeus freqüentarão os mesmos locais e poderão confirmar a autenticidade ou denunciar as imposturas das narrativas anteriores<sup>359</sup>. E foi justamente isso que fez Léry ao publicar *Histoire d'un voyage faict en la Terre dv Brésil*, em 1578. Mas, ao mesmo tempo que denuncia André Thevet como um impostor, Léry repete muitas das fórmulas descritivas do franciscano. A descrição do *tapir* (anta) é um bom exemplo, pois ambos fazem as mesmas comparações, chegando à mesma conclusão: o animal é um semi-asno ou semi-vaca. Nos textos sobre a Flórida não observamos, no entanto, esse tipo de diálogo interno, uma vez que o alvo dos franceses eram os espanhóis. Destarte, os motivos que os levaram a narrar eram, em parte, diferentes. Os relatos sobre a Flórida giram em torno da legitimidade da presença francesa na região, para isso, exploram a forma pacífica dessa presença, incluindo a forma amistosa com a qual se relacionavam com os nativos, em oposição às maneiras violentas e impiedosas dos espanhóis. De uma forma ou de outra, a difamação e o ataque a outros autores é recorrente nesses dois grupos de narrativas.

Mas, somente isso não era o bastante. A melhor forma, então, encontrada por esses viajantes-escritores para mostrar o quão confiável eram suas descrições foi

---

<sup>359</sup> STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Tradução Guiomar de Carvalho Franco. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1974. p. 31.

recheiar os seus relatos com o máximo possível de informações técnicas (náuticas e geográficas), como também de descrições acerca dos nativos e do seu modo de vida, incluindo, quando possível, algumas ilustrações, na tentativa de se chegar ao mais verossímil possível do que seria o Novo Mundo e passar tudo isso aos leitores.

Dessa tentativa – a de tornar a narrativa a mais próxima possível das experiências vividas por aqueles viajantes, ou como escreveu Sérgio Buarque de Holanda, a de se chegar às “dimensões do verossímil”<sup>360</sup> – derivam os primeiros contornos do que seria a “quarta parte do mundo”, o “novo mundo” ou as “Índias Americanas”. No caso das narrativas protestantes sobre a França Antártica e sobre a Flórida, no entanto, os motivos edênicos, como a amenidade do clima, fertilidade do solo, abundância dos alimentos, a qualidade da água e a variedade e o colorido dos animais, são utilizados para a descrição da tão esperada terra de descanso, o lugar onde poderiam praticar sua religião reformada sem serem perseguidos. A terra prometida aos huguenotes, porém, transformar-se-ia, nas mãos de homens impiedosos e vingativos, representado pelas figuras de Villegagnon e dos soldados de Menéndez Áviles, num pesadelo. Fugindo da intolerância do Velho Mundo, os protestantes encontraram no Novo, entre os próprios europeus, civilizados e conhecedores dos ensinamentos cristãos, a verdadeira selvageria, como escreveu Le Challeux em seu discurso contra o massacre promovido pelos espanhóis na Flórida. Diferente da violência dos nativos, explicada pelo seu instinto de bravura e coragem, o martírio dos cinco protestantes na baía de Guanabara e o massacre na praia de Matanzas são frutos da intolerância e do sentimento de vingança contra pessoas de bem que estavam à procura do que Laudonnière chamou de “commoditez de bien vivre” (comodidades de bem viver).

Apesar do pesadelo vivido pelos franceses, protestantes ou não, em terras americanas, os dois episódios contribuíram enormemente para dar publicidade aos primeiros contornos que o Novo Mundo começava a ganhar no pensamento europeu. Tanto nas narrativas de Léry, como no discurso de Le Challeux, e dos pastores Pierre Richer e Urbain Chauveton, os responsáveis pelo pesadelo da França Antártica e da Flórida Francesa, ou melhor, os responsáveis por não tornarem essas duas colônias, na terra de descanso prometida aos protestantes e católicos foram os próprios europeus, pois a terra já prometia “o suficiente

---

<sup>360</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 245.

contentamento de tudo que o homem” poderia desejar dela, não sendo “necessário a não ser homens zelosos e habilidosos que empregassem a bondade e a graça da terra em benefício do gênero humano”.<sup>361</sup>

Portanto, os primeiros contornos da imagem da América, que serão amplamente divulgados nos séculos seguintes, já começavam a ser traçados e divulgados no século XVI, principalmente na pena dos viajantes franceses que participaram das tentativas fracassadas de colonização, tanto à França Antártica como à Flórida Francesa. No tocante à terra, temas como a amenidade do clima, fertilidade do solo, abundância dos alimentos, a qualidade da água e a variedade e o colorido dos animais – os indícios de uma paraíso terrestre – são freqüentemente utilizados pelos autores dos relatos. Da mesma forma, os nativos americanos são sempre descritos e retratados como parte dessa paisagem exuberante e, como ela, também despertaram grande curiosidade, muitas vezes misturada com a surpresa pela sua boa aparência, longevidade, hospitalidade, amizade e bravura. Mas, como dissemos no final do terceiro capítulo, o Novo Mundo construído pelos franceses não era caracterizado apenas pelo clima ameno ou, como escreveu Léry, pelo “verdejar permanente dos campos e da vegetação”<sup>362</sup>, pela fertilidade da terra ou pela variedade e esplendor das plantas e dos animais, era também, um lugar para “toutes factions de la guerre” [todos os tipos de guerra], e para “toutes loix et ordonnances qui jamais ayant esté receües de Dieu ne des hommes” [todas as leis e ordens que nunca seriam recebidas de Deus nem dos homens]<sup>363</sup>, como comprovam a descrição do martírio dos protestantes na França Antártica, do massacre regido pelos espanhóis na Flórida, ou então, dos episódios de fome e de privações vividos pelos colonos nas duas colônias.

<sup>361</sup> LE CHALLEUX, Nicolas. Histoire mémorable du dernier voyage aux Indes, lieu appelé la Floride, (Nouvelle France,) fait par le capitaine Jean Ribaut, et entrepris par le commandement du roy, en l'an M.D.LXV. In: GAFFAREL, Paul. **Histoire de la Floride française**. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1875. p. 458.

<sup>362</sup> LÉRY, 1980, op. cit., p. 111.

<sup>363</sup> CHAUVETON, Urbain. **Brief discours et histoire d'un voyage de quelques françois en la Floride & du massacre exécuté sur eux par les hespagnols, l'an mil cinq cens soixante cinq** [...]. Genève: F. Vignon, 1579. p. 478.

## REFERÊNCIAS

### • FONTES:

BARRÉ, Nicolas. Copie de quelques lettres sur la navigation du chevalier de Villegaignon. 1557. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro colonial**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999.

COPPIE d'une lettre venant de la Floride, enuoyée à Rouen, et depuis au seigneur d'Eueron; ensemble le plan et portraict du fort que les François y ont fait. [s. l.: s. n.], 1564. Disponível em: <[http://hdl.loc.gov/loc.rbc/rbfr.0009\\_0209.1](http://hdl.loc.gov/loc.rbc/rbfr.0009_0209.1)>. Acesso em: 13 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. In: GAFFAREL, Paul. **Histoire de la Floride française**. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1875.

LAUDONNIÈRE, René de Goulaine de. **L'histoire notable de la Floride située ès Indes Occidentales: contenant les trois voyages faits en icelle par certains capitaines et pilotes français / décrits par le capitaine Laudonnière...**; mise en lumière par M. Basanier,... à laquelle a esté adjousté un Quatriesme voyage fait par le capitaine Gourgues. Paris: Chez Guillaume Aauray, 1586. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k521493>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. **L'histoire notable de la Floride située ès Indes Occidentales: contenant les trois voyages faits en icelle par certains capitaines et pilotes français / décrits par le capitaine Laudonnière...**; mise en lumière par M. Basanier, [...] à laquelle a esté adjousté un Quatriesme voyage fait par le capitaine Gourgues. Paris: P. Jannet, 1853. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k213939p>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

LE CHALLEUX, Nicolas. Histoire mémorable du dernier voyage aux Indes, lieu appelé la Floride, (Nouvelle France,) fait par le capitaine lean Ribaut, et entrepris par le commandement du roy, en l'an M.D.LXV. In: GAFFAREL, Paul. **Histoire de la Floride française**. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1875.

LÉRY, Jean de. **Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil**. La Rochelle: Antoine Chuppin, 1578. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k52545t>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. **Viagem à Terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980.

\_\_\_\_\_. **Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, 1557**. Montpellier: Presses du Languedoc/Max Chaleil Editeur, 1992.

\_\_\_\_\_. Histoire des choses memorables advenues en la Terre du Brésil, partie de L'Amérique australe, sous le gouvernement de N. de Villegaignon depuis l'an 1555 jusques a l'an 1558. EYRIÈS, J. B.(Dir.). **Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire ou recueil des relations originales inédites**. Paris, Gides, v. 144, p. 188-208, 1854. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k69909z.item>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

MORGUES, Jacques Lemoyne de. **Brevis narratio eorum quae in Florida, Americae provincia, Gallis acciderunt, secunda in illam navigatione, duce Renato de Laudonnière classis praefecto, anno 1564** ; Quae est secunda pars Americae... / auctore Jacobo Le Moyne; nunc primum gallico sermone a Theodoro de Bry, ... in lucem edita ; latio vero donata a C. C.A. [Carolo Clusio Atrebatensi], 1591. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109491c>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

PYSIÈRE, Giles de. **Discours de l'entreprise et saccagement que les forsaies de l'isle Floride avoient conclud de faire à leurs capitaines & gouverneurs, estans mis en liberté**: avec la description des bestes sauvages tant marines que terrestres, qui ont estez trouvées dans le circuit de la Floride... / par le capitaine Giles de Pysiere. Paris: P. de Langre, [156-]. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1095142>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

RIBAUT, Jean. Narrative of the first voyage of Jean de Ribault, made in the reign of Charles IX, king of France, under the orders and instructions of Gaspard de Coligny, grand admiral of France, to make discoveries and found a colony of French Protestants (Huguenots) in Florida, A. D. 1562. translated into English by one Thomas Hackit" In: HAKLUYT, Richard. **Divers voyages touching the discoverie of America**. London: Thomas Woodcocke, 1582. Disponível em: <<http://lccn.loc.gov/04000242>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. Narrative of the first voyage of Jean de Ribault, made in the reign of Charles IX, king of France, under the orders and instructions of Gaspard de Coligny, grand admiral of France, to make discoveries and found a colony of French Protestants (Huguenots). In: HISTORICAL Collections of Louisiana and Florida. New York, USA: Wiley and Putnam, 1875. p. 159-190.

RICHER, P. La refutation des folles resveries, exécrables, blasphèmes, erreus et mensonges de Nicolas Durand, qui se nomme Villegagnon, 1561. In: LESTRINGANT, Frank. **L'experience huguenote au nouveau monde (XVI<sup>e</sup> siècle)**. Genève: Droz, 1996.

THEVET, André. **Singularitez de la France Antartique, autrement nommée Amérique: et plusieurs terres et isles decouvert de nostre temps**. Paris: Chez les Heritiers de Maurice de la Porte, 1557. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109516t>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. **Singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1978.

VILLEGAGNON, Nicolas Durand de. Carta à Calvino. In: GONÇALVES SALVADOR, J. BRUAND, Yves. Os franceses na Guanabara: correspondências da França Antártica. **Revista de História**, São Paulo: ano 15, v. 28, p. 209-238, 1964.

\_\_\_\_\_. Carta ao Duque de Guise. In: MARIZ, V. PROVENÇAL, L. **Villegagnon e a França Antártica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

#### • TEXTOS DE ÉPOCA:

ALPHONSE, Jean. La routier de Jean Alphonse, de Xantoigne, premier pilote du sieur de Roberval (1542) In: VOYAGES de découverte au Canada, entre les années 1534 et 1542. Québec: W. Cowans et Fils, 1843. p. 80-87.

BARROS, João de. **Ásia**: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. Relación del viaje de Pánfilo de Narváez al río de las Palmas hasta la punta de la Florida, hecha por el tesorero Cabeza de Vaca. 1527. In: COLECCIÓN de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y colonización de las posesiones españolas en América y Oceanía, sacados en su mayor parte, del real archivo de Indias, [y otros archivos del reino]. Vaduz [Liechtenstein]: Kraus reprint, 1964-1966.

CARTIER, Jacques. Les trois voyages de Jacques Quartier, au Canada, en 1534, 1535 et 1540. In: VOYAGES de découverte au Canada, entre les années 1534 et 1542. Québec: W. Cowans et Fils, 1843.

\_\_\_\_\_. Voyages de Jacques Cartier au Canada. In: JULIEN, Charles André. **Les français en Amérique pendant la 1<sup>ère</sup> moitié du XVI<sup>e</sup>**. Paris: PUF, 1946a. p. 79-197.

CHAUVETON, Urbain. **Brief discours et histoire d'un voyage de quelques françois en la Floride & du massacre [...] exécuté sur eux par les hespagnols, l'an mil cinq cens soixante cinq [...]**. Genève: F. Vignon, 1579.

CRESPIN, Jean. **A tragédia da Guanabara**: a história dos primeiros mártires do cristianismo no Brasil. Tradução Domingos Ribeiro. Rio de Janeiro: Casa Publicadora da Assembléia de Deus, 2006.

D'AVEZAC, Armand. **Campagne di navire l'Espoir de Honfleur, 1503-1505**. Paris: Challamel, 1869.

DENIS, Ferdinand. **Une fête brésilienne célébrée a Rouen, em 1550 suivie d'un fragment du XVI<sup>e</sup> siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies em langue tupique de Cristovam Valente par Ferdinand Denis**. Paris: J. Techener Librairie, 1850.

DESMARQUETS, C. **Mémoires chronologiques pour servir à l'histoire de Dieppe**. Paris, Chez Desauges Librairie, 1785. 2 t.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil. História da Província de Santa Cruz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

GÓIS, Luis. Carta de Luís de Góis escrita da vila de Santos a D. João III. 12 de maio de 1548. In: DIAS, Carlos Malheiros. **História da colonização portuguesa no Brasil**. Porto: Litografia Nacional, 1921-1924. p. 259.

GONNEVILLE, Binot Paulmier de. Relation authentique les gens tenant l'admirauté de France au siège général de la table de marbre du palais a Rouen sçavoir faisons que des registres du greffe dudit siège année mil cinq cens cinq. In: JULIEN, Charles André. **Les français en Amérique pendant la 1<sup>ère</sup> moitié du XVI<sup>e</sup>**. Paris: PUF, 1946a. p. 25-49.

\_\_\_\_\_. Relação de viagem do capitão De Gonneville ás Novas Terras das Índias. In: PERRONE-MOÍSES, Leyla. **Vinte luas**: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 15-31.



LA ROQUE, Jean François de. Voyages du sieur de Roberval au Canada, 1542. In: VOYAGES de découverte au Canada, entre les années 1534 et 1542. Québec: W. Cowans et Fils, 1843. p. 90-96.

\_\_\_\_\_. Voyage de Roberval au Canada. In: JULIEN, Charles André. **Les français en Amérique pendant la 1<sup>ère</sup> moitié du XVI<sup>e</sup>**. Paris: PUF, 1946a. p.201-207.

LESCARBOT, Marc. **Histoire de la Nouvelle France**. Paris: Chez Jean Milot, 1609.

LUNA Y ARELLANO, Tristán. Carta de don Tristán de Luna y Arellano, gobernador de la Florida, a su majestad sobre lo acaecido em aquellas partes, 24 de septiembre de 1559. In: **Colección de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y colonización de las posesiones españolas em América y Oceanía, sacados em su moyor parte, del Real Archivo de Indias**, [y otros archivos del reino]. Vaduz [Liechtenstein]: Kraus reprint, 1964-1966.

MANDEVILLE, Jean de. **The travels of sir John Mandeville**. [s. l.: s. n.], 2002. Project Gutenberg eBooks. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/dirs/etex97/#startoftext> > Acesso em: 15 mar. 2004.

NOEL, Jacques. Deux lettres de Jacques Noel du St. Malo, sur la découvert du Saults en Canada, 1587. In: VOYAGES de découverte au Canada, entre les années 1534 et 1542. Québec: W. Cowans et Fils, 1843. p. 98-101.

POLO, Marco. **As viagens de Marco Polo**. Tradução Heitor Cony e Lenira Alcure. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

PROCESSO de João de Bolés e justificação requerida pelo mesmo (1560-1564). **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro** (1560-1564), Rio de Janeiro, v. 25, p. 215-308, 1903-1904.

RABELAIS, François. **Gargantua and Pantagruel**. [s. l.: s. n.], 2004. Project Gutenberg eBooks. Disponível em: <[www.gutenberg.org/files/1200/1200-h/1200-h.htm](http://www.gutenberg.org/files/1200/1200-h/1200-h.htm) >. Acesso: 17 set. 2007.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Tradução Guiomar de Carvalho Franco. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1974.

Testimonio de la capitulación que hizo con el rey el licenciado Lucas Vázquez de Ayllón para descubrir la tierra que está a la parte del norte sur de la isla Española, 35 a 37 grados. In: COLECCIÓN de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y colonización de las posesiones españolas em América y Oceanía, sacados em su moyor parte, del real archivo de Indias, [y otros archivos del reino]. Vaduz [Liechtenstein]: Kraus reprint, 1964-1966.

THEVET, André. La cosmographie vniverselle d'André Thevet cosmographe dv roy. Paris: Chez Guillaume Chaudiere, 1575. In: JULIEN, Ch-A. **Les français en Amérique pendant la 2<sup>ème</sup> moitié du XVI<sup>e</sup>**. Paris: PUF, 1946b.

VERRAZZANO, Giovanni da. Relation du voyage de la Dauphine a François I, roi de France, 1524. In: JULIEN, Charles André. **Les français en Amérique pendant la 1<sup>ère</sup> moitié du XVI<sup>e</sup>**. Paris: PUF, 1946a. p.53-76.

VERRAZZANO, Giovanni da. The voyage of John de Verrazzano, along the cost of North America, from Carolina to Newfoundland, A. D. 1524. In: COLLECTIONS of the New-York Historical Society. New York: New York Historical Society, 1841. Disponível em: <<http://www.americanjourneys.org/aj-094>> Acesso em: 11 set. 2006.

\_\_\_\_\_. The voyage of John de Verrazzano, along the cost of North America, from Carolina to Newfoundland, A. D. 1524. In: WROTH, Lawrence C., **The Voyages of Giovanni da Verrazzano, 1524-1528**. Yale: 1970. p. 133-143. Disponível em: <<http://bc.barnard.columbia.edu/~lgordis/earlyAC/documents/verrazan.htm>>. Acesso em: 11 set. 2006.

• **ESTUDOS:**

ABREU, João Capistrano de. **O descobrimento do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Capítulos de história colonial**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002.

ALBUQUERQUE, Luis de. **O confronto do olhar**. Lisboa: Caminho, 1991.

ATKINSON, Geoffroy. **La littérature géographique française de la renaissance**. New York: Burt Franklin, 1968.

\_\_\_\_\_. **Les nouveaux horizons de la renaissance française**. Paris: Droz, 1935.

BARROS, Diana Luz P. de (Org). **Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discurso**. São Paulo: Ed. USP; FAPESP, 2000.

BESSOME, Tânia Maria Tavares; QUEIROZ, Teresa Aline. (Org.). **América Latina: imagens, imaginação e imaginário**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Ed. USP, 1997.

BONNICHON, Philippe. **Los navegantes franceses y el descubrimiento de América, siglos XVI, XVII, XVIII**. Madrid: MAPFRE, 1992.

\_\_\_\_\_. **Des cannibales aux castors: les découvertes francaises de l'Amérique (1503-1788)**. Paris: Édition France-Empire, 1994.

\_\_\_\_\_. A França Antártica. In: HISTÓRIA naval brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975. v. 1.

BRANDON, William. **New worlds for old: reports from the New World and their effect on the development of social thought in Europe (1500-1800)**. Athens: Ohio University Press, 1986.

CHINARD, Gilbert. **L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècle**. Paris: Ed. Droz, 1934.

\_\_\_\_\_. **L'exotisme américain dans la littérature française au XVI<sup>e</sup> siècle**. Genève: Slatkine Reprints, 1970.

CORTESÃO, Jaime. **Os descobrimentos portugueses**. Lisboa: Acádia, 1962.

CRISTÓVÃO, Fernando. (Coord). **Condicionantes culturais da literatura de viagens: estudos e bibliografia**. Coimbra: Almedina, CLEPUL, 2002.

DIAS, José Santos da Silva. **Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI**. Lisboa: Presença, 1982.

DICKASON, Olive Patricia. **The myth of the savage: and the beginnings of french colonialism in the America**. Edmonton: University of Alberta Press, 1984.

DUVIOLS, Jean-Paul. **Voyageurs français en Amérique: colonies espagnoles et portugaises**. Paris: Bordas, 1978.

\_\_\_\_\_. **L'Amérique espagnole vue et rêvée: les livres de voyages de Christophe Colomb à Bougainville**. Paris: Promodis, 1985.

ELLIOT, John H. **The old world and the new: 1492-1680**. New York, USA: Cambridge University Press: 1978.

FEBVRE, Lucien. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Ed. Unesp; Hucitec, 1992.

FERREZ, Gilberto. A expulsão dos invasores. In: HISTORIA naval brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975. v. 1.

FIORIN, José Luis. Identidades e diferenças na construção dos espaços e atores do Novo Mundo. In: BARROS, Diana Luz P. de. **Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discurso**. São Paulo: Ed. USP; FAPESP, 2000.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos 1531-1800**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999.

\_\_\_\_\_. **A construção do Brasil na literatura de viagem: séculos XVI, XVII e XVIII**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2007. no prelo.

FRANCO, Afonso Arino Melo. **O índio brasileiro e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

FRIEDERICI, Georg. **El carácter del descubrimiento y de la conquista de América**. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

FULLER, Mary C. **Voyages in print: english travel to America, 1576-1624**. New York, USA: Cambridge University Press, 1995.

GAFFAREL, Paul. **Histoire de la Floride française**. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1875.

GARCÍA CASTAÑEDA, Salvador. **Literatura de viajes: el viejo Mundo y el Nuevo**. Madrid: Editorial Castalia, 1999.

GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

GODINHO, Vitorino Magalhães. **Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar: séculos XIII-XVIII**. Lisboa: Difel, 1990.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**. São Paulo: Ed. USP, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

\_\_\_\_\_. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **Capítulos de literatura colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.

HOOYKAAS, R. **Os descobrimentos e o humanismo**. Lisboa: Gradiva, 1983.

JOCHIMS REICHEL, Heloísa. Os relatos dos viajantes como fonte para o estudo da história. In: VÉSCIO, Luis Eugenio. SANTOS, Pedro Brum (Org). **Literatura e história: perspectivas e convergências**. Bauru: EDUSC, 1999. p 55-77.

JULIEN, Charles André. **Les voyages de decouverte et les premiers établissements**. (XV-XVI siècles). Paris: Gérard Monfort Éditeur, 2003.

\_\_\_\_\_. **Les français en Amérique pendant la 1<sup>ère</sup> moitié du XVI<sup>e</sup>**. Paris: PUF, 1946a.

\_\_\_\_\_. **Les français en Amérique pendant la 2<sup>ème</sup> moitié du XVI<sup>e</sup>**. Paris: PUF, 1946b.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LEGOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985.

LEITE, Miriam L. Moreira. **Livros de viagens, 1803-1900**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

LESTRINGANT, Frank. **O canibal: grandeza e decadência**. Brasília, DF: Ed. Unb, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mapping the renaissance world**. California: University of California Press, 1994.

\_\_\_\_\_. **L'expérience huguenote au nouveau monde: XVI<sup>e</sup> siècle**. Genève: Droz, 1996.

\_\_\_\_\_. **Le huguenot et le sauvage: L'Amérique e la controverse coloniale, en France, au temps des Guerres de Religion (1555-1589)**. Paris: Aux Amateurs de Livres, 1990.

\_\_\_\_\_. Jean de Léry, homme de la Renaissance. In: LÉRY, Jean de. **Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil, 1557**. Montpellier: Max Chaleil Editeur, 1992.

LOPES, Edward. Ler a diferença. In: BARROS, Diana Luz P. de. **Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discurso**. São Paulo: Ed. USP; FAPESP, 2000.

MARIZ, Vasco (Org). **Brasil-França: relações históricas no período colonial**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2006.

\_\_\_\_\_. PROVENÇAL, Lucien. **Villegagnon e a França Antártica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MELLO E SOUZA, Laura de. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

NOVAES, Adauto. (Org). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido de seu devir**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

PADGEN, Anthony. **Europeans encounters with the New World**. [s. l.]: Yale University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **The fall of natural man: the american indian and the origins of comparative ethnology**. New York, USA: Cambridge University Press. 1986.

PERRONE-MOÍSES, Leyla. **Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

PRATT, Mary Louise. Pós-colonidade projeto incompleto ou irrelevante? In: VÉSCIO, Luis Eugênio. SANTOS, Pedro Brum. (Org.) **Literatura e história: perspectivas e convergências**. Bauru: EDUSC, 1999. p 17-54.

PRESTES, Maria Elice Brzezinski. **A investigação da natureza no Brasil colônia**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2000.

SASTRE, María Antonia S. **La Florida, siglo XVI**. Madrid: MAPFRE, 1991.

SCHWARTZ, Stuart B. (Org). **Implicit understanding: observing, reporting, and reflecting on the encounters between europeans and the other peoples in the early modern era**. New York, USA: Cambridge University Press, 1994.

SEED, Patricia. **Cerimônias de posse na conquista europeia do Novo Mundo**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **O Rio de Janeiro no século XVI**. Lisboa: Edição da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, 1965. 2 v.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. **As terras inventadas**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

• **ESTUDOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS:**

BURKE, Peter. **The european renaissance: centers and peripheries**. [s. l.]: Blackwell Publishers, 1998.

\_\_\_\_\_. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Crítica de duas questões relativas ao anti-realismo epistemológico contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. **Um historiador fala de teoria e metodologia**. São Paulo: EDUSC, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHARTIER, Roger. **Historia cultural**. Lisboa: Difel, 1988.

\_\_\_\_\_. **À beira da falésia**. Porto Alegre: Ed. UFRS, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e pós-fácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (et al.). **História e linguagens**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas-SP: Papyrus, 1994.

\_\_\_\_\_. **História e verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1955.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Foucault revoluciona a história. Brasília, DF: Ed. Unb, 1998.

\_\_\_\_\_. **Acreditavam os gregos e seus mitos?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **O inventário das diferenças**. Lisboa: Gradiva, 1989.

WHITE, Hayden. **Meta-história**. São Paulo: Ed. USP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Trópicos do discurso**. São Paulo: Ed. USP, 1994.

#### • ARTIGOS:

ARARIPE, Tristão de Alencar. Primeiro navio francês no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 49, p. 315-331, 1889.

AUGRAS, Monique. Imaginária França Antártica. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-34, 1991.

BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d'Ó Brasil dos viajantes. **Revista USP**, São Paulo, v. 30, p. 8-19, jun./ago. 1996.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-19, 1991.

DURO, Cesáreo Fernández. Juan Cousin, verdadero descubridor de América, según el capitán inglés Gambier R. N. **Boletín de la Real Academia de la Historia**, Madrid, v. 24, p. 149-158, 1894.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Duas cartas de uma desastrada aventura colonial no Brasil. **Trópicos**, São Paulo, 14 out. 2005.  
Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1539,1.shl>>. Acesso em: 17 set. 2003.

\_\_\_\_\_. O pesadelo tropical da França. **Notícias e Opiniões**, Rio de Janeiro, [s./p.], dez. 2000a.

\_\_\_\_\_. Imagens do Brasil nas relações de viagens dos séculos XVII e XVIII. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.15, set./dez. 2000b.

GODINHO, Vitorino Magalhães. Sociedades e civilizações da Ásia: perspectiva do caravaneiro e perspectiva do navegador. **Ensaio I**, Lisboa, p. 75-105, 1968.

GONÇALVES SALVADOR, J. BRUAND, Yves. Os franceses na Guanabara: correspondência da França Antártica. **Revista de História**, São Paulo, ano 15, v. 28, p. 209-238, 1964.

GREENBLATT, Stephen. Maravilhosas possessões. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 43-62, 1989.

LANCIANI, Giulia. O maravilhoso como critério de diferenciação entre sistemas culturais. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 21-26, set./fev. 1990/1991.

LEITE, J. R. Teixeira. Viajantes do imaginário: a América vista da Europa, séc. XV-XVII. **Revista USP**, São Paulo, v. 30, p. 32-45, jun./ago. 1996.

MAGALHÃES, J R. As descrições escritas e a identidade do Brasil: séculos XVI-XVIII. **Revista USP**, São Paulo, n. 45, p. 26-37, mar/maio 2000.

MATOS, Odilon Nogueira de. A literatura dos viajantes estrangeiros como fonte para nossa história. **Memória da I Semana de História**, Franca, p. 271, 1979.

MELLO E SOUZA, Laura de. Idade Média e Época Moderna: fronteiras e problemas. **Revista Signus**, São Paulo, n. 7, p. 221-248, 2005.

MOLLAT, Michel. As primeiras relações entre a França e o Brasil: dos Verrazzani a Villegaignon. **Revista de História**, São Paulo, v. 34, n. 70, p. 343-358, 1967.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. O mito do bom francês: imagens positivas das relações entre colonizadores franceses e povos ameríndios no Brasil e no Canadá. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, p. 14-24, 1996.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonville, Thevet e Léry. **Revista USP**, São Paulo, v. 30, p. 84-93, jun./ago. 1996.



RAMINELLI, Ronald. Viagens e Inventários: tipologia para o período colonial. **Revista História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 32, p. 27-46, jan./jun. 2000.

SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza – ambigüidades no olhar do viajante. **Revista USP**, São Paulo, v. 30, p. 94-104, jun./ago. 1996.

WEHLING, Arno. As recepções do descobrimento. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, v. 161, p. 9-24, abr./jun. 2000.

WOORTMANN, Klaas. O selvagem e a história: Heródoto e a questão do outro. **Revista Antropologia**, Brasília-DF, v. 43, n. 1, p. 13-59, 2000.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)